

R. B. ROSENTHAL  
LIVROS  
Lisboa 2 — Portugal

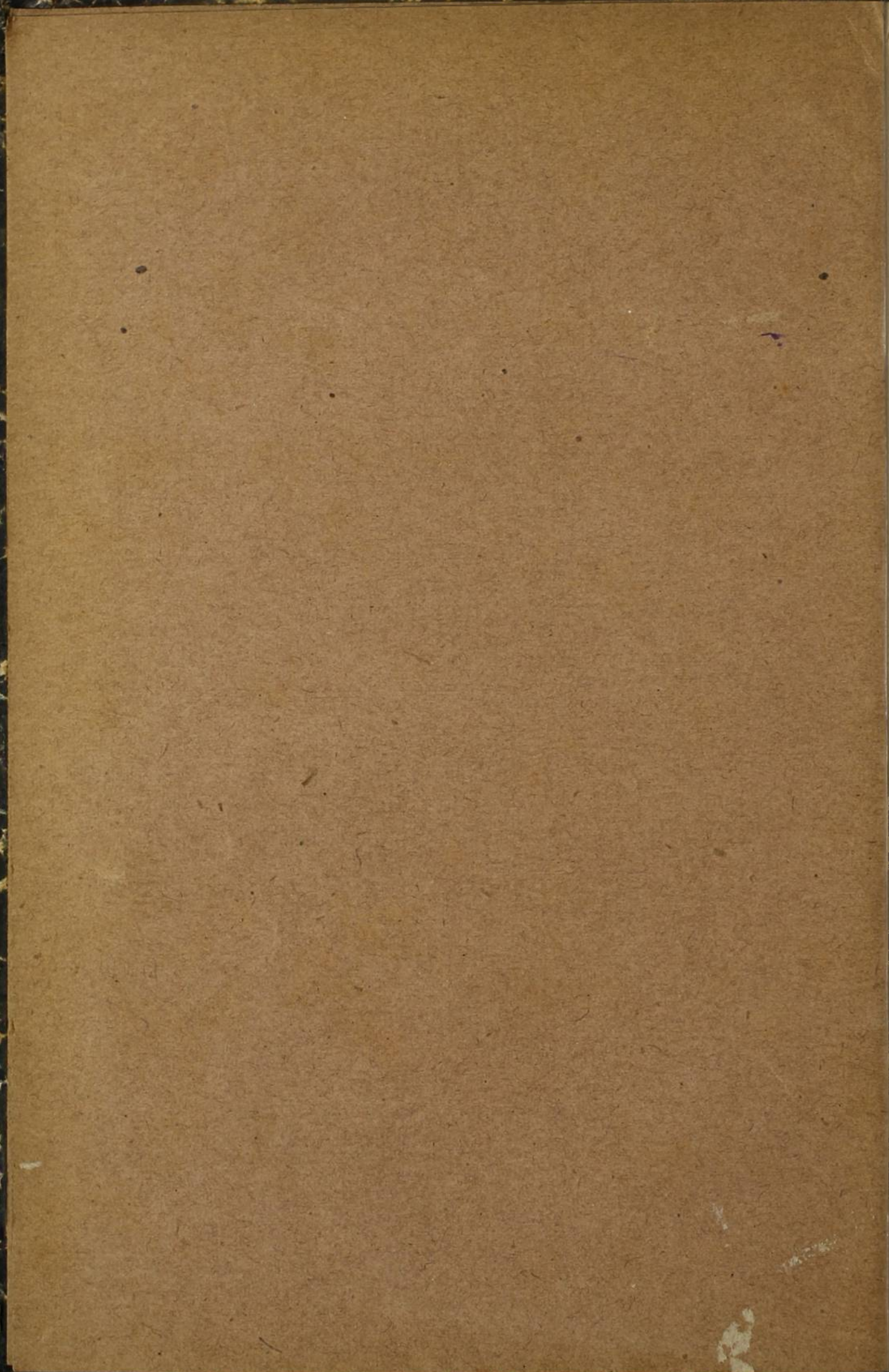
13/IV/78

le ne fay rien  
sans  
**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin

16 B 4



# A ESTRANGEIRA

COMEDIA *em 5*

*actos*

DE

## A. DUMAS FILHO

VERSÃO PORTUGUEZA

DE

### UMA JOVEN BRAZILEIRA

---

Representada no theatro de S. Luiz em 1877

---

**RIO DE JANEIRO**

TYP. DO IMPERIAL INSTITUTO ARTISTICO

Rua d'Ajuda n. 61, (Floresta).

1878

Do meu honr. am. e distin-  
tissimo amador da arte  
de Thalmat ~~de Thalmat~~  
~~de Thalmat~~ off.º como am.  
dedicado e ser humilde  
collega na mesma  
arte ~~Arthur R. Howard~~  
Pisbon 6/9/1898.

---

## PERSONAGENS

---

### Os. SRS.

O DUQUE MAXIMINO DE SEPTMONTS.....	Amoedo
MAURICEAU.....	Rangel.
RÉMONIN.....	Silva Pereira.
GÉRARD.....	Medeiros.
CLARKSON.....	Valle.
GUY DES HALTES.....	Costa.
D'HERMELINES.....	Paiva.
DE BERNECOURT.....	Paiva.
CALMERON.....	Monclar.
CATHARINA DE SEPTMONTS.....	D. Appollonia.
MISTRESS CLARKSON.....	D. Maria Adelaide.
A MARQUEZA DE RUMIÉRES.....	D. Auróra.
A SRA. DE HERMELINES.....	D. Cecilia.
A SRA. CALMERON.....	D. G. Monclar.
O COMMISSARIO.....	Paiva.
UM CRIADO.....	Peixoto. ♀

Passa-se a scena em Pariz; os 1º 2º 4º e 5º actos são em casa da duqueza de Septmonts e o 3º em casa de mistress Clarkson.

---

1874

Received of the Treasurer of the State of New York

the sum of \$1000.00

for the purchase of land

for the use of the State

of New York

in the year 1874

for the purchase of land

for the use of the State

of New York

in the year 1874

for the purchase of land

for the use of the State

of New York

in the year 1874



Arthur N. André

## ACTO I

Salão de summa elegancia, abrindo para outros salões e illuminado como para saráu. Criados empoados e de rica libré percorrem em varias direcções o fundo do theatro. Grande janella á direita do espectador.

### SCENA I

Remonin e Mauriceau (*entrando pelo fundo*).

MAURICEAU

Tu aqui, nos aposentos particulares da duqueza, de minha filha!

REMONIN

Ah! então era por isso, que este criado me recusava obstinadamente a entrada?

MAURICEAU

Está claro. Si minha filha cedeu em favor d'esta festa de caridade quasi todo o palacio e seus jardins, não é muito que reservasse os seus aposentos particulares para si e para os amigos mais intimos. E tu entras n'este numero, posto não te veja, vai para vinte annos, e, nem por sombras, esperasse encontrar-te agora.

REMONIN

E eu, vindo aqui, como todos vieram, para dar os meus vinte francos aos orphãos d'esses infelizes mineiros, protegidos por tua filha, nem me passava pela idéa que esta alta e poderosa duqueza

d  
de Septmonts fosse a senhorita Mauriceau, a quem  
dei entrada no mundo ; pois fui eu quem presidio  
a  
o seu nascimento.

MAURICEAU

Já lá vão vinte e tres annos!... Pois tu não sabias que a duqueza de Septmonts era minha filha? E' curioso! Todo Pariz sabe-o.

REMONIN

Eis ahi porque eu o não sei. Como tu não pensastes senão n'esse *todo Pariz* e não me convidaste para o casamento, claro é que não tive noticia d'isso.

MAURICEAU

Ignorava que fim tinhas levado.

REMONIN

Bastava-te procurar no almanak do commercio, letra R; lá acharias: « Remonin, professor no collegio de França, rua Madame, 103. » Nada tão commodo, como aquelle almanak, para dar-se com a morada dos amigos.

MAURICEAU

Conheces perfeitamente como se passa a vida em Pariz. Tu trabalhavas do teu lado e eu do meu. E que tal?... achas-me mudado?

REMONIN

Não. Estás na mesma, pouco mais ou menos.

MAURICEAU

Eu sei cá si vou envelhecendo? Não dou por isso senão quando faço a barba.

REMONIN

E esse estomago, sempre valentão ?

MAURICEAU

Sempre.

REMONIN

E a Sra. Mauriceau ?

MAURICEAU

Morreu, meu amigo... Pobre mulher !

REMONIN

Ha muito ?

MAURICEAU

Ha sete para oito annos.

REMONIN

De que ?

MAURICEAU

Do figado, segundo os medicos ; mas não está bem averiguado ; ella nunca teve boa saude : ia definhando a olhos vista. . . Aquillo foi grande desgosto... Mudemos, porém, de conversa. E tu ? estàs casado ?

REMONIN

Eu não.

MAURICEAU

Bofé que tens juizo. Isto de familia tem seus prós, mas olha que tambem tem grandes contras.

CREADO (*entrando*).

Estão ahi a pedir o artigo para o *Diario*.

MAURICEAU (*tirando um papel do bolso, vai fechalo n'um sobrescripto, fazendo signal ao creado para esperar ao fundo*).

Está bom.... ahi vai. (*A Remonin*). E' para um noticiarista, que me veio pedir pormenores da festa d'esta noite e ao mesmo tempo da familia e dos antepassados do meu genro—os Septmonts, — raça antiquissima. Satisfil-o em poucas linhas. Já que lhe deu para fallar da festa, descreva-a ao menos com rigorosa exactidão. Quer tambem o homem alguns apontamentos a meu respeito. Tinha vontade d'escrever a minha biographia a proposito dos novos armazens, que se acabam de abrir na rua da Paz. Premeditava fazer um parallelo entre a industria da quadra, em que eu estreei, e a de hoje. Sobre este ponto reservo-me para instruil-o de viva voz. (*Ao creado entregando-lhe a carta*). E' verdade..... Diga à duqueza que lhe desejo fallar. (*Affasta-se o creado*). Ah! meu velho! (*Abraça-o*). Meu Remonin! que prazer o de tornar a vêr-te? E' tão vertiginosa a vida em Pariz, que não resta lazer para se procurarem os amigos. Mas, si não sabias do casamento de Catharina com o duque de Septmonts, quem te disse que me acharias aqui?

REMONIN (*olhando-o com intenção*).

Foi Gerard, com quem ha pouco me encontrei. Lembras-te d'elle?

MAURICEAU

Si me lembro! Gerard tambem por ahi anda?

REMONIN

Anda.

MAURICEAU

E como está elle?

REMONIN

Optimamente de saude e de posição.

MAURICEAU

Não me admira que haja feito carreira : era um rapaz intelligente e laborioso. E a mãe d'elle?

REMONIN

Ainda vive. Servio de aia á tua filha, não?

MAURICEAU

Cinco ou seis annos. E Gerard, que faz agora?

REMONIN

Foi um dos meus melhores alumnos da Escola Polytechnica ; hoje dirige a exploração de umas minas. Publicou sobre este assumpto trabalhos interessantissimos. Associou-se-lhe logo uma grande companhia de mineração, e tem já trinta a quarenta mil francos de rendimento annuaes. Occupa-se agora, por meu pedido e encomenda de um americano, em compôr um grande trabalho ácerca da lavagem do ouro ; e si der conta da mão, como espero, ganhará grossa maquia.

MAURICEAU

Tanto melhor ! tanto melhor ! Disseste-lhe que me vinhas procurar aqui?

REMONIN

Sim ; disse-lhe que eramos camaradas velhos.

MAURICEAU

Elle não te incumbio de me dizeres nada ?

REMONIN

Não.

MAURICEAU

E' singular ! Não teve animo. Está bom ; não lhe quero mal por isso. Explica-se.

REMONIN

Explica-se ! Como ?

MAURICEAU

Depois t'ò contarei. Exquisita coisa que é a vida ! Recordas-te do meu quartinho no arrabalde de São Dionyzio ? Que francas e alegres gargalhadas alli demos ! Bom tempo aquelle ! Não passava eu de um simples caixeiro e tu eras interno na Casa Municipal de saúde, que ficava pouco adiante do armazem de meu patrão. Iamos, de vez em quando, almoçar e jantar á tasca da tia Salignon, por tres francos, conta redonda. N'este comenos, deu me o tio Maroizel sociedade na casa e a mão da filha. E' verdade que lhe não restava escolha ; a pequena estava mesmo doidinha por mim. Lembras-te d'aquelles escuros armazens, d'aquelles freguezes grosseirões, d'aquelle velho *ram-ram* commercial ! Depois da morte do tio Maroizel foi tudo de pernas para o ar. Não era facil attrahir alli a alta sociedade. Pois esse milagre realisei-o eu, e recolhi-me ao descanso com dez milhões, conservando na casa uma parte importante que, logo depois do casamento de minha filha, vendi por dez reis de mel côado.... por uns seis milhões. Dando á pequena

ingresso na fidalguia, não podia eu continuar a ser mercador, nem mesmo com testa de ferro; não achas?

REMONIN

E' claro.

MAURICEAU

Em summa : empreguei os capitaes em outros negocios, bem seguros. Ora aqui está como vens encontrar o teu amigo com uma vintena de milhões.

REMONIN

Parabens !

MAURICEAU

Isto não vai mal e não ha razão de queixa.

REMONIN

Visto isso, és feliz ?

MAURICEAU

Felicissimo !

REMONIN

E essa nova vida, que tal ?

MAURICEAU

E' deliciosa ; e ao cabo de algum tempo, parece que a gente nasceu com ella. A principio, certas toleironas, empoleiradas em sua nobreza, como papagaios em sua gaiola, atiravam-me algumas chufas a respeito da minha antiga taboleta das *Tres Sultanas* ; como, porém, meu genro já me havia contado varias historietas acerca da maior

parte d'ellas, trouxe-as ao bom caminho. Quanto aos homens, não se mettem comnosco. Septmonts é perito á espada. Bateu-se, em solteiro, em dois ou tres duellos, deixando os adversarios fóra de combate. De mais, os homens seguem sempre o partido das mulheres bonitas; e como a duqueza, minha filha, é uma das mais lindas, elegantes e ricas das suas relações, anda cercada de uma verdadeira côrte, e vai tudo ás mil maravilhas.

REMONIN

E ella? Tambem é feliz?

MAURECEAU (*hesitando*).

Sim.... é....

REMONIN

O marido ama-a?

MAURICEAU

Como se ama entre aquella gente. Elles tem lá os seus costumes, que não tratam de mudar; mas pouco a pouco isso virá.

REMONIN

E porque razão quizeste casar tua filha nessa classe? Era do gosto della?

MAURICEAU

Não; mas com quem querias tu que eu a casasse? Com um mercador, como eu? O commercio só serve para enriquecer e mais nada, principalmente tratando-se de uma rapariga, que falla quatro linguas e que é um portento musical. Com um banqueiro? Para ouvir matinar em



dinheiro de manhã á noite ? Com um militar ? Iria á guerra na Africa ou na China, dando a final baixa, ou reformando-se. Ora que figura faz um militar com baixa, ou reformado ? ! Com um marítimo ? Para a deixar sempre só, quando andasse a girar em roda do mundo ? Com um politico ? A' primeira mudança de situação passaria a fronteira, si lhe dessem tempo. Com um artista ? Fal-a-hia frequentar frescas sociedades ! Com um medico ? Para a acordarem a toda a hora, a proposito de qualquer indisposição do visinho ! Com um sabio ? Passaria a vida, como tu, n'um laboratorio. Todos esses individuos, por apoucada, que seja a sua intelligencia e dignidade, comprehendem e são os primeiros a reconhecer a impossibilidade de semelhante enlace. Olha ; ahi tens um exemplo em Gerard. (*Afasta-se*).

REMONIN

Em Gerard ? !

MAURICEAU

Sim. (*Approxima-se*). Aqui á puridade : elle bebia os ares por Catharina, que tambem dava o cavaco por elle. (*Outro tom*). Tu conheces meu genro ?

REMONIN

Eu não.

MAURICEAU

Como homem, tanto no physico como no moral, Gerard vale mil vezes mais, do que elle. E' que, ( só aqui para nós, que ninguem nos ouve ), toda esta fidalguia vai cahindo a pedaços ; e si, de tempos a tempos, não viessemos nós infundir-lhe o nosso dinheiro e o nosso sangue, iria por agua abaixo. Mas, que estava eu dizendo ?

REMONIN

Dizias que Gerard valia mil vezes mais, que teu genro.

MAURICEAU

Sim. E não obstante, foi o primeiro a comprehender que era impossivel o seu casamento com Catharina. Não tinha elle patrimonio nem nome ; era filho de um modesto negociante, com quem eu tivera transacções e que morreu quasi insolvente. A viuva, para pagar as dividas, vio-se obrigada a vender todo o espolio. Louvavel procedimento ! Abri-lhe minha casa ; fil-a aia de minha filha, porque lá instrucção e honestidade tinha ella. Não recuso tambem elogios por esta acção ; mas, (sejamos franco) era isso razão sufficiente para aconselhar-me á casar minha filha com o filho d'ella ? Fiz mal, confesso, de lhes consentir viverem em tanta intimidade. Quando Gerard sahia da Escola Polytechnica e vinha visitar sua mãe, passava comnosco parte do dia. Foi imprudencia minha ; foi. Devêra lembrar-me do que eu tinha sido na idade d'elle ; quando, porém, já se não é moço, parece-nos que ninguem mais o é. Em summa : vendo que se tornava serio o caso, tive uma conferencia, tambem séria, com Gerard. Devo confessar que, ás primeiras palavras, elle comprehendeu tudo e retirou-se. Não direi que sua mãe animasse aquelles sentimentos, nem que lhes houvesse sonhado irrealisavel desfecho ; vio-se, porém, na dura necessidade de sahir de uma casa, aonde seu filho não poderia mais voltar. Em verdade ; não se ganham no commercio vinte milhões para dal-os ao filho da aia de nossa filha ! Não, caro amigo ; reflecti com madureza e tomei o unico alvitre, que me cumpria. Quando se tem uma

filha bonita e riquissima e não se passa de um plebeu, de um filho da fortuna, como eu, só uma idéa se deve ter—a de dar entrada á esta filha na sociedade, e não ha mais que uma, onde a belleza, o talento, a opulencia sirvam devéras para alguma cousa, e possam brilhar com todo o seu esplendor.

REMONIN

E si houvesses tido um filho?

MAURICEAU

Si eu houvesse tido um filho, em lugar de uma filha, teria de certo pensado de modo totalmente diverso ; teria invocado os immortaes principios de 89 e proclamado a igualdade dos homens ; porque meu filho, Mauriceau de nascimento, morreria Mauriceau, salvo si fosse homem de genio. Mas, não sei porque tal idéa nunca os millionarios a têm ; é esse o recurso dos pobres diabos. Deu-me Deus uma filha ; é caso differente Nada melhor que uma filha, porque muda de nome, casando-se. Duqueza de Septmonts ! isto diz tudo ! Somos hoje duqueza ; duqueza deveras ! Comprámos em cinco minutos setecentos annos de nobreza. Sabia eu que meu genro leváva vida airada. Estava crivado de dividas, quasi arruinado, é certo. Sei que vae agorentando o dote. Mas os filhos da filha de Mauriceau serão, conforme a idade, duques, marqueses, condes, viscondes, barões ; hão de ser inscriptos no grande livro de brazões da França entre os mais nobres e illustres. Isso já ninguem nos póde tirar ; o tabellião e o padre solemnisaram o acto. Os que me chamam vaidoso e pedaço d'asno é por não poderem fazer o mesmo.

REMONIN.

E a duqueza está casada ha...

MAURICEAU

Ha dezoito mezes?

REMONIN

E tem nm filho?

MAURICEAU

Não.

REMONIN

Então os duquezinhos vão tardando?

MAURICEAU

Elles virão. Tudo tem sua hora.

REMONIN

E's um grande politico, sem teres ares d'isso.

MAURICEAU

Tenho experiencia ; nada mais.

REMONIN

Dou-te por isso os emboras. A proposito, porém, de relações—de que modo conheceste o duque de Septmonts? Não eras nem de sua idade, nem de sua roda. Dar-se-ha caso que fosses credor d'esse fidalgo?

MAURICEAU

Não. Eu não tinha mesmo lançado vistas sobre elle, de preferencia a outro qualquer.

REMONIN

Mas querias fazenda d'essa estofa !

MAURICEAU

Queria, sim ; mas não ignorava que só poderia obtel-a em certas condições.

REMONIN

Um tanto avariada !

MAURICEAU

E' evidente que um fidalgo, quando contrahe casamento desigual, tem lá suas razões. Ha familias boas e más ; ha, porém, muitas, onde escolher. Eu fui esperto. Consegui ser apresentado em uma das casas de Pariz, onde havia mais probabilidade de encontrar o que procurava ; foi no palacete de uma estrangeira muito linda, muito elegante, muito rica e muito original. Nunca, de certo, ouviste fallar d'ella, pois em teu laboratorio não se ouve fallar de nada. Chama-se Mistress Clarkson.

REMONIN

Conheço-a.

MAURICEAU

Conhecesl-a ?

REMONIN

Sim. Para ella, ou antes, para seu marido, proprietario de minas na America, é que Gerard está escrevendo o trabalho, de que ainda agora te fallei. Acabo de encontral-a nos jardins, onde ella conversava com Gerard, a quem parecia attender com vivo interesse. Não contes nada

d'isto a teu genro, que dizem foi amante d'ella, em solteiro, e affirmam que ainda o é.

MAURICEAU

E' possível ; mas isso não é de minha conta.

REMONIN

Evidentementè.

MAURICEAU

Que foi que disseste ?

REMONIN

Nada. Continúa.

MAURICEAU

Mistress Clarkson recebia tudo, que de mais elegante, nobre e distincto havia entre homens. E' mulher de alto espirito. Por algumas palavras, que voluntariamente me escaparam, adivinhou ella o que eu procurava e apresentou-me ao duque, dizendo-me: « Ahi tem o que lhe convém. »

REMONIN

Ella assistio ás nupcias ?

MAURICEAU

Não. Nunca vi mulher nenhuma em sua casa, nem ella em casa de outra. Demais ; já que a conheces e sabes de seus habitos, tanto como eu..

REMONIN

Só a visitei duas ou tres vezes.

MAURICEAU

Offereci-lhe um rico presente.

REMONIN

E ella acceitou?

MAURICEAU

Acceitou. Mistress Clarkson é mulher pratica e está convencida de que os sentimentos são valores, que devem ser representados por moeda corrente. Sem isto, não saberíamos o que pensar a respeito da sinceridade de sua expressão. Dei-lhe um collar de perolas de seis voltas, com fecho de diamantes, e que me custou dez mil libras esterlinas, em casa de Mortimer, em Londres. Meu genro terá feito outro tanto. D'esta maneira ficámos quites, como cumpre a pessoas de nossa condição. Ahi tens como se arranjou o casamento de minha filha.

REMONIN

E' um modo, como outro qualquer.

MAURICEAU

Mas olha! Não te sumas outra vez; vem um destes dias para jantarmos juntos, como antigamente.

REMONIN

Na tasca da tia Salignon?

MAURICEAU

Prompto. Isso far-nos-hia remoçar; creio, porém, que jantaremos melhor em minha casa.

Eu moro aqui ao lado, no palacete contiguo. Mandei construir estes dois ao mesmo tempo. Vêm, para cavaquearmos. Passo vida de solteiro. Encontrar-te-has talvez com uma linda mulher. Uma bonita moça não te metterá medo; não é assim? Não te prometto que da segunda vez seja a mesma. Quando se consumiram trinta annos e mais na industria e nos negocios; quando se está retirado da vida activa; quando se casou a filha unica; quando se passou uma juventude laboriosa e casta; quando se tem sido, por desesseis annos, casado e fiel...

REMONIN

Oh! Oh!

MAURICEAU

... minha mulher de nada desconfiava, o que vem a dar na mesma; ... quando finalmente se conservou o estomago, e se tem só sessenta annos, póde a gente permittir-se algumas distracçõeszinhas. Ha ahí tantas economias! não faz mal desatar, um dia por outro, os cordões à bolsa. A expressão não foi de todo infeliz; está feito!... Meu velho Remonin; como eu estou contente de te ter tornado a ver!

## SCENA II

Os mesmos, a marquezia de Rumières, Catharina de Septmonts, Guy des Haltes, Calmeron, Septmonts, a Sra. Calmeron, Bernecourt, a baroneza d'Ermelines, d'Ermelines. (*Estas personagens devem estar, ha algum tempo, no salão do fundo, onde conversam, tomando chá, em pé ou passeando, mas visiveis para o espectador.*)

MARQUEZA DE RUMIÈRES

Oh meu caro Sr. Mauriceau; receba minhas



felicitações. (*A Remonin*). O senhor aqui! (*A Mauriceau*). Sim; sua festa está deslumbrante.

MAURICEAU

Não fui eu, marqueza, e sim minha filha.

MARQUEZA

Evidentemente não foi o senhor. (*A Remonin*). Mas elle tem gosto e o mostrou. Foi o primeiro negociante, que se lembrou de offerecer cadeiras aos freguezes e lhes deu a saborear um biscoito e um calix de *Malaga*. Era uma *idéa*, e com uma idéa em Pariz enriquece-se. (*A Mauriceau*). Avistei no jardim seu successor, tendo à colla a mulher, que traz diamantes até no corpinho. Metti-o á bulha, dizendo-lhe que a casa delle não era igual á sua, Sr. Mauriceau. (*A Remonin*). Então, para vel-o é preciso vir aqui? Ah! e senhor é muito amavel; escrevem-lhe; dirigem-lhe convites, e o senhor não vem!

REMONIN

Vivo tão occupado!... (*Mauriceau vai reunir-se aos outros personagens*).

MARQUEZA

Pelo que vejo conhece Mauriceau?

REMONIN

E' um de meus camaradas de rapaziada.

MARQUEZA

Typo excellente! Quando ha de vir o senhor tomar chá comigo? Mas agora me lembro. Acabo de lêr seus artigos na *Revista*; são interessantis-

simos; mas meu *Jornal* e meu confessor dizem que o senhor é um terrível materialista, um agente do inferno.

REMONIN

E' exageração.

CATHARINA (*entrando, a Mauriceau*).

Mandou-me chamar?

MAURICEAU

Mandei. Mas o que tens, que te vejo tão descorada?

CATHARINA

E' de cansaço. Tive de conversar com tanta gente, fazer tanta mesura, responder a tanto cumprimento!

MAURICEAU, (*apresentando-lhe Remonin*).

Aposto que não conheces aqui este senhor?

CATHARINA (*depois de ter olhado para Remonin*).

Não.

MAURICEAU

Pois elle conhece-te desde que tu nasceste; mas depois disso tem mudado muito.

CATHARINA

E eu ainda mais, não é assim, senhor?

REMONIN

Com a differença que lucrou com a mudança.

CATHARINA

Meu caro Sr. Remonin ; espero que recobrará o perdido tempo considerando, como si propria fosse, esta parte da casa, onde estamos n'este momento. Quando melhor me conhecer saberá que não digo isto por mera formalidade ; conto que venha a ser meu amigo.

REMONIN

Lembra-se então de meu nome ?

CATHARINA

Minha mãe fallou-me por muitas vezes no senhor, a quem devia gratidão e estima e cujos trabalhos e triumphos seguia de longe. Ella vivia retirada e modestamente ; era, porém, dotada de superior intelligencia e atilado criterio. Visite-me com assiduidade, por quem é; n'isso me dará grande prazer. Eu já o lobrigára ha, pouco, no jardim, sem saber quem era. Estava o senhor conversando com pessoa de meu conhecimento, que talvez lhe fallasse de mim.

REMONIN

E' verdade.

CATHARINA

Por que razão o Sr. Gerard só me cumprimentou de longe ? Por que motivo não se aproximou de mim ?

REMONIN (*vendo chegar Septmonts*).

Conversaremos.

CATHARINA (*apresentando Remonin a Septmonts*).

O Sr. de Septmonts. (*A Septmonts*). O Sr. Remonin, cujo nome lhe deve ser muito conhecido. (*Affasta-se*).

SEPTMONTS

Muito. Felicito-me pela ocasião, que se me offerece, de travar conhecimento com o senhor. Disse-me agora meu sogro que foi o senhor o medico, que presidio ao nascimento da duqueza. Escuso dizer-lhe, por minha vez, que ninguem mais do que eu, lhe deve gratidão por esse motivo. Peza-me dever ao acaso de uma festa publica o prazer de lh'a testemunhar. Tenho, entretanto, ouvido fallar muito do senhor, e particularmente por uma gentil senhora, a quem frequente e que supponho teve a felicidade de prestar-lhe um serviço; refiro-me a Mistress Clarkson.

REMONIN

Assim é, com effeito.

SEPTMONTS

E' uma das minhas melhores amigas.

GUY, (*que se approxima*).

Não diga isso tão alto, principalmente aqui, e dê-me a honra de me apresentar ao Sr. Remonin.

SEPTMONTS, (*apresentando Guy a Remonin*).

O Sr. Guy des Haltes, um dos meus camarada

de collegio, que anda fazendo á côrte á minha mulher e pregando moral á mim.

GUY

Tu bem sabes....

SEPMONTS

Sei perfeitamente que a duqueza é senhora honesta e que nada tenho a recear de ti... graças a ella. E' tão natural que rendas homenagens á duqueza de Septmonts, como é natural que eu as tribute á Mistress Clarkson. A galanteria constitue parte dos direitos, ou quasi dos deveres da nossa sociedade, e si esta de chofre, a supprimisse, deixaria de ser supportavel. Portanto, faze lá a tua côrte á duqueza, meu caro Guy; tem dó d'ella; dize-lhe até algum mal de mim, mas não em demasia. Satisfaço-me com asseverar-te que perderás o tempo; no dia, em que qualquer intromettido achar extraordinario o que eu considero simples, comigo terá de haver-se. (*Põe-lhe a mão no hombro*). Anda lá, meu caro Guy; vai: a duqueza está sosinha; aproveita a occasião, e nós, Sr. Remonin, vamos tomar uma chicara de chá. (*Neste entrementes Catharina se tem approximado da janella, que abrira, e otha para o jardim, como quem precisa tomar ar, escondendo com o leque parte do rosto. As outras pessoas tomam chá e conversam em diversos grupos no primeiro salão.*

GUY (*approximando-se de Catharina*).

Foi o duque quem me mandou para a senhora.

CATHARINA

Para?...

GUY

Para que não esteja só !

CATHARINA

E' bem delicado o Sr. duque ! Si estou só em minha casa, no meio de toda esta multidão, é por que é meu gosto estar só.

GUY

N'este caso retiro-me.

CATHARINA

Não.

GUY

Que tem ?

CATHARINA

Calor.

GUY

Que está ahi a fazer ?

CATHARINA

Tomando fresco.

GUY

Está humida a noite. Vai adoecer.

CATHARINA

E que tem o senhor com isso ?

GUY

Ainda o pergunta ?

CATHARINA

Ah! Agora me lembro ; o senhor disse-me.... quando foi isso ? Ah ! sim hontem.... creio eu.... que me amava. Amar-me o senhor ! Que quer isso dizer ?

GUY

A grande vantagem da palavra é ser clara.

CATHARINA

E elastica e sonora, e vazia, e injuriosa, e estúpida e inutil.

GUY

E' por isso que seu marido me autorizou a repetir-lh'a quantas vezes eu quizer. Tinha elle certeza de que a senhora não me daria credito.

CATHARINA▲

E tem razão.

GUY

E na minha amizade acredita ?

CATHARINA

Tanto, como no seu amor.

GUY

Em que acredita então ?

CATHARINA

Em nada, graças a Deus !

GUY

Deve soffrer muito.

CATHARINA

Tenho, às vezes, enxaqueca.

GUY

Não me refiro a esses soffrimentos.

CATHARINA

Outros não conheço.

GUY

Deixe-me fechar a janella. (*Fecha-a*).

CATHARINA

Tem medo de constipar-se?

GUY

Não; mas a senhora estremece em calafrios; está com febre.

CATHARINA

Por feliz acaso, está ahi o Sr. Remonin.... Acabo de reatar conhecimento com elle; poderá receitar.

GUY

Para isso não é preciso medico.

CATHARINA

Talvez o senhor saiba o que eu tenho.



GUY

Sei. A senhora tem um marido, que não a ama.

CATHARINA

Que mais?

GUY

E a quem a senhora paga na mesma moeda.

CATHARINA

Desgraça menor do que si o amasse.

GUY

Que ainda em cima hade reduzil-a á pobreza.

CATHARINA

Isso é lá com meu pai. Mas eu suppunha o senhor um dos amigos de meu marido.

GUY

Um dos seus camaradas.

CATHARINA

E como não se póde amar marido e mulher, e seja forçoso optar, o senhor opta pela mulher!... E' muito tarde! Devia apresentar-se quando eu era solteira. Tão innocente era então, que facilmente o acreditaria, e como o senhor é de nobreza, igual á do senhor de Septmonts, talvez meu pai o preferisse. Quem sabe si fôra melhor? Bastaria que o senhor fosse polido comigo, e eu teria sido capaz de adoral-o.

GUY

Tem razão ; partirei.

CATHARINA

Oh! que heroismo! E' o expediente dos homens em casos, como este. Emprenhem uma viagensinha e voltam curados.

GUY

Que quer dizer?

CATHARINA

Que esse meio já foi posto em pratica.

GUY

Por quem?

CATHARINA

Por outro.

GUY

Que a amava?

CATHARINA

Sim, que dizia amar-me.

GUY

E por quem era correspondido?

CATHARINA

Não é de sua conta.

GUY

Antes, ou depois do seu casamento?

CATHARINA

Antes, ou depois; que lhe importa?

GUY

Foi antes.

CATHARINA

Pois fosse.

GUY

Agora adivinho o motivo de sua agitação n'este momento.

CATHARINA

Eu estou agitada ?

GUY

A senhora vio o tal homem esta noite ; foi por isso, que subio tão precipitadamente para aqui. Continúa a amal-o ?

CATHARINA

Ódeio-o.

GUY

E' a mesma coisa. Quer que eu vá em procura d'elle ?

CATHARINA

Seria capaz disso ?

GUY

Pela senhora sou capaz de tudo.

CATHARINA

E seu amor ? Póde haver amor sem ciume ?

GUY

E que vale amor sem dedicação?

CATHARINA

Quem o ouvisse crel-o-hia sincero.

GUY

Experimente. Diga-me a verdade e juro-lhe, não que a deixe de amar, mas que a amarei de outra maneira.

CATHARINA

E um dia ; lá para diante, quem sabe o que succederá ! Um primeiro amante por amor, um segundo por despeito e os outros por habito ! E quando já se é amigo póde-se ser um d'estes ! Não é assim ? Mas eu não comprehendo nada dessas galanterias legaes e engenhosas, que iludem marido e amante. No dia, em que tivesse certeza de amar, e, mais que tudo, de ser amada, pertenceria toda inteira ao meu amor ; absorveria toda a vida do homem, que eu houvesse julgado digno de mim ; dar-lhe-hia toda a minha existencia e partiria com elle...

GUY, (*vendo um criado approximar-se da duqueza*).

Cautela ; vem gente !

CATHARINA

Que o salva do enleio.

CRiado, (*apresenta n'uma salva um cartão a Catharina*).

A pessoa, que mandou entregar este cartão á

Sra. duqueza, espera em um dos salões do andar inferior.

GATHARINA, (*que tem lido*).

Que insolencia!

GUY

O que é!

CATHARINA, (*entregando-lhe o cartão*).

Leia.

GUY, (*depois de ter lido*).

E o que respondeu?

CATHARINA, (*escreve n'um seu cartão*).

O que deveria responder. (*Ao criado, entregando-lhe o cartão, no qual escrevera*). Eis a resposta. (*Em voz alta e dirigindo-se para as outras personagens*). Qual das senhoras pôde dar-me informações seguras a respeito de uma estrangeira, que se chama Mistress Clarkson?

A SRA. D'ERMELINES

Não creio haja em nossa roda uma só, que lhe possa fallar d'essa senhora senão por tradição, pois julgo que nem uma lhe dirigio ainda a palavra; ao passo que estou convencida de que entre estes senhores não ha um só, que não esteja habilitado á dar as informações, pedidas pela senhora duqueza; tomo por exemplo meu marido e meu irmão; mas não afaço a sinceridade d'elles; são grandes admiradores d'essa dama.

## D'ERMELINES

Mas, minha cara amiga ; nós fomos á casa de Mistress Clarkson, como se vai á qualquer parte, em Pariz ; já lh'o disse. Demais, foi seu irmão, foi aqui Bernecourt quem me apresentou.

## BERNECOURT

Conhecia-a em Monaco. Eu não jogava ; era *mirone* ; ella estava junto á mesa da roleta, em pé e sorrindo. Ainda estou a vêr suas mãosinhas, ou antes, suas garrasinhas enluvadas amarrando os bilhetes de banco e passando por cima da cabeça dos jogadores para collocar a parada, ou levantar o ganho. Jogava o maximo de cada lance. Dir-se-hia que baldava esforços para experimentar alguma nova commoção. N'essa noite perdeu setenta, ou oitenta mil francos, e retirou-se, dizendo, como si se tratasse apenas de algumas peças d'oiro.... « Não estou hoje de veia. » No dia seguinte ganhou cem mil francos, sem maior commoção, que na vespera. « Voltou a sorte » disse com o mesmo accento de voz. E, empurrando a ruma de bilhetes e de oiro para a frente do banqueiro, accrescentou : « Tenha a bondade, senhor, de me mandar tudo isto amanhã. » Em seguida, tomou o braço de um de seus cortejadores, que a escoltavam aos tres e aos quatro. Como a todos elle conhecia, eu pedi-lhes e conseguí ser apresentado áquella senhora. Encontrei-a depois em Pariz, sempre elegante, sempre rodeada de adoradores, sempre impassivel :

## A SRA. D'ERMELINES

Do dinheiro, que ella ganha ao jogo, bem se vê a procedencia ; mas o que perdia d'onde lhe vinha ? Esses rios de diamantes, que na *Opera*

lhe inundavam as espadas, a ponto de dar-lhe apparencias de um segundo lustre....

D'ERMELINES

Que illumina mais, que o primeiro ;

A SRA. D'ERMELINES

D'onde lhe vem esses rios de pedraria ?

A SRA. CALMERON

D'onde vem os rios,—dos regatos.

CALMERON

Talvez, cara amiga, a senhora accuse falsamente, só pelo prazer de aproveitar um bom dicto. Recebi, só este anno, por conta de Mistress Clarkson, perto de dois milhões, sem fallar em outra somma igual, que ella depositára em minha casa. Além d'isso, eu sei que ella tem uma importante conta no banco.

A SRA. CALMERON

E d'onde recebeu o senhor esse dinheiro ? Sabem todos que eu não sou seu caixa.

CALMERON

¶ D'America. E como n'America se encontra oiro nos pequenos regatos, seu trocadilho se torna menos maligno.

A SRA. CALMERON

E esse dinheiro, por quem foi remettido ?

CALMERON

Pelo Sr. Clarkson.

A SRA. D'ERMELINES

Seu marido?

CALMERON

Seu marido, que tem importantissimas transacções no Grande Oeste, e que, segundo dizem meus correspondentes, é um homem dos mais emprehedores e honrados. Talvez mais depressa de que o pensam, os senhores tenham occasião de vel-o, porque, da ultima vez, que jantei em casa de Mistress Clarkson....

A SRA. D'ERMELINES

Com a Sra. Calmeron?

CALMERON

Não, ella não tinha convidado senão a mim.

A SRA. CALMERON

Tinha feito muito bem.

A SRA. DE RUMIÈRES

Mas vamos... da ultima vez, em que o senhor jantou em sua casa?...

CALMERON

Noticiou-me ella a proxima chegada do Sr. Clarkson a Pariz.

A SRA. D'ERMELINES

Como? Pois ella tem um marido verdadeiro, um marido d'ella?

D'ERMELINES

Ai minhas senhoras! como são extraordina-



rias! Consuram-nos sempre por dizermos mal das mulheres e quando dizemos bem não nos querem crêr! A senhora é casada, minha cara amiga?

A SRA. D'ERMELINES

Sim; dizem que com o senhor.

D'ERMELINES

Pois bem; então porque motivo o não será a outra também?

A SRA. D'ERMELINES

Ai, sim; pôde ser; pois não! Mas diga-me cá; que homens encontrou o senhor em casa d'ella?

CALMERON

Os homens, que eu encontrei nas melhores salas.

A SRA. D'ERMELINES

Só com a differença de que elles lá estavam todos sem suas mulheres.

CALMERON

Mistress Clarkson não recebe, nem nunca recebeu senão homens.

A SRA. D'ERMELINES

Então não fallemos mais n'isso; não é mulher — é assembléa.

CALMERON

E, si não me engano, n'esse dia o Sr. Rémonin era um dos membros da tal assembléa.

RÉMONIN

E' verdade.

A SRA. DE RUMIÈRES

Como ! Rémonin tambem conhece essa dama ?  
Vai á sua casa ? falle-nos d'ella.

RÉMONIN.

Primeiro que tudo, eu vou a toda parte ; é meu direito de solteirão, bem como é meu direito observar, vêr tudo e em tudo tomar interesse. As senhoras sabem, ou não sabem, que o Estado é miseravelmente mesquinho para conosco e que nem sempre ha nos laboratorios o que se precisa. Certo *diario* publicou um artigo pintando nossa miseria. No dia seguinte recebi uma carta de Mistress Clarkson que, tendo-o lido, pedio-me licença para offerecer-me dez mil francos em beneficio de nossas experiencias. Fui, como é natural, dar os agradecimentos á graciosa doadora, que se me revelou muito amavel e bastante instruida, como aliás o são muitas senhoras da sua terra. Convidou-me para jantar; e eis como tive a honra de encontrar em casa d'ella aqui o Sr. Calmeron.

A SRA. DE RUMIÈRES

E o Sr. des Haltes nada diz ?

GUY

E' que eu, apesar dos reiterados convites d'essa senhora, nunca fui á sua casa.

A SRA. DE RUMIÈRES

O que lhe proporciona mais liberdade de nos contar quanto sabe, si é que sabe alguma coisa.

GUY

Não sei e nem repito senão o que tenho ouvido dizer; isto é, que ella não passa de uma aventureira, dispondo de mais audacia, mais felicidade e talvez mais originalidade, que as de sua igualha. Tem viajado muito; residio em Nova-York, Petersburgo, Varsovia, Florença, Roma, Napoles, Londres; e em todos os lugares, por onde passou, deixou uma historia de escandalo, ou um drama, á que se liga seu nome. Houve n'America um processo, de que foi heroina. Tratava-se de dois irmãos; um matou o outro, por causa d'ella. Falla-se de um grande senhor, de um Russo, que ella arrastára a loucura, depois de o haver arruinado, e de um diplomata, que deu um tiro nos miolos, porque ella vendêra um segredo de Estado, que o misero commetteu a imprudencia de confiar-lhe. Hoje, recebe ella embora Socrates e, como Aspazia, dê a mão de esposa a Pericles; seja riquissima, para se propôr, como Phrynea, á reedificação de Thebas; descubra traças para, como a Dubarry, transtornar o juizo a um Luiz XV ou, como Emma Leonna, a um Nelson—é o que não posso, e Deus me livre de lh'o exprobrar em voz alta na terra que immortalizou Ninon, e que ainda tantas outras ha de glorificar. Mas comprehendo que, em condições taes, não receba ella senão homens; por que em todo o mundo não deve haver, entre as mulheres, em cuja casa ella desejasse ser apresentada, uma só, que se animasse a recebê-la.

CATHARINA

Pois então Mistress Clarkson mudou repentinamente de opinião; quer ser por nós recebida e talvez receber-nos ella; assiste á festa, que se

dá em minha casa, e acaba de me escrever estas palavras no seu cartão (*Lê*): « Mistress Clarkson sollicita da Sra. duqueza de Septmonts a honra de ser por ella recebida esta noite e de tomar uma chavena de chá com os amigos, admittidos á sua intimidade. Como Mistress Clarkson é para a Sra. duqueza uma desconhecida, pagará por essa chavena de chá vinte e cinco mil francos para os infelizes, em cujo beneficio é dada a festa. »

SEPTMONTS

E o que respondeu, cara amiga ?

CATHARINA

Como, até nova ordem, tenho a respeito de Mistress Clarkson a opinião da Sra. d'Ermelines e do Sr. des Haltes, respondi-lhe em um dos meus cartões: « A duqueza de Septmonts receberá esta noite Mistress Clarkson e lhe offerecerá uma chavena de chá, si entre os parentes e amigos da duqueza houver um cavalheiro, que lhe dê o braço. Não sendo assim, a duqueza de Septmonts lançará, por sua mão, vinte e cinco mil francos no mialheiro dos seus pobres para que elles nada percam. » Agora, que os senhores disseram tudo quanto sabem e pensam ácerca d'essa dama, si ha algum, que lhe dê o braço, estou prompta para recebê-la. (*Silencio geral*).

SEPTMONTS (*levantando-se*).

Dei esta espera para facultar á alguns dos nossos convidados o prazer e a honra de apresentar Mistress Clarkson. Estou até admirado de que o Sr. Mauriceau, que eu vi em casa d'essa senhora, da primeira vez, que lá fui, se não

apressasse em recebê-la. Como não acredito nas histórias, que meu camarada des Haltes nos acaba de repetir; (e não te offendas com isso, meu cara Guy, visto não teres sido testemunha de nenhuma das anedoctas, que te contaram); como Mistress Clarkson me honra com a sua amizade e confiança; como a reputo pessoa muito distincta e estimavel; como na circumstancia, que nos reúne, ella dá um passo, que é prova de gosto e generosidade; como emfim, cara amiga, a senhora estipulou que ella só podia aqui entrar pelo braço de um de seus parentes ou amigos, serei eu, o melhor amigo de minha esposa,— quem desempenhará o programma, já que meu sogro—seu mais proximo parente—se absteve d'isso.

CATHARINA (*levantando-se*).

Senhor!

GUY (*baixo a Septmonts*).

Reflecte no que vás fazer!

SEPTMONTS

Quando eu faço qualquer coisa, meu amigo, sei sempre porque a faço. Deixei-te fallar á vontade; deixa-me tu agora proceder como entendo. (*Sahe*).

## SCENA II

Os mesmos, menos Septmonts; depois Septmonts e Mistress Clarkson.

A SRA. DE RUMIÈRES

(*As senhoras estão em grupo em torno de Catharina, que mal pôde conter a commoção e a*

*colera e que depois irá ter com as outras).*  
Fique e serene o espirito, minha querida. Não  
estamos nós aqui ?

A SRA. D'ERMELINES

Que audacia incrível!

A SRA. CALMERON (*ao marido*).

Sahiamos !

CALMERON

E' impossivel, minha amiga. Que temos nós  
com isto ? A casa não é nossa.

CREADO (*annunciando*).

Mistress Clarkson.

SEPTMONTS. (*Mistress Clarkson entra lenta-  
mente pelo braço de Septmonts, que a enca-  
minha para Catharina. Apresentando*).

Mistress Clarkson ; a duqueza de Septmonts.

MISTRESS CLARKSON (*largando o braço do duque*).

Estou sobremaneira penhorada, minha senho-  
ra, pela delicadeza, com que se dignou satisfazer o  
meu pedido, e ainda mais pela sua escolha da  
pessôa, que me dá entrada em seus salões. Havia  
muito tempo que tencionava pedir ao Sr. duque  
me apresentasse ; e por isso, aproveitei-me com  
jubilo do ensejo desta festa, que me permite  
praticar, sob seu patrocínio, um pequeno bene-  
ficio.

CATHARINA (*alto á um creado*).

Uma chavena. (*Dirige-se para a mesa do chá,  
onde o creado lhe apresenta uma chavena. A*

*duqueza serve o chá, por suas mãos, em quanto Mistress Clarkson comprimenta os homens, fingindo não ver as senhoras).*

MISTRESS CLARKSON (*à parte*).

Elle não está aqui. (*Alto*). Boa noite, meu caro Sr. de Bernecourt ; espero vel-o muito breve ; vou inaugurar meu novo palacete ; conto que me visitará com mais frequencia, assim como o Sr. d'Ermelines.

A SRA. D'ERMELINES (*à Sra. Calmeron*).

Que despejo !

A SRA. CALMERON

Maior seria si nos tivesse tambem convidado.

MISTRESS CLARKSON (*à duqueza, que lhe offereceu a chavena*).

Obrigada, minha senhora (*a Rémonin*). Folgo de encontral-o ; ia escrever-lhe. Talvez esta noite chegue o Sr. Clarkson ; não me admirarei que já esteja agora em casa. (*A des Haltes, d'uma extremidade do salão para a outra*). Asseguram-me, Sr. des Haltes, que algumas vezes falla mal de mim. Tenho pezar d'isso, tanto mais quanto, segundo o que tenho ouvido dizer a seu respeito, só posso pensar bem do senhor... Si algum dia mudar de opinião, estimarei muito recebê-lo e fazer com que se encontre com alguns dos seus amigos... (*A' Mauriceau*). Boa noite, meu caro Sr. Mauriceau ; acceite os meus cumprimentos ; sua filha é muito amavel ; applaudo-me do que fiz por ella, apezar de que o senhor talvez já nem se lembre bem. Estou habituada a que me aggridam ; mas a que me es-

queçam, não ! (*Neste entrementes tem bebido o chá e entrega a chavena á Mauriceau para a pôr na mesa. Tira depois do bolso uma carteirinha ; escreve n'ella algumas palavras ; rasga a folha, dobra-a e entrega-a á duqueza, que ficára em pé*). Para os pobres ! Sr. Calmeron ; quer fazer-me o favor de honrar a minha assignatura ?

CALMERON

Pois não, minha senhora !

MISTRESS CLARKSON (*á duqueza*).

Muita satisfação me dará, minha senhora, si se dignar pagar-me a visita. (*Baixo*). Fallaremos de um de nossos communs amigos, o Sr. Gerard, a quem amo, talvez tanto quanto a senhora o ama, si bem que elle talvez me não ame tanto, como a ama. (*Alto*). Adeos minha senhora, ou antes até á vista. (*Toma o braço do duque*).

SEPTMONTS (*baixo affastando-se com ella*).

Já cre que a amo ?

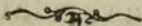
MISTRESS CLARKSON

Amar não é nada, meu caro ; fazer-se amar é que é tudo. (*Sahem*).

CATHARINA (*tomando a chicara, em que Mistress Clarkson bebeu e atirando-a ao chão ; ao creado*).

Abram as portas. Agora todo o mundo póde entrar aqui !

FIM DO PRIMEIRO ACTO.





## ACTO II

O mesmo scenario.

### SCENA I

O creado, a Sra. de Rumières e Rémonin

(Ao levantar do panno Rémonin está lendo, assentado perto do chaminé). CREADO à Sra. de Rumières, que entra.)

A Sra. duqueza sahio; mas volta logo. Foi á igreja.

A SRA. DE RUMIÈRES

Bem; esperarei.

RÉMONIN, (que ouvira as ultimas palavras, para a Sra. de Rumières).

Podemos esperal-a juntos, si me dá licença.

A SRA. DE RUMIÈRES, (sentando-se).

Pois não.

RÉMONIN

A senhora vem, como eu, saber noticias da nossa heroína.

A SRA. DE RUMIÈRES

Sim; a menina sahio-se magnificamente hontem á noite. Quem diria que aquillo vêm do arra-

balde de S. Dionysio? Confesso que quando o duque que é ainda aparentado comigo, me participou seu casamento com a filha das *Tres Sultanas* (foi assim que eu baptisei a noiva por causa da taboleta paterna); confesso, repito, que achei a alliança algum tanto arriscada para um Septmonts. Verdade seja que elle estava de tal maneira endividado que só quem fosse do arrabalde de S. Dionysio lhe daria a filha. Pouco a pouco, fui tomando amisade á pobre menina. Era modesta e boa; conhecia seu lugar, e eu antevia que ella havia de ser tão infeliz com o sujeito, que me deu pena. Com a scena de hontem conquistou essa moça suas aristocraticas divisas. Sim senhor!... Tambem não se sahio de todo mal o bargante. Indo receber aquella mulher e apresentando-a nos salões da duqueza, revestio-se de um certo ar, que dava á sua insolencia um rom-pante cavalleiroso. Até aquella desenvolta fez tambem soffrivel figura. O banqueiro, que jantára comnosco e que lhe honrou a firma (prova-velmente deduzida a corretagem)... tudo isto fazia um quadro. O movimento da chavena quebrada, a ordem para deixar todo o mundo entrar, a fim de renovar o ambiente, — foi tudo original e divertidissimo. Fiquei encantada com o meu saráu. Quem lhe transmittiria o segredo daquelles altivos ademanes? O tio Mauriceau é d'uma vulgaridade, que vai além da média. Dar-se-ha caso que a mãe?...

RÉMONIN

A mãe era senhora muito distincta, muito intelligente e irreprehensivel.

A SRA. DE RUMIÈRES (*levantando-se*).

E então contrapezou a influencia do pai. Os sabios, como o senhor, acreditam nessas theorias.

Nós cá tomamos a cousa por milagre. Mas por que razão, visto ser ella talentosa, deixou a filha casar com um Septmonts? Podia ter tirado informações, que qualquer porteiro lh'as teria dado. Porque o não fez?

RÉMONIN

Tinha alguma desculpa ; estava morta.

A SRA. DE RUMIÈRES

Sendo assim !... Casamentos taes admiram-me. A grande vantagem, que ha em ser plebeu, mesmo a unica, é poder casar por inclinação. E' muito natural que uma Sra. Duval espose um Sr. Durand, ao passo que é absolutamente defeso a qualquer menina de nobre linhagem desposar um Duval, por mais bello e mais celebre, que seja. Como seria ridiculo um cartão de visita com esta inscripção: « A Sra. Duval, Montmorency de nascimento ! »

RÉMONIN

A senhorita Mauriceau desejava tambem casar-se, segundo a sua origem e inclinação ; mas na cabeça do papá encasquetaram-se carminholas de fidalguia ; o rapaz, de quem Catharina gostava, apezar de só se chamar Gerard, — especie de Durand ou Duval, — era o moço mais honrado do mundo. Ora, ha mecanicos, que tem o culto da honra, assim como ha nobres, que professam o amor do dinheiro ; a differença é que a honra conserva ainda uma inferioridade em relação á nobreza, e vem a ser que não se póde vendel-a, porque, uma vez vendida, deixará de ser honra e não terá mais valor nenhum.

A SRA. DE RUMIÈRES

Ande lá! ande lá! venha-me com essas historias; ande, que chegou a sua vez; não me molesto com isso.

RÉMONIN

Quando Gerard soube que a menina Mauriceau seria quinze, ou vinte vezes millionaria, elle, que só possuia intelligencia, vontade e trabalho, ficou muito triste, muito infeliz, porque a adorava. Retirou-se e não a viu mais. As mulheres, quando amadas, não comprehendem que se não lancem á margem todas as considerações. O papá Mauriceau aproveitou-se do despeito da filha para a fazer casar com o duque, que elle encontrára, como hontem o soubemos, em casa dessa enigmatica Mistress Clarkson.

A SRA. DE RUMIÈRES

E a sujeitinha disse: « Mal por mal, antes duqueza. »

RÉMONIN

E fez-se duqueza e ficou mal.

A SRA. DE RUMIÈRES

Diga-me cá, Sr. Rémonin; o senhor que tem a presumpção de explicar tudo, na sua qualidade de sabio, poderá solver esta questão: Porque razão, havendo na terra certa e determinada quantidade de amor, ha tantos casamentos desgraçados?

RÉMONIN

Eu explicava isso, si fosse um homem, que me perguntasse.

A SRA. DE RUMIÈRES

E' indecente ?

RÉMONIN

Não ; mas é abstracto...

A SRA. DE RUMIÈRES

E como eu sou ignorante...

RÉMONIN

Distrahida.

A SRA. DE RUMIÈRES

Experimente sempre.

RÉMONIN

Pois vá lá ; mas quando começar a não comprehender mande-me parar.

A SRA. DE RUMIÈRES

Já sei ; estou condemnada a escutal-o até o fim, sob pena de passar por estúpida. Estamos entendidos ; principie.

RÉMONIN

Lá vai. A causa de serem raros os casamentos ditosos, não obstante a tal quantidade de amor, é não haver, scientificamente fallando, relação alguma entre amor e casamento. Pertencem á duas ordens, completamente diversas.

A SRA. DE RUMIÈRES

Sim ? então a que ordem pertence o amor ?

RÉMONIN

A' physica.

A SRA. DE RUMIÈRES

E o casamento?

RÉMONIN

A' chimica.

A SRA. DE RUMIÈRES

Ora não ha! Desembrulhe-me lá essa meada.

RÉMONIN

O amor faz parte da evolução natural do ser ; produz-se em certa idade, independentemente de qualquer arbitrio e sem objecto determinado. Sente-se necessidade de amar, antes de se amar alguém. Ahi está porque o amor pertence à physica, que tracta das propriedades inherentes aos seres, ao passo que o casamento é uma combinação social, que entra na esphera da chimica, por que esta tracta da acção mutua dos corpos e dos phenomenos, d'ahi resultantes. Os grandes legisladores, religiosos, philosophos, que instituíram o casamento sobre a base do amor, compuzeram pura e simplesmente physica e chimica do mais formoso e alto quilate, com intuito de extrahirem d'esses ingredientes a familia, a moral, o trabalho e por conseguinte a felicidade dos homens, que n'estes tres productos se encerra. Logo que nos conformamos com esta primordial premissa escolhemos dois elementos, proprios para a combinação ; vai tudo indo qual manso ribeiro ; completa-se a experiencia e consegue-se o resultado. Si, porém, formos tão ignorantes ou desageitados, que nos ponhamos a combinar dois elementos refractarios, em lugar de obtermos fusões, só se nos depararão inercias, e os dois elementos permanecerão eternamente em face um do outro, sem nunca se poderem unir. Na ordem humana como,

além d'aquillo, existe a alma, isto é, o intermediario entre Deos e o homem, Deos pune o homem, que desdenha do seu intermediario e que o repelle; já não ha então sómente inercia; ha embate; d'ahi explosões, accidentes, catastrophes, dramas.

A SRA. DE RUMIÈRES

Então considera o duque e a duqueza dois elementos refractarios ?

RÉMONIN

Que nunca se combinarão, salvo si.....

A SRA. DE RUMIÈRES

Salvo si?....

RÉMONIN

Salvo si se fizer intervir novo elemento, que auxilie a fusão dos dois.

A SRA. DE RUMIÈRES

Qual ?

RÉMONIN

Interessa-lhe isto ?

A SRA. DE RUMIÈRES

E' uma diversão.

RÉMONIN

Este novo elemento é justamente o que faltou à primeira experiencia, e cuja falta impedio o resultado; — o amor.

A SRA. DE RUMIÈRES

Sob que fórma ?

RÈMONIN

Ha tres: o filho, isto é o amor materno; a fé, isto é o amor divino — e o amante, isto é o amor terrestre. A mulher, a quem o casamento não proporciona o amor, pode-se salvar por qualquer d'estas tres fórmas. A duqueza não tem filhos; a Sra. vio que esta manhã ella foi à igreja; mas foi por demais; si de lá não trouxe confôrto, só lhe resta o amante.

A SRA. DE RUNIÈRES

Mas, desgraçado! o amante não salva, perde; não cura, mata!

RÈMONIN

Isso é conforme o amante.

A SRA. DE RUMIÈRES

Acredita que haja homens, tão verdadeiramente amantes e tão nobres, que respeitem a amada, a quem não podem desposar.

RÈMONIN (*levantando-se*).

Ha..... (*Silencio*). Está com ares de duvida!

A SRA. DE RUMIÈRES

Pois não hei de duvidar? — Admitto que duas figuras chinezas—de porcelana—estejam eternamente a encarar-se da extremidade de uma chaminé para a outra, mórmente si entre ellas me-deia uma pendula; mas um francez e uma franceza — de carne e osso... é cousa que não creio, meu rico senhor. Nunca amou?

RÈMONIN

Eu! Nunca me chegou o tempo para isso..... e a Sra. marquezia?



A SRA. DE RUMIÈRES

Amei a meus filhos.

RÉMONIN

E a seu marido ?

A SRA. DE RUMIÈRES

O marquez de Rumières ?

RÉMONIN

Pois a quem mais ?

A SRA. DE RUMIÈRES

A esse não ; era homem de merecimento ; mas não dava valor a taes bagatellas.

RÉMONIN

E, sem contar a seu marido ?

A SRA. DE RUMIÈRES

Não me lembra. Não ; deveras. Assaltavam-me algumas vezes imaginações, à noite, no campo, ao ouvir musica, ao contemplar a lua ; nascia isso, porém, mais do desejo de ser amada do que do de amar ; por que, — nós mulheres, — segundo creio, não amamos ; ha sim, certos homens, pelos quaes anciamos ser amadas. E' isto, que nos gera a crença de que amamos ; mas, inspirada a affeição, obtido o triumpho, não é raro que pensemos em outra cousa. Em resumo : as pessoas, que eu vi atacadas dessa loucura, faziam aos meus olhos um papel tão exquisito, que jamais quizera parecer-me com ellas. Sahi-me muito bem dessas difficuldades ; salvou-me a fórma, que o senhor chama — filho. — Meu filho contava-me

os seus apertos de coração. Parece-se com o pai, que os tinha frequentes ; mas tambem se parece comigo, o que me tranquillisa. Minha filha já me fez avó ; estas raparigas são inexoraveis ; fazem suas mães avós como quem bebe um copo d'agua, e ainda em cima acham isso muito natural. Em summa : nada tenho de que me arrepender na minha vida, e assisto ás das outras, tomando as vezes interesse na de algumas. Sou como os assignantes da *Opera*, que sabem de cór todo o repertorio, mas que escutam sempre com delicia certos trechos e animam os estreantes. De modo que esse tal mancebo, que adora platonicamente a uma terra, como a nossa, é uma phenix, que eu teria curiosidade de ver. Mostra-m'o ?

RÉMONIN

Quando quizer.

A SRA. DE RUMIÈRES

Onde está ?

RÉMONIN

Aqui em Pariz.

A SRA. DE RUMIÈRES

Por acaso ?

RÉMONIN

Pariz não é terra, onde se esteja por acaso ; demais o acaso não existe ; é o Deos dos ignorantes.

A SRA. DE RUMIÈRES

Nesse caso, o Sr. Gerard sabe o que faz ?

RÉMONIN

Oh si sabe! ainda ama e volta para junta da amada; systema das attracções!

A SRA. DE RUMIÈRES

E' da physica?

RÉMONIN

Justamente.

A SRA. DE RUMIÈRES

E depois?

RÉMONIN

Depois?

A SRA. DE RUMIÈRES

Sim; admitto, já que insiste, que a duqueza e o Sr. Gerard mutuem o mais puro amôr. Quando elles tiverem olhado bem um para o outro, por alguns annos, por cima da pendula, que succederá? Porque, essas coisas sempre hão de ter um fim, mesmo quando não tiverem tido principio. E depois?...

RÉMONIN

Depois? Penso que se casarão.

A SRA. DE RUMIÈRES

Como! que se casarão?

RÉMONIN

Sim, uma vez que se amam.

A SRA. DE RUMIÈRES

Porém o marido? o duque? meu primo? Que faz o senhor d'elle em todo este enredo?

RÉMONIN

Não me occupo d'elle. Desapparecerá no momento necessario. Intervirão os Deoses.

A SRA. DE RUMIÈRES

Como nas tragedias antigas?

RÉMONIN

Advinhou. E os antigos tinham razão. Sabiam, tão perfeitamente como nós, ou talvez melhor, que o mundo moral é regido pelas mesmas leis, que o mundo physico ; que é a mesma a logica de um e de outro, e a intervenção dos Deoses não era senão consequencia visivel, fatalidade inevitavel, resultante dos actos humanos.

A SRA. DE RUMIÈRES

Mas de que modo desapparecerã meu primo.... pois é sabido que neste momento elle não tem vontade nenhuma de desapparecer. Está vivo e bem vivo.

RÉMONIN

Tem ar d'isso, porque elle come, porque bebe, porque se agita, porque falla, porque tem a fôrma humana ; mas não é senão uma apparencia. Na realidade não é um homem.

A SRA. DE RUMIÈRES

Ah !... Então o que é?

RÉMONIN

Um *vibrião*.

A SRA. DE RUMIÈRES

Que diz o senhor?

RÉMONIN

Digo um *vibrião*.

A SRA. DE RUMIÈRES

Que especie de coisa é essa?

RÉMONIN

Que é lá isso ! lê os meus artigos e não conhece os *vibriões*? Eu lhe digo; são coisa curiosa. São vegetaes, nascidos da corrupção parcial dos corpos, que só se distinguem com o microscopio, e que por muito tempo foram reputados animaes, por causa d'um movimentosinho ondulatorio. Tem por missão o corromper, dissolver e destruir as partes sans dos ditos corpos. São os operarios da morte. As sociedades são corpos, como os outros, que se decompõem em certas partes e em certos momentos, e que produzem *vibriões* com fôrma humana, que parecem entes, mas que o não o são, e que fazem inconscientemente tudo o que podem para corromper, dissolver e destruir o resto do corpo social. Felizmente a natureza não quer a morte e sim a vida. A morte não é senão um de seus meios ; a vida é o seu fim. Ella, por conseguinte, oppõe resistencia á esses agentes da destruição e reverte contra elles os principios morbidos, que encerram. Então é que se vê o *vibrião* humano, por certa noite, em que bebeu de mais, tomar a janella pela porta e quebrar nas lages da calçada a bolla, que lhe servia de cabeça ; ou, si o jogo o arruina ou si a sua *vibriona* o atraiçoa, desfechar uma pistola no lugar, que julga ser seu coração, ou abalroar com outro *vibrião*, mais gordo e mais alentado, que o faz estacar e o suprime. Os distrahidos não vêm n'isso senão um acontecimento ; os

attentos uma lei. Ouve-se então um ruidosito, uma coisa, que faz hu.... u.... u.... u.... u.... u.... u.... (Sopra um pouco de ar por entre os labios). E lá se foi o que se tomara pela alma do *vibrião*.... e não subio muito alto. O Sr. duque está para morrer.... O Sr. duque morreu! Pois sim; boa noite!

A SRA. DE RUMIÈRES, (*segurando-lhe as mãos*).

O senhor está louco varrido.

## SCENA II

Os mesmos, Septmonts, em seguida Mauriceau, depois Guy

SEPTMONTS, (*entrando*).

Bom dia, priminha.

A SRA. DE RUMIÈRES

Bom dia, primo.

SEPTMONTS, (*para Rémonin*)

Folgo de vê-lo, meu senhor.

RÉMONIN

Deixei hontem a duqueza adoentada; venho saber como está.

SEPTMONTS

Ignorava o seu incommodo.

A SRA. DE RUMIÈRES

Não tornou a vê-la hontem a noite?

SEPTMONTS

Não. Acompanhei Mistress Clarkson até o carro e fui ao club. Estava nervoso. Não era

ocasião de ter explicações com Catharina. Demais, eram duas horas da manhã, e nunca entro a tal hora nos seus aposentos.

MAURICEAU, (*que entra a ouvir as ultimas palavras*).

Tanto peor !

SEPTMONTS

Porque ?

MAURICEAU

Porque é a hora propria dos intimos colloquios entre marido e mulher.

SEPTMONTS

Sua filha está sempre dormindo quando me recolho.

A SRA. DE RUMIÈRES

Provavelmente porque só se recolhe á hora, em que ella está dormindo.... Bom dia, meu caro Sr. Mauriceau ; bom dia.

SEPTMONTS (*a Mauriceau*).

Mas não é d'isso que se tracta, e o senhor chega a proposito. Estamos, por assim dizer, em familia, pois o Sr. Rémonin é um dos seus mais velhos amigos. Podemos, pois, explicar-nos a respeito de sua filha, que provocou e representou hontem uma scena desagradavel para mim, a mais não poder ser. E já que ella não está em casa.... Sabe onde ella se acha ?

A SRA. DE RUMIÈRES

Está na Igreja.

## SEPMONTS

Bom será que a frequente bastante, si é que lá aprende a caridade christã. Não estando em casa, porém, e sendo-me impossível passar o dia a esperal-a, rogo-lhe, presado Sr. Mauriceau, lhe diga que suas maneiras de hontem á noite são de máo gosto na alta sociedade. Foi por isso que julguei conveniente dar-lhe em publico a liçãozinha, que ella recebeu.

## MAURICEAU

Mistress Clarkson foi mais que indiscreta.

## SEPTMONTS

E a duqueza foi mais que incivil. Quando se é padroeira de uma festa de caridade e principalmente quando se está na propria casa, ha coisas, que é preciso saber praticar, ou, quando se não aprenderam, advinhar. Mistress Clarkson é estrangeira; pode ser original, excentrica; é um direito que nós muitas vezes temos reconhecido em muitas outras estrangeiras para lh'o não regatearmos. Ella offerecia vinte e cinco mil francos para tomar uma chavena de chá n'este salão; era uma phantasia principesca. O dever da Sra. de Septmonts, padroeira e procuradora dos pobres, era sujeitar-se a esta phantasia, que lhes rendia mais vinte e cinco mil francos; receber sem demora a Mistress Clarkson, fazendo-lhe a mais amavel mesura, e servir-lhe uma chavena de chá.

## A SRA. DE RUMIÈRES

Por tal preço podia até juntar-se-lhe um bolinholo.



## SEPTMONTS

A senhora é de meu parecer ; não é assim ? A senhora receberia Mistress Clarkson ; arrecadaria os vinte e cinco mil francos e tudo ficaria dito, porque ella nada mais pedia.

## A SRA. DE RUMIÈRES

Certamente é o que eu teria feito ; mas á sua mulher talvez assistissem razões para não proceder como eu ; além de tudo, que se diz de Mistress Clarkson, assegura-se que o senhor lhe testemunha sentimentos, de que uma esposa legitima tem direito de ser ciosa. Para tudo dizer em duas palavras — accusam-n'ó de estar muito relacionado com Mistress Clarkson. (*Mauriceau approva com gesto o que diz a 'marqueza e anima-a para continuar*).

## SEPTMONTS

E' mais uma calumnia ; não estou nas boas graças de Mistress Clarkson, desgraçadamente.

## A SRA. DE RUMIÈRES

Ahi está um adverbio um tanto vivo.

## SEPTMONTS

E, admittindo que assim fosse, são coisas, com que nada tem uma senhora de bem.

## MAURICEAU

E si essa senhora de bem ama o marido ?

## SEPTMONTS

Sabe perfeitamente, caro amigo, que sua filha não me ama. Longe de mim a idéa de lh'o ex-

probrar. Amôr não se impõe. Mas, por esta ou aquella razão, somos casados; prometti protecção a minha mulher e á tal promessa não faltarei. Minha mulher, em troca, prometteu-me obediencia e fidelidade e; quero que me dê uma e outra; obediencia principalmente, pois quanto á fidelidade essa fica por minha conta. Peço-lhe o favor de dizer á Sra. de Septmonts, quando ella voltar da igreja, que eu exijo absolutamente, mas absolutamente, ouvio? que ella pague a visita a Mistress Clarkson. Essa senhora deseja-o, pedio-lh'o e reiteirou-me o pedido quando eu a acompanhava hontem á noite; não posso por motivos particulares, recusar-lh'o. Uma visita, recebida em certas condições, pode trazer a obrigação de fazer-se outra em paga; esta retribuição a nada mais obriga. Finalmente quero que seja; é minha formal vontade. Até mais ver, prima, desculpe-me por não poder demorar-me; mas estão á minha espera. (*Comprimenta a Rémonin*). Meu caro senhor (*a Mauriceau*). Até logo, senhor Mauriceau.

MAURICEAU (*a Septmonts*).

Eu aconselharei Catharina; mas não fique n'isso; volte quando ella estiver só e seja completa a reconciliação.

SEPTMONTS

Estamos de accordo; combine tudo isso com ella. (*Ao sahir encontra Guy*).

### SCENA III

Os mesmos, menos Septmonts e Catharina.

SEPTMONTS (*sahindo, a Guy*).

Sinto ter de sahir na occasião, em que entras; deixo-te, porém, em boa companhia. (*Sahe*).

RÉMONIN (*à Sra. de Rumières*).

Si a senhora tivesse um marido, como aquelle, o que faria ?

A SRA. DE RUMIÈRES

Em primeiro lugar faria tudo quando elle quizesse e depois tudo quanto eu quizesse.

GUY

A duqueza deve ter voltado. Acabo de vel-a atravessar a rua em seu carro ; ia de tal maneira absorta em reflexões, que de ninguem dava fé.

A SRA DE RUMIÈRES

Ha de ter, antes de entrar aqui, passado por seu aposento, para mudar de traje.

CATHARINA (*tendo entrado pela porta do lado, que conduz a seu quarto*).

E para não encetar uma discussão que mesmo na presença de amigos é tediosa.

A SRA. DE RUMIÈRES (*depois de lhe apertar a mão*).

Visto isso, ouvio ?

CATHARINA

Sem querer. No momento de entrar reconheci a voz do duque. Preferi esperar até que elle se retirasse.

GUY

E que resolveu ?

CATHARINA

O mesmo, que já antes resolvêra ; que não irei a casa dessa mulher.

GUY

Tem razão.

A SRA. DE RUMIÈRES

Faz mal.

CATHARINA

Aconselha-me então...

A SRA. DE RUMIÈRES

Aconselho-a, em geral, a evitar as discussões, que se possam tornar serias, pelo que não vale nada. Mistress Clarkson é talvez calumniada. Em todo o caso, não se tracta de facto virgem. Ha nella a insolencia das mulheres, que têm á seu serviço um direito ; ou uma força. Observe-a. Ficarà logo sabendo o juizo, que della deve fazer. E' seu marido, e não a senhora, quem deve carregar com a responsabilidade. Os senhores maridos decretaram que são nossos amos, que elles têm sciencia infusa e que nós devemos obedecer-lhes. Obedeçamos. O principal é viver em paz. Meu marido era como o seu ; todos elles são iguaes, com pouca differença. Cortejava a todas as mulheres ; é verdade que por pouco tempo a cada uma ; mas emquanto as cortejava, não tinha senão uma idéa — a de me apresentar ás taes senhoras. Creio que ligava pouca importancia á minha opinião ; mas esta era sempre favoravel. Demais fingia eu ignorar absolutamente do que se tractava e, de seu lado, tomava elle todas as

precauções imagináveis para que eu de nada suspeitasse. Decorrido algum tempo, essas damas, quando viam em minha casa nova figura feminina, começavam a fazer-me observações. Taxavam de vulgar a minha amisade e representavam comigo verdadeiras scenas de ciúme, acabando por tomarem as dôres por mim, dizendo-me por meias palavras, que eu era uma tola em não dar fé do motivo porque a nova intrusa frequentava a minha casa. Eu espinhava-me, declarando á zelosa amiga que ella tinha ido além des limites; que me causára verdadeira magoa e que, si voltasse á tal assumpto, nossas relações corriam risco de esfriar... Dizia ao Sr. de Rumières que essa susceptivel senhora não me votava verdadeira amisade; respondia-me elle: « Não sei até como podeste tomal-a ao serio tanto tempo. » Advinhava eu então o que isso queria dizer, e d'ahi em diante, eu e a minha excellente amiga só nos encontravamos nas reuniões. Fallecido, ainda moço, o Sr. de Rumières, não calcula a senhora que immensa consolação senti ao lembrar-me que eu lhe tornára, quanto possivel, suave a existencia. Imite-me, minha cara filha... As mulheres, como nós, nunca soffrem em sua reputação pelo máu proceder das outras, e sim exclusivamente pelo seu. Em quadra, igual a que atravessamos, torna-se quasi impossivel a severidade d'outr'ora. Ainda ha tão grande vantagem em pertencermos a esta sociedade, em que vivemos, que nos é forçoso pagarmos de alguma sorte esta vantagem. Demol-a por esmola áquellas, que a não gozam. Sómente, aconteça o que acontecer, permaneçamos sempre superiores, quer por nossa dignidade, quer por nossa jerarchia. Não devemos dar a esses plebeus, á cuja classe a senhora já não pertence, o gosto de murmura-

rem de nós. Conservemos eternamente o direito de nos compadecermos dos outros. Tenho ou não razão, Rémonin?

RÉMONIN

De sobra. Tem sempre razão.

A SRA. DE RUMIÈRES

E' tambem de minha opinião, meu caro senhor Mauriceau?

MAURICEAU

Eu não poderia dizel-o melhor.

A SRA. DE RUMIÈRES

Lisongeiros! (*A Guy*). O senhor é o unico, que ainda protesta.

GUY

E' verdade.

A SRA. DE RUMIÈRES

E' para agradar a dona da casa. Para castigar-o peço-lhe mande chegar o meu carro.

CATHARINA (*à Guy*).

Adeus, Sr. des Haltes.

GUY

Despede-me?

CATHARINA

Preciso conversar com meu pai e com o Sr. Rémonin.

GUY

E' muita crueldade para comigo; a senhora não conhece o que seja amizade verdadeira. A minha felizmente não descorçoa. Heide dar-lhe a prova.

CATHARINA

De que maneira ?

GUY

Verá. Adeus, minha senhora ; seja feliz. Ninguém o deseja mais ardentemente, que eu. (*Sae. A Sra. de Rumières e Catharina conversam juntas. Catharina desaparece um momento, acompanhando a Sra. de Rumières, que sae. Neste momento Mauriceau e o Sr. Rémonin encetam o seguinte dialogo).*

MAURICEAU

Ah ! esta Sra. de Rumières trescala a fidalga !

RÉMONIN

E' verdade. Ha, como ella, algumas senhoras, que sondáram e conhecem a fundo a alta sociedade, em que vivem.

MAURICEAU

Eis ahi como eu desejava que fosse Catharina.

RÉMONIN

Hade vir a sel-o. Para o ser de repente é preciso certo berço, certa educação, certa idade ; é tambem mister contar, por ahi além, algumas gerações de antepassados, que hajam possuido esses habitos, e essas maneiras, para transmit-

til-as a seus descendentes. E o que se chama herança das faculdades adquiridas.

MAURICEAU

Deve então meu genro ter antepassados bem desagradáveis; porque (deixemo-nos de dissimulação), elle não é divertido para sua mulher! O que poderia obter com algama brandura exige-o com um tom tão ferrenho, que dá impetos de fazer exactamente o contrario! E' pena! Gente que poderia ser tão feliz! Que tem tudo quanto é preciso para isso! (*Para Catharina, que tem voltado e que se assentou perto da chaminé*). Olá! estás ahí? Que fizeste tu do Sr. des Haltes?

CATHARINA

Pedi a Sra. de Rumières que o levasse. Não estou de humor para lhe ouvir as declarações.

MAURICEAU

Com effeito! Tractas com grande amabilidade a unica pessoa, que é da tua opinião.

CATHARINA

Que me importa, sejam ou não, da minha opinião. O que devo fazer sei eu.

MAURICEAU

Vás à casa de Mistress Clarkson?

CATHARINA

Não.

MAURICEAU

Teu marido hade zangar-se.



CATHARINA

Pois que se zangue.

MAURICEAU

Hade teimar.

CATHARINA

Tambem eu.

MAURICEAU

Mas com o genio d'elle póde isso ir longe.

CATHARINA

Até onde elle quizer !

MAURICEAU

Até ficarem mal.

CATHARINA

Pois deixal-o.

MAURICEAU

Estás louca !

CATHARINA

Eston em perfeito juizo.

MAURICEAU

Vês que todo o mundo te dà o mesmo conselho,  
que eu.

CATHARINA

E' possivel. Todo o mundo têm suas razões ;

eu tenho as minhas. Talvez não sejam boas; mas ninguém m'as torce.

MAURICEAU

Asseguro-te que não ha nada entre Mistress Clarkson e elle.

CATHARINA (*levanta-se*).

Melhor para ella !

MAURICEAU

Escuta.

CATHARINA

Inutil ; não irei ; não irei ; não irei.

MAURICEAU (*A Rémonin*).

O que tem a pequena ? Aqui ha coisa ! Que razão terá para encarniçar-se assim contra um incidente sem importancia ? Teria ella visto hontem a Gerard ?

RÉMONIN

Não sei.

MAURICEAU

Não faltava mais nada ! Gerard é um homem de bem ! Tu, que o conheces, conversa com elle ; faz-lhe comprehender... Tudo iste é muito aborrecido. Deixo-te com Catharina. Procura descobrir... A mim não confessaria nada. Parece-me despeitada comigo. Ora não me dirão porque ? Virás dizer-me o resultado da conversa.

RÉMONIN

Pois sim.

MAURECIAU

Jantas comigo?

RÉMONIN

E ao lado de alguma bonita mulher?

MAURICEAU

Oh não de certo! A breca leve as uulheres!  
Si tivesse ella ao menos um ou dois filhos, um  
casal!

RÉMONIN

Ella quem?

MAURICEAU

Catharina.

RÉMONIN

Que differença fazia isso?

MAURICEAU

Faria podermos nós mandar passear o marido,  
si elle fosse intoleravel. Obteriamos separação.  
Voltaria Catharina para minha casa com seus  
filhos, que o tribunal lhe havia de entregar, e  
que nós educariamos.

RÉMONIN

A arvore genealogica não perderia nada com  
isso. Mas é que não temos esses marquezitos e  
condesitos.

MARICEAU

Então paciencia!

RÉMONIN

E que remedio !

MAURICEAU

Até logo, Catharina.

CATHARINA

Até logo, meu pai.

MAURICEAU

O que tens ?

CATHARINA

Nada.

MAURICEAU

Não me dás um beijo ?

CATHARINA (*offerecendo a fronte*).

Sim ; de todo o coração.

MAURICEAU

Bem sabes que, succeda o que succeder, estarei sempre a teu lado.

CATHARINA

Obrigado, meu pai.

MAURICEAU (*sahindo, à Rémonin*).

As coisas vão mal, muito mal !

## SCENA IV

Catharina, Rémonin

CATHARINA (*estendendo a mão a Rémonin*).

Caro doutor...?

RÉMONIN, *(tomando-lhe a mão)*.

Minha querida filha !

CATHARINA

O senhor, que me prestou auxilio para eu nascer, não m'ó prestará hoje para morrer ?

RÉMONIN

Deos me livre. A morte não é coisa alegre.

CATHARINA.

E a vida o é? Mas emfim, de que me posso queixar? Ainda ha pouco me disse o ministro de Deos: « Minha filha; tens mocidade, formosura, opulencia, nobreza e estima de todos; implora a Deos para que a todos estes dons accrescente os da resignação e da paciencia; queiras tu deveras e Deos te socorrerá. Lembra-te de tantos desgraçados, quo não tem abrigo, nem sopa, nem pão sequer para dar aos filhos, e verás quanto as tuas penas são inferiores ás d'elles.» Tudo isso é verdade. Mas, nem por isso deixamos de acreditar que a dôr, que nos tortura, é a mais forte de todas. Si eu amanhã encontrar uma das taes miserias, poderei allivial-a; pôr em seu lugar alegria e ventura; e tudo isso com um punhado d'esse oiro, que eu possuo, mais do que desejo e mereço. Mas a mim quem ha de consolar na minha miseria doirada? Quem me restituirá illusões, esperanças, dignidade e fé? Onde está o amigo, que virá compartilhar sua alma comigo, como eu estou prompta a compartilhar meus bens com os desgraçados? Não ha de ser meu pai, que é o auctor involuntario de minhas desgraças; não ha de ser meu marido, que é d'ella consciente auctor; não será um d'esses mancebos, que me fazem o que

elles chamam « sua côrte », e que polidamente me pedem accumule a vergonha ás minhas outras amarguras. Um havia...

RÉMONIN (*à parte*).

Chegou ao ponto.

CATHARINA

Um houve, que me tinha parecido mais nobre, bello e talentoso, que os outros; um, que teve o primeiro palpito de meu coração, o meu primeiro aperto de mão; foram d'elle o primeiro pensamento, extranho á memoria de minha mãe; o primeiro sonho, que me turbou o somno, a minha primeira insomnia. Tudo quanto o coração de uma donzella, ignorante das realidades, contém de ideal, tudo lhe dei. Dei-lh'o n'uma palavra, n'um sorriso? Não sei; porque me habituára a amal-o antes mesmo de saber si amava. E depois, um dia, escreveu-me: « Sois rica, eu sou pobre; ha entre nós um abysmo. Não amei, e nem amarei outra jámais. Vou entregar á solidão, ao trabalho esta vida, que eu almejava consagrar-vos. No dia, em que eu suppuzer que sois infeliz, vêr-me-heis passar por junto de vós; no dia, em que d'isso me certificar, vêr-me-heis apparecer e serei o apoio, de que precisardes. » Não comprehendia então, eu, que teria achado tão simples ser pobre a seu lado, não comprehendí, repito que elle comigo não quizesse tornar-se rico. Depois vi de perto o que é um homem pobre, que consente em desposar moça rica. Não foi felizmente elle. Mas de que estava elle á espera? Porque não apparecia. Vi-o hontem finalmente, de braço com o senhor. Sabia elle, por consequencia, o que se tem passado. Cheia de jubilo e esperança, disse comigo:

« Vae chegar-se a mim ; estender-me a mão. »  
Mas, em vez d'isso, entrou a conversar com a tal estrangeira. O senhor sabe o que se passou. O Sr. de Septmonts impôz-me a apresentação d'essa creatura, que é, segundo a voz publica, sua amante. Oh ! não é isso que lhe exprobro ! Eu realmente sou sua mulher ; sua mulher ! a mulher d'este homem ! Seria por causa da sua pessima reputação, seria por não lhe conhecer nem a origem, nem a familia, nem a fonte de sua riqueza, que eu recusei receber Mistress Clarkson ? Que me importa tudo isso ? Mas o que o senhor não sabe é que esta mulher me vendêra, sim ! me vendêra a esse duque ; a transacção effectuou-se em casa d'ella, entre meu pai e o Sr. de Septmonts. Foi d'este modo que vim a ser duqueza. Um d'esses senhores, julgando comprazer-me, contou-me tudo. E é quando eu sei de tudo isto ; é quando torno a encontrar o unico homem, em quem julgava poder esperar, que o vejo ao lado d'essa mulher ! Finalmente quando supportei a affronta e a angustia de recebêl-a em minha casa sabe o que ella me disse ? O seguinte : « Venha visitar me ; conversaremos a respeito do Sr. Gerard, a quem amo talvez tanto, quanto a senhora o ama. » Mentio essa mulher ? Fallou verdade ? Conheceria apenas meu amor d'outr'ora ? queria zombar de mim, amedrontar-me, torturar-me, para se vingar do insulto, que eu lhe fizera ? Ou então ama ? E' amada ? E todos a perguntarem-me porque repugno ir á casa d'essa mulher ! Si elle a ama, ouça.... si elle a ama.... Ah ! não sei o que farei ; porque então será elle tão covarde, tão desprezível como a outra.

REMONIN

Elle não a ama.

CATHARINA

Como o sabe?

REMONIN

Conhece a Mistress Clarkson, como eu a conheço, como todos a conhecem; elle não ama e nem a amou senão a senhora.

CATHARINA

Quem lh'o disse?

REMONIN

Elle cem vezes.

CATHARINA

A ultima vez foi?....

REMONIN

Esta manhã.

CATHARINA

Vio-o?

REMONIN

Sim; eu não queria envolver-me por demais em taes coisas, improprias de minha idade e de meu character. Hoje pela manhã, porém, o Sr. des Haltes procurou-me.

CATHARINA

O Sr. des Haltes?

REMONIN

Em pessoa. Disse-me elle: a Sra. de Septmonts ama certa pessoa, que o senhor deve conhecer,



pois que o senhor é amigo velho de sua familia ;  
ella é muito infeliz ; supplico-lhe que faça a  
favor da duqueza tudo quanto puder.

CATHARINA

Pobre moço ! Visto isso elle tem coração ! E'  
muito nobre o que elle fez ! E depois ?

RÉMONIN

Depois fui á casa de Gerard, que se dispunha  
á vir procurar-me. Ah ! em que roda viva ando  
por causa da senhora ! Si meus collegas do Ins-  
tituto me vissem, que vaia levava eu ! Referi  
a Gerard tudo quanto hontem se passou.

CATHARINA

E então ?

RÉMONIN

Então, elle ahi vem.

CATHARINA

Aqui ?

RÉMONIN

Sim.

CATHARINA

Quando ?

RÉMONIN

Já.

CATHARINA

Mas, porque não me disse isso logo ?

RÉMONIN

Pois si a senhora levou todo o tempo a fallar !

CATHARINA

Que quer, meu amigo? Estou louca! (*Abre-se a porta*) mas prometto-lhe ficar socegada.

RÉMONIN

Assim o espero.

O CRIADO (*annunciando*).

O Sr. Gerard (*Fecha a porta*).

CATHARINA (*soltando um grito*).

Ah! (*corre para Gerard e vai deixar-se cahir nos braços d'elle; quando elle pára e estremece, elle a retém pelas mãos.*)

RÉMONIN (*à parte*).

Que coisa tão simples! agora entendo eu que haja quem prefira isto às mathematicas!

CATHARINA (*enchugando os olhos*).

Ah! era tempo de vir.

RÉMONIN (*à parte*).

Era tempo, sim senhor! Porém ella está tão commovida.

CATHARINA (*a Gerard*).

Emfim! Assente-se ahi, senhor; conversemos.

RÉMONIN

Eil-a que volta aos seus dezoito annos! Posso me pôr ao fresco. (*Alto*). Adeus, minha filha.

CATHARINA

Adeus, doutor.

RÉMONIN (*sorrindo-se*).

Agradeço-lhe essa instancia para que eu fique; mas é absolutamente preciso que me recolha para trabalhar.

CATHARINA

Perdôe-me ; mas estou tão feliz ! E é a primeira vez ha tres annos ! (*Rémonin aperta a mão de Gerard*).

GERARD

Até á vista, meu caro mestre.

RÉMONIN

Lembre-se da sua promessa.

GERARD

Descanse. (*Rémonin sahe*).

## SCENA V.

Catharina e Gerard

CATHARINA

Tres annos ! Quantas coisas ! E' o senhor ! Sou eu ? Sim ; nada mudou, si contiúua a amar-me. Amava-me ; não é assim ?

GERARD

Mais, que a tudo no mundo.

CATHARINA

E agora ?

GERARD

Mais, que outr'ora ; tenho padecido tanto !

CATHARINA

Luctou para esquecer-me ?

GERARD

Não.

CATHARINA

Vale mais que eu , porque fiz todo o possivel para esquecel-o, e até para lhe querer mal.

GERARD

Tinha desculpa. Pertencia a outro ; mas eu era livre.

CATHARINA

Não dispoz dessa liberdade ?

GERARD

Nunca.

CATHARINA

Nenhuma unica imagem passou por entre nós dois ?

GERARD

Nem uma.

CATHARINA

Essa mulher ?

GERARD

Que mulher ?

CATHARINA

Que veio hontem aqui.

GERARD

Mistress Clarkson ?

CATHARINA

Como a conhece ?

GERARD

Salvou-me a vida.

CATHARINA

Esteve para morrer ?

GERARD

Estive.

CATHARINA

Ah ! meu Deos ! Que teria sido de mim ! Onde foi isso ?

GERARD

Em Roma.

CATHARINA

Porque não m'o-mandou dizer ?

GERARD

Que teria feito ?

CATHARINA

Teria ido ser sua enfermeira.

GERARD

Não n'a deixariam partir.

CATHARINA

Oh ! mas iria !

GERARD

Não ; por que foi exactamente nos proximos dias de seu casamento.

CATHARINA (*occultando o rosto nas mãos*).

Triste de mim ! E foi então essa mulher quem esteve lá ?

GERARD

Não ; não a vi nessa occasião. Apanhei uma horrivel febre. Estava eu muito modesta e perigosamente hospedado em uma dessas ruas humidas, que ligam ao agro a cidade de Roma. O medico, que me tractava (era francez), contou casualmente a Mistress Clarkson que eu estava grave, e lhe inspirava receios. Era urgente que eu fosse transportado pera lugar saudavel e arejado. Mistress Clarkson, que partia no dia seguinte para Napoles, pôz á disposição do doutor, em Albano para recolher o seu doente, uma casa com magnifico jardim. Lá convalesci e restabeleci-me. Parti, em seguida, para Napoles, onde fui agradecer-lhe.

CATHARINA

Continúe..... Continúe.

GERARD

Ella vivia sumptuosamente ; recebia todos os homens distinctos da cidade ; lia muitos livros,

sérios de mais para mulher. Estudava a fundo os monumentos, o passado, a historia d'aquelle grande paiz. Offereceu-me algumas vezes lugar em seu carro nas horas de passeio. Iamos ao Pausillipo, á Baia, á Portici, á Pompeia. D'ahi nasceu entre nós certa intimidade. Eu sentia precisão de fallar de Catharina a alguém. Ella era mulher ; podia comprehender-me. Narrei-lhe a nossa historia. E' escusado dizer que não pronunciei seu nome. « Ah ! (exclamava ella com certa commoção) ; o senhor está apaixonado pela Sra. de Mauriceau, duqueza de Septmonts ? Foi em minha casa, que o duque travou relações com o pai della, o qual me informou desse primeiro amôr de sua filha, declinando o nome do homem, tanto como o senhor declinou o do moço ; mas adivinhei. E' curioso ! Estou penalizada de ter contribuido para um casamento, que é fonte de tão crueis angustias para o senhor e para ella ! Terminou o passeio, sem que ella tornasse a fallar neste assumpto. Quando no dia seguinte fui visital-a soube que tinha partido.

CATHARINA

Nunca mais tornou a vêl-a ?

GERARD

Vi-a na *Opera*, ha sete ou oito mezes. Cantava-se *Guilherme Tell*, que eu nunca mais ouvira desde o dia, em que juntos assistimos a essa partitura no camarote do Sr. Mauriceau ; lembra-se ? Nutria vaga esperança de a avistar e talvez de que me visse tambem ; não foi essa noite ao theatro ?

CATHARINA

Que falta poderia eu fazer nessa noite ? Não estava lá *Mistress Clarkson* ?

GERARD

Sim, estava. Occupavam alternadamente a frente e o fundo de seu camarote dois homens muito distinctos, e um delles muito celebre. Logo que o panno descia enchia-se-lhe o camarote de visitas. Eu devia-lhe grandes finezas; fui com-primental-a em um intervallo. «Já o tinha avis-tado, disse-me ella, si bem que estivesse soli-tario no fundo de uma frisa; mas eu tenho olhos de lynce.» E, assim fallando, olhava para mim de modo singular. E quando lhe pedi licença para ir á sua casa com-primental-a, respondeu-me, que ainda não tomára casa, e que não recebia ninguem, até nova ordem. Retirei-me. Alguns minutos depois o Sr. de Septmonts entrou no camarote e nelle passou o resto da noite. Era a primeira vez que eu via seu marido e ignoraria mesmo quem elle fosse, si a dois espectadores da platea superior, que fallavam a respeito de Mistress Clarkson em voz alta, dizendo os nomes dos homens, que a iam com-primentar, eu não tivesse ouvido: «Lá está agora o duque de Sept-monts.»

CATHARINA

Foi tudo o que disseram?

GERARD (*depois de pausa*).

Foi.

CATHARINA

E julga que ella fallou de si ao duque!

GERARD

Não creio. Nem uma só vez volveu elle os olhos para meu lado, o que não deixaria instinc-tivamente de fazer, si de mim se tractasse.



CATHARINA

Mas hontem tornou a encontrar-se com ella ?

GERARD

Era publica esta festa ; tinha eu certeza de vê-la ; esperava que me comprehendesse e julgava que já era tempo de cumprir a minha promessa. Approximei-me de Mistress Clarkson, apezar do frio acolhimento, que me fizera na *Opera* ; trocámos phrases triviaes, moeda corrente dessas praticas de occasião, e fallámos ácerca de um trabalho, que o bom Rémonin me encommendou para o Sr. Clarkson, e que já está concluido. Nessa encommenda, que era para meu velho mestre occasião d'eu ganhar consideravel somma, via eu sómente um meio de pagar a minha divida de gratidão. Hontem, no entanto, a voz de Mistress Clarkson estava tremula. « Já tenho casa, disse-me ; terei a satisfação de recebê-lo, tanto mais quanto o Sr. Clarkson está para chegar e precisará muito conferenciar com o senhor, e agradecer-lhe. » Affastou-se, mal pronunciou estas palavras. A senhora vio-me nesse momento : entrou em seus aposentos e eu retirei-me. Foi então que lhe enviou o cartão de visita ; ignoro o que ella quer.

CATHARINA

Quer-me mal ; ama-o.

GERARD

Ella nunca amou a alguem ; assim m'ò disse. E estou certo de que disse a verdade.

CATHARINA

Porque nunca encontrou um homem como Gerard. Parece-se, porventura, com os outros

homens? Si se parecesse, têl-o-hia eu assim amado? Em summa: Estou ciosa. Não sabe o que é o ciume?

GERARD

Parece-lhe?

CATHARINA

E' verdade; já me não lembrava; mas é tão bom esquecer! não me acorde a memoria; supplico-lh'o! Oh! é terrivel! Então, é certo? Tambem foi infeliz? E por minha causa?

GERARD

Sim; tão infeliz, que teria dado cabo de mim, si não tivesse mãe.

CATHARINA

Vive?

GERARD

Sim.

CATHARINA

Elle tem mãe e queixa-se! Ella hade vir outra vez morar comigo.

GERARD

Como? Comsigo?

CATHARINA

Julga então que eu vou continuar a ficar aqui?

GERARD

E seu marido?

CATHARINA

Pois eu tenho lá marido? O que ha de commum entre mim e esse homem? Devolver-lhe-hei o

seu nome. Suppõe que faça empenho em conservar-o? No pouco tempo, em que o usei, honrei mais esse nome, do que elle. Demais, não tinha necessidade de ser duqueza, e tenho a de ser amada.

GERARD

Então será minha amante ?

CATHARINA

Sua amante !

GERARD

Sim. Que outro titulo poderá ter a meu lado ? Sentio o effeito, que esta palavra lhe causou ? consentirá acaso em decahir, não só de sua classe, como de sua dignidade ; não só da estima dos outros, como da sua propria ? Não n'ó consinto eu. Si reapareço em sua existencia ; si entro em sua propria casa, não é para aviltal-a, arriscar-lhe a reputação, nem para perdela. E' para auxiliá-la ; para amparal-a ; é para tornal-a forte contra os outros, e talvez contra si mesma. E' para que sinta bem perto o sustentaculo, que sempre lhe faltou, e que lhe não faltará mais. E' para a salvar emfim. D'este momento em diante respondo por sua honra, que me é mais cara, do que a minha. Não quero ver em si senão o que sempre vi ; — o ente sagrado, a companheira d'alma, aquella, de quem eu teria feito a esposa, que o marido adora, a mãe de meus filhos, a mulher, que todo o mundo venera, respeita e glorifica. No poderia vel-a de outro modo. Os successos e os homens, por mais poderosos que sejam uns, por mais crueis que outros sejam, nada podem modificar em nossa cons-

ciencia e não devemos tolerar que nos obriguem a descer abaixo de seu nível e, muito menos, abaixo de nós próprios. Si eu viver, si morrer, será pela senhora ; e o que aspiro dever-lhe é aquillo, que nunca pôde dar a ninguem — a sua confiança, a sua estima, o seu pensar de todos os instantes, a sua alma, o que ha em si divino e eternal.

CATHARINA

Meu Deus ! quanto o amo ! Viverei ; farei tudo que o senhor quizer. Está dito ; está ajustado ; sou sua. E, para começar, ordene ! Todos aqui, menos o Sr. des Haltes, querem que pague a visita de Mistress Clarkson. Vou ?

GERARD

Vá ; salvo si preferir que eu a veja e que eu saiba....

CATHARINA (*interrompendo-o*).

Não ; antes quero eu ir. Agora, que tenho certeza de que o senhor a não ama, irei á casa d'ella quantas vezes quizer. Mas prometta-me não voltar lá, nunca, nunca, seja qual fôr o pretexto.

GERARD

Prometto sem custo nenhum. Essa mulher não existe para mim, pois não é a ella que eu amo. Mandar-lhe-hei pelo nosso Rémonin o trabalho, que me encommendou ; nada mais lhe verei e tudo estará acabado.

CATHARINA

Obrigada (*como uma criança*). Como eu sou feliz ! (*Septmonts entra*).

GERARD (*Baixo*).

O duque....

## SCENA VI

Os mesmos, e Septmonts.

CATHARINA (*Gerard comprimenta o duque; Catharina apresenta-lhe Gerard*). O Sr. Gerard, amigo de minha infancia.... O Sr. de Septmonts.

SEPTMONTS

Seja bem vindo, senhor, á minha casa, ou antes á da duqueza; porque estamos aqui em casa d'ella. (*A Catharina*). Vês, querida amiga, que um dos dois esposos pôde apresentar um amigo a outro, sem que a apresentação custe vinte e cinco mil francos ao apresentado, nem ao apresentante? (*A Gerard*). Todas as quartas-feiras a duqueza e eu temos reunião; mas a senhora está em casa para seus amigos todos os dias das cinco ás seis horas.

GERARD (*comprimentando*).Senhor!... minha senhora!.... (*Sahe*).

SEPTMONTS (*acompanhando a Gerard, torna depois a descer*).

O Sr. Mauriceau deu-lhe um recado meu?

CATHARINA

A respeito de Mistress Clarkson?

SEPTMONTS

Sim.

CATHARINA

Estou prompta, quando lhe aprouver, á pagar essa visita, visto que meu pai é da mesma opinião, que o duque. E como elle conhece essa dama, desejo que me acompanhe á sua casa.

SEPTMONTS

Como quizer.

## SCENA VII

SEPTMONTS

O Sr. Gerard, amigo de infancia, retira-se quando eu chego e, depois de sua visita, ella faz o que eu quero! E' preciso ser muito cégo para não vêr o que isto significa! Seja assim. Veremos!

FIM DO SEGUNDO ACTO.

## ACTO III

No palacete de Mistress Clarkson. Salãosinho muito elegante e muito confortavel. Porta grande ao fundo: portas lateraes.

### SCENA I

Mistress Clarkson, Clarkson.

MISTRESS CLARKSON (*reclinada n'uma chaise-longue*).

E agora vamos á historia de meus ultimos cincoenta mil dollars.

CLARKSON

Para remetter-lhe esses duzentos e cincoenta mil francos, converti-os em barras, que são de mais facil transporte; despacho-as pela casa Smith, de Nova-York. Chega-me a noticia de que o carro, que levava essa carga para a estrada de ferro, fôra retido por tres aventureiros. O proprio carro foi o portador da noticia, e até nem trazia mais nada. Muno-me de dois revolvers, da minha carabina *Henry*, prodigiosa na mira; monto a cavallo e parto em cata dos meus tres sacripantes. Eu poderia ter levado comigo para esse divertimento tres bons companheiros; os passatempos do deserto não são os de Pariz; lá aproveita a gente todas as occasiões para se desfadar. Mas era caso de amor proprio. Aquelle

dinheiro era seu ; queria reconquistal-o por mim só. Transporto-me, pois, ao theatro do assalto, e apenas encaro o terreno, comprehendo logo que os meus bandidos deveriam ter descido em direcção do rio. Vou-lhes no encalço, sabe Deos porque veredas, por entre pinhascos, mattas, brenhas, troncos derribados...

MISTRESS CLARKSON

Conheço o sitio.

CLARKSON

Galgo um penhasco e volvo os olhos em torno. A dez passos de distancia diviso agachado um dos meus tratantes. Elle, que, tambem já me avisára, dispára-me o revolver á cautela, porque emfim elle não podia saber com que intenção eu ia. No mesmo instante um dos homens da quadrilha, arrimado a um rochedo, aponta-me a escopeta, para o que dêsse e viesse. Deliciosas relações ! Fazer fogo, matar o primeiro o voltar para o outro foi um abrir e fechar d'olhos. O ultimo escondeu-se atraz do seu rochedo. L obrigava-lhe eu apenas um dos olhos e a corôa da cabeça. Foi o sufficiente ; antes que elle encostasse a arma ao hombro, já tinha a balla no meio da testa. Restava o terceiro ; onde se fôra elle encafuar ? Deito olhos em roda e bispo o meu sujeito a galope, em distancia de cem passos. Podia derribal-o ; mas o caso é que ninguem mais me poderia dizer que destino as barras tinham levado. Atiro-lhe, não á cabeça, mas ás pernas ; afocinhou como os outros. Desarmo-o e ameaço-o de acabar com elle, como acabára com os outros, si não me diz onde está o thesouro ; guia-me, coxeando. Emfim, como o desbravador do de-



serto, apesar de mineiro ou caçador de feras e indios, sempre é christão quando é cidadão da livre America, vou ao rio; tiro agua embebo n'ella o lenço, e penso a ferida do meu valdivinos, tanto mais quanto, tendo certeza de que elle seria enforcado ao chegar ao povoado, não queria que morresse alli, privando assim os camaradas de um espectáculo, que sempre os entrêtem alguma coisa. Feita a cura, vou buscar o reforço de alguns homens. Transportámos para a estrada o ouro e o ferido. Trazem-me uma carreta, onde se depositou tudo. Entrego as redeas ao bandido; torno a montar a cavallo, e eis-nos chegados. Esperava-nos a povoação em peso. Eram acclamações, que se podiam ouvir até aqui. Carregam-me em triumpho; fôrço o prezo a contar a historia; depois—acto continuo—julgam-n'o e enforcam-n'o n'um lampião, que á noite ainda allumiou melhor.

MISTRESS CLARKSON

Mas si o matassem !

CLARKSON

Ora ! tenho escapado de outras peiores. Demais, todos os nossos papeis se acham em regra ; o meu guarda livros, que está inteirado de todos os negocios, e é homem de bem, ter-lhe-hia facilitado todas as formalidades da partilha e liquidação. Em tal caso só perderia a minha pessoa, e d'isso a senhora facilmente se consolaria.

MISTRESS CLARKSON

Engana-se. Amo-o muito.

CLARKSON

Porque não tem sido sempre assim ?

## A ESTRANGEIRA

MISTRESS CLARKSON

Foi o senhor quem o quiz. Não devia tão facilmente suppor-me culpada.

CLARKSON

Qualquer outro em meu lugar...

MISTRESS CLARKSON

Concedo! Mas força era que acontecesse o que aconteceu. Não se queixe. Foi melhor assim. Tornamos sempre a vêr-nos com prazer e podemos conversar de tudo, como amigos velhos.

CLARKSON

Por minha parte nunca torno a vê-la sem grande commoção. Quando ando por aquellas terras trabalhando e gyrando affigura-se-me que não penso absolutamente em si. Desde, porém, que a avisto, reconheço que é em si que penso constantemente.

MISTRESS CLARKSON

Hade passar. Quando recebi e seu aviso, annunciando-me que chegaria esta manhã, senti-me verdadeiramente feliz. Mandei preparar os seus aposentos, contando que viria em direitura para aqui.

CLARKSON

Receiava incommodal-a.

MISTRESS CLARKSON

Bem sabe que nunca me incomoda e que está em sua casa quando está na minha.

CLARKSON

Não na casa toda.

MISTRESS CLARKSON

Deixo á sua disposição, si o quizer, todos os quartos do palacio.

CLARKSON

Excepto um.

MISTRESS CLARKSON

Em algum tenho eu de morar. (*Tange a campainha*). Está, pois, assentado. Faço gosto nisso. (*Aa creado*). Vá buscar ao *Hotel Central* a bagagem do Sr. Clarkson, e leve-a para os aposentos, que se lhe prepararam.

CLARKSON

Afinal de contas, tenciono partir em dois ou tres dias.

MISTRESS CLARKSON

Então não percamos tempo; dê-me noticias de Noemi-City.

CLARKSON

Cidade de Noemi é seu verdadeiro nome e não devia ter outro; pois foi a senhora quem realmente a creou. (*Tira do bolso um charuto*).

MISTRESS CLARKSON

Que vai fazer?

CLARKSON

Tiro um charuto.

MISTRESS CLARKSON

Para que ?

CLARKSON

Para fumar.

MISTRESS CLARKSON

Não se fuma aqui.

CLARKSON

Já vê que não estou em minha casa. Suppunha que a senhora só recebia homens.

MISTRESS CLARKSON

E' verdade ; mas não lhes consinto que fumem ; abriria uma excepção a seu favor, para compensal-o de todos os desgostos, que lhe tenho causado, si, por acaso, não estivesse hoje á espera de uma senhora.

CLARKSON

Mudemos de assumpto ; a senhora bem sabe o que é o habito. (*Torna a recolher o charuto na algibeira*). Eis aqui o plano da sua cidade. (*Tira d'outra algibeira um mappa, que abre*). Escolhi, conforme lhe participei um sitio no Utah, isso muito antes de inaugurada a estrada de ferro do Grande Pacifico. Tendo comprado nas cercanias, até muito para o centro, todo o terreno, que não fôra concedido á companhia, e encommendado de antemão todo o preciso em Chicago, onde se fabricam casas de madeira, que se armam e desarmam e se transportam, os primeiros trens, que pararam na estação, que depois se devia chamar *Noemi-City*, trouxeram-me uma

hospedaria, uma casa de pasto, outra de jogo, uma escola e uma imprensa.

MISTRESS CLARKSON

E um templo.

CLARKSON

Sim, e um templo, esta claro; um templo, que havemos de alugar alternativamente aos diferentes cultos. Ao cabo de um mez, estava o campo transformado em cidade, com um verdadeiro palacio no centro — o seu palacio, que está sempre á sua espera, prompto para recebê-la, quando lhe aprouver. Publicamos uma folha. Só nos falta um theatro, que havemos de ter antes de seis mezes. Fôra longa tarefa narrar-lhe como, a principio, choveram bandidos sobre o nosso acampamento antes que lá chegasse a estrada de ferro, e bem assim quantos tiros de revolver e de carabina e quantas facadas trocámos com os Indios, quantos desses invasores foram por nós desancados e enforcados. E' fôra de duvida que heide morrer um dia; mas, depois de tudo quanto tenho visto, curioso seria saber como a morte se arranjará para isso.

MISTRESS CLARKSON

E a tal mina de ouro, de que me fallou na sua ultima carta?

CLARKSON

Existe e em terrenos muito nossos. Comprei-os e paguei-os ao Estado; ninguem póde nella tocar, nem mesmo em minha ausencia. Certo dia, em que passeava pela montanha, batendo no chão de vez em quando, á ver se descobria alguma veia

metalica (pois é quasi sempre por acaso que ellas se acham) encontrei um Indio, que me disse: « Irmão branco, procura mina de ouro? » — Sim. — « Vem cá. » Mostrou-me a mina e foi-se em paz. Aquella gente não faz caso de ouro.

## MISTRESS CLARKSON

E' por isso que, de dia para dia, se lhe vai diminuindo a raça, que ha de desaparecer de todo. Muitos Deoses tem o homem inventado desde o principio do mundo; mas ainda não conseguio desthronar esse. « O tempo é dinheiro » dizem nossos compatriotas; » podiam accrescentar: « E o dinheiro é tudo. » Ignoro, Sr. Clarkson, o que farei d'essa potencia, assim como o senhor ignora o que a morte fará da sua pessoa; mas proclamo esta potencia como a primeira do mundo. Ella contribue para que possuamos o que nos inspira o desejo e para não lastimarmos aquillo, que não podemos obter. Quiz ter essa potencia; tive-a; quero-a maior ainda. Portanto, Clarkson; faze-nos ricos, riquissimos; e um dia d'estes, quando eu estiver bem cançada da tal civilisação europêa, que ás vezes me parece bem mesquinha e bem curta, póde ser que eu te empraze para um encontro n'um Oceano qualquer; para irmos á India, ou á Africa, fazermo-nos rei e rainha, ou deos e deosa, caso não me baste o throno e prefira o templo. Agora, dá-me um beijo, Clarkson; e si procurares bem em minha face, aqui acharás o ultimo, que n'ella imprimiste. Ninguem o apagou!

CLARKSON (*beijando-a*).

Devéras?

MISTRESS CLARKSON

Pela memoria de minha mãe ! Oh ! minha mãe !  
Elles hão de pagar-me minha mãe, já que não  
pódem restituir-m'a. (*Inclina por momentos a  
face no hombro de Clarkson*).

O CRIADO (*annunciando*).

O Sr. Rémonin.

## SCENA II

Os mesmos e Rémonin

MISTRESS CLARKSON

Entre, meu caro mestre ! Vem assistir a uma  
scena domestica : mas isso não lhe repugna,  
creio eu ?

RÉMONIN

Não ha nada, que me repugne, e isso ainda  
menos : é a coisa mais natural.

MISTRESS CLARKSON

Que é do Sr. Gerard, que lhe pedi trouxesse ?

RÉMONIN

Não pode vir.

MISTRESS CLARKSON

Não pode, ou não quiz.

RÉMONIN

Disse-me que não podia ; trago, porém, o seu  
opusculo. (*Mistress Clarkson, apresentando-os  
um ao outro*). Apresento-lhe o Sr. Rémonin,

um de nossos grandes chimicos, que lhe vem trazer a memoria de um discipulo d'elle — o Sr. Gerard — sobre lavagem do ouro.

CLARKSON (*estendendo a mão á Rémonin*).

Ah! tem ahi a memoria?

RÉMONIN

Tenho.

CLARKSON

E eu tenho as amostras. Vou buscal-as.

RÉMONIN

Sim senhora ; já vejo que com o Sr. Clarkson não se perde tempo em preliminares.

CRIADO (*annunciando*).

O Sr. duque de Septmonts.

SEPTMONTS (*á Mistress Clarkson*).

Bom dia, cara amiga.

CLARKSON

Eu volto já!

MISTRESS CLARKSON (*apresentando Clarkson a Septmonts*).

O Sr. Clarkson.... (*á Clarkson*) O Sr. duque de Septmonts.

CLARKSON (*affastando-se, de chapéo na cabeça e com accento de indifferença*).

Bom dia, meu senhor.



## SCENA III

Mistress Clarkson, Rémonin, Septmonts.

SEPTMONTS

Então o Sr. Clarkson é isto ?

MISTRESS CLARKSON

Sim ; é isto, como o senhor diz. Dar-se-ha caso que não lhe agrade ?

SEPTMONTS

Estes modos de dar os bons dias de chapéo na cabeça são de aprimorada educação. Estou costumado a ser-se mais polido comigo.

MISTRESS CLARKSON

Principalmente quando o não conhecem.

SEPTMONTS

Que quer dizer ?

MISTRESS CLARKSON

Que está em minha casa e que, si os modos do Sr. Clarkson lhe não quadram, pode retirar-se e não tornar a vir cá.

SEPTMONTS

Seja assim ; mas só depois de haver dito a esse homem o que penso das suas maneiras. Bem basta ser elle seu marido ; é desnecessario juntar á isso a insolencia.

MISTRESS CLARKSON

O senhor não ha de dizer nada ao Sr. Clarkson,

e nisso fará bem. Não poderá achar mais favoravel ensejo de conservar na bainha o seu chanfalho. Tenho tolerado que o senhor entre e saia em minha vida exterior, de modo que certa gente acredita, e até o senhor mesmo talvez venha tambem a acreditar, que tem direitos em minha casa e sobre a minha pessoa. Mas bem sabe que nenhum absolutamente tem. O senhor teria arriscado a minha reputação, si esses riscos me não fossem totalmente indifferentes ; isso o lisonjeia ; dá-lhe ares de conquistador e serve-lhe para seus planos. Ha certas senhoritas que, vendo-o frequentar o meu camarote, projectam arrebatá-lo a mim, suppondo terem vindo do senhor os diamantes, que me cobrem os hombros. E' verdade que alguns me deu e seu sogro outros ; mas foram verdadeiros mimos ? O senhor, de tempos a tempos, vai com essas moças e com algumas garrafas de *champagne* distrahir-se dos tormentos, que diz causar-lhe a minha indiferença. E' conveniente, porém, que o Sr. Rémonin, testemunha da scena, que se passou no palacio Septmonts, da resistencia da duqueza em me deixar penetrar nos seus aposentos, apezar do meu preço de entrada ; é conveniente, repito, que o Sr. Rémonin, que vai d'aqui á pouco presenciar a vinda da duqueza de Septmonts á minha casa, saiba o que deve pensar a respeito das nossas relações, e possa affirmar á duqueza que ella não recebeu nem visitou a amante de seu marido. Nada, pois, de affectar ciume ou susceptibilidade em presença do Sr. Clarkson, que não o conhece, que não se interessa em conhecê-lo ; do Sr. Clarkson, para quem o senhor não existe ; que passa rapidamente por Pariz á tratar de negocios ; que não é soffredor ; que manzeia todos os dias a espingarda, o revolver, a faca com adver-

sarios, que valem muito mais, que o senhor, e que, ao primeiro atrevimento, que o senhor lhe dirigisse, o mataria como a um coelho. Ficamos entendidos ; não é assim ? (*Sahe para ir ter com Clarkson, fazendo signal a Rémonin de que voltará em breve*).

## SCENA VI

Rémonin, Septmonts.

SEPTMONTS (*á Rémonin*).

O senhor já vio muitas mulheres como esta ?

RÉMONIN

Não.

SEPTMONTS

Não é muito natural que a adorem ?

RÉMONIN

Até eu mesmo não sei o que me cohibe.

SEPTMONTS

Ainda bem, meu caro mestre, que o senhor comprehende estas coisas.

RÉMONIN

Comprehender é meu officio.

SEPTMONTS

Dizem por ahi : porque razão Septmonts, casado com uma joven linda e virtuosa, só se occupa de Mistress Clarkson ? Por que ? por que ?.... Quem póde dizer o por que ? E' ; por que é ?

RÉMONIN

Ora eis ahi ; é porque é ; isso não se discute.

SEPTMONTS

Que ha irresistiveis attracções, sabe-o o senhor melhor, que ninguem. Por que razão o iman attrahe o ferro ? Força-me superior poder á vir á esta casa todos os dias, ainda que seja por cinco minutos ; mas hei de vir. Não ha em minhas relações nada, que deixe de ser honesto e respeitoso, como lhe disse Mistress Clarkson. Ouço quasi sempre coisas desagradaveis no genero daquellas de ha pouco ; não importa. Volto constantemente e, si por acaso não venho um dia, é por não poder absolutamente, e até ao dia immediato nem sei onde trago a cabeça. Falta-me alguma coisa. Quando eu casei partio ella para a Italia. Eu andava como um doudo e até ceava e jogava para me distrahir.

RÉMONIN

E' curioso !

SEPTMONTS

Curiosissimo. Haveria um estudo interessante a fazer acerca da fascinação, que certas mulheres exercem sobre tudo, que as rodeia ; por que andamos muitos outros no mesmo fadario e olhe que não somos gente de pouco mais ou menos. Tem ella qualidades raras em mulher. Nem sombra de garridice, nem a mais leve macula em sua vida. Vivemos todos á espreita uns dos outros, á caça de surprehender alguma coisa. Nem sombra ou vestigio sequer ! E' um verdadeiro rapaz.

RÉMONIN

Compreendo que homens talentosos se obstinem em domar estas naturezas bravias; uma vez vencidas, devem possuir graças, ainda inquietadoras, mas cheias de encantos para verdadeiros domadores.

SEPTMONTS

E' só nisso que eu penso. Idéa fixa. A gente ha de ter na vida um alvo! Eu conheço as mulheres; olá se conheço! Ha sempre um movimento, uma occasião, em que se as pode vencer. Para isso é preciso estar sempre na brecha. Heide gastar tres, ou quatro milhões; consumir dez annos, si fôr preciso; mas hei de triumphar.

RÉMONIN

Dez annos e quatro milhões talvez não bastem; mas creio que trabalhando vinte annos e arruinando-se de todo....

SEPTMONTS

Mette-me á bulha? Pois eu lh'o mostrarei.

RÉMONIN

Bom proveito.

SEPTMONTS

Obrigado; mas tudo isto fica entre nós.

RÉMONIN

Está visto. (*Affastando-se de Septmonts, á parte*). Pobre Catharina!

## SCENA V

Os mesmos e Mistress Clarkson.

MISTRESS CLARKSON (*tornando a entrar*),

Estão ahi as suas amostras, Sr. Rémonin.

RÉMONIN (*à Mistress Clarkson, enquanto Septmonts arranja os cabellos ao espelho*).

Vamos lá. A senhora é excepcional ; é pessoa, com quem se pode conversar. O Sr. Septmonts quiz provocar o Sr. Clarkson. Porque razão lh'o impediu ? Seria grande mal que o Sr. Clarkson o matasse ?

MISTRESS CLARKSON

De certo ; ligo muita importancia não só a que o Sr. de Septmonts viva, como a que se regenere, tornando-se bom esposo e bom pai. O senhor é bom entendedor ; meia palavra basta ; adivinha o resto ?

RÉMONIN

Adivinho. (*Vai para o bastidor ter com Clarkson*).

MISTRESS CLARKSON (*à Septmonts*).

Porque motivo, sabendo que a duqueza resolvêra visitar-me, não a trouxe comsigo ?

SEPTMONTS

Primeiro porque desejava vê-la a sós por alguns momentos ; depois porque ella preferio vir com seu pai.

MISTRESS CLARKSON

Seu sogro vem com ella ?

SEPTMONTS

Vem acompanhal-a.

MISTRESS CLARKSON

Então não é conferencia ; é congresso. Pois a duqueza tem tanto medo de mim, que precise estar aqui rodeada de toda a sua familia ?

SEPTMONTS

Si ella soubesse de que modo a senhora me recebe, perguntaria a si mesmo como será recebida.

MISTRESS CLARKSON

Quanto mais mal eu receber ao duque, tanto mais probabilidade ha de receber bem a duqueza.

SEPTMONTS

Porque ?

MISTRESS CLARKSON

Porque uma das minhas queixas é o modo porque se comporta com ella.

SEPTMONTS

Temos outra.

MISTRESS CLARKSON

Porque não ama sua mulher ?

SEPTMONTS

Porque amo a senhora.

MISTRESS CLARKSON

Mas então não devia desposal-a.

SEPTMONTS

Ninguém, melhor que a senhora, o sabe porque a desposei. Foi quem me aconselhou quem me obrigou, dizendo-me. Case-se primeiro e....

MISTRESS CLARKSON

Pois bem. Por isso mesmo é que a minha responsabilidade está agora empenhada, pois eu desejei a sua felicidade, mas não a desgraça della. E depois disso, *nobreza obriga*, meu caro senhor. E a primeira coisa, á que a nobreza obriga, é a continuação dessa nobreza á descendentes. Os seus antepassados, commensaes e companheiros de prazer de Luiz XV e do Regente, eram viciosos tambem; mas havia nos vicios delles elegancia, espirito e uma especie de probidade. Para redoirar seus brasões contrahiam, como o senhor contrahio, allianças desiguaes; ao menos, porém, respeitavam sua assignatura no contracto. Pagavam escrupulosamente, como as dividas de jogo, o debito do casamento; proporcionavam á suas esposas as altas funcções e as austeras alegrias da maternidade. Si as mulheres tinham praticado a tollice de comprar um nome, restava-lhes o prazer e a gloria de transmittil-o. Proceda como seus maiores, senhor duque, senão por delicadeza, ao menos por interesse. Somos mortaes; e si a duqueza morresse sem filhos, ficaria o senhor de repente e de todo arruinado; reverteria toda a fortuna ao papa Mauriceau, que nem por sombra, se lembraria de constituil-o seu herdeiro. Ponha-se ao abrigo dessa desgraça por detraz de uma numerosa prole, tanto mais....



SEPTMONTS

Tanto mais...

MISTRESS CLARKSON

Tanto mais quanto a duqueza é uma senhora altiva e, podendo cansar-se do desdem, que por ella affecta o homem, por quem lhe sobra direito de ser apreciada, talvez peça á segundo o que houver em vão esperado do primeiro.

SEPTMONTS

Que segundo? Que quer a senhora dizer?

MISTRESS CLARKSON

Está vendo? Tem zelos de sua mulher, apesar do seu grande amor á minha pessoa.

SEPTMONTS

Não.

MISTRESS CLARKSON

Não passa de orgulho, bem o sei. O senhor não é susceptivel d'esse natural e nobre ciume, que nasce do amor sincero; mas é capaz d'esse amor baixo, que nasce do ciume. E não me admiraria de saber que no dia, em que adquirisse certeza de que sua mulher amasse a outro, o senhor se enamorasse subitamente d'ella. Não espere por esse momento; perspicacia e diligencia, Sr. duque!

CRIADO (*annunciando*).

A Sra. duqueza de Septmonts; o Sr. Mauriceau.

## SCENA VI

Os mesmos, Catharina e Mauriceau

MISTRESS CLARKSON (*indo ao encontro da duquesa*).

Seja bem vinda á esta casa, minha senhora. Nunca permitti que mulher alguma franqueasse o limiar da minha residencia. Têm as más linguas interpretado esta singularidade por um diluvio de razões, ás quaes não deu credito, e por isso lhe fico obrigadissima.

CATHARINA

Nada mais natural, minha senhora, de que eu presidente da caridade, pela qual a senhora, se interessou, lhe trouxesse o recibo da somma, que teve a bondade de nos offertar. E' o menos, que se podia fazer a uma bemfeitora da sua importancia ! (*Entrega-lhe um recibo*).

MISTRESS CLARKSON

Agora, mutuadas as fórmulas diplomaticas, que mantêm a senhora na reserva, que exige a sua situação e a mim na dignidade, conveniente ao meu character, conceda-me a honra de sentar-se em minha casa. Temos que fallar de coisas graves, que talvez lhe parecessem longas de mais, si as ouvisse de pé. (*Aponta uma cadeira á Catharina, que se assenta. A' Mauriceau*). Bons dias, meu caro Sr. Mauriceau ; regosijo-me sempre em vel-o, porém ainda mais n'esta circumstancia.

MAURICEAU

Sim ; havia entre as duas uma equivocação, que importava extinguir.

MISTRESS CLARKSON (*apresentando Catharina à Clarkson, que volta com Rémonin*).

O Sr. Clarkson, a quem coube a boa estrella de chegar esta manhã.

CLARKSON

E que lhe pede desculpa, minha senhora, de se lhe apresentar nestes trajés. Sou um viajante, que trabalha constantemente, até em viagem.

RÉMONIN (*à Mistress Clarkson, saudando a Catharina, a quem aperta a mão*).

E' um homem muito intelligente este Sr. Clarkson.

MISTRESS CLARKSON

Não é?

RÉMONIN

Gerard e eu envidaremos todos os esforços para ser-lhe util e espero que o conseguiremos.

MISTRESS CLARKSON (*em voz baixa ao duque*).

Peça-me para visitar a minha galeria de painéis; desejo conversar alguns minutos com a duqueza para fazer pazes.

SEPTMONTS (*em voz alta*).

Consta-me, prezada senhora, que enriqueceu a sua collecção com recentes primores artisticos. Dá licença que vizite a sua galeria?

MISTRESS CLARKSON

Pois não; e faça as honras d'ella a estes senhores.

MAURICEAU (*a Rémonin e a Septmonts*).

Dentro de dez minutos ficarão as melhores amigas do mundo ; não é melhor assim ?

RÉMONIN

Sem duvida. Tu és sempre conciliador.

CLARKSON (*a Mistress Clarkson*).

Eu vou á casa do Sr. Gerard ; tenho de fazer coisas mais importantes, do que embasbacar-me diante de paineis.

## SCENA VII

Cetharina e Mistress Clarkson.

MISTRESS CLARKSON

Agora, que estamos sós, minha senhora, quero que conversemos com o coração nas mãos ?

CATHARINA

Desde que vim á sua casa, minha senhora, é escusado dizer que estou ás suas ordens.

MISTRESS CLARKSON

Si lhe forcei a porta ; si fiz empenho para que, em seguida, a senhora viesse á esta casa, não foi pela mesquinha satisfação de obrigar-a a praticar um acto, que devia contrariar-a, nem para penetrar em sua roda. Si eu á isso ligasse algum interesse, bastaria um aceno meu para que toda essa gente viesse á mim. Tenho as gavetas cheias de meios para o dia, em que essa phantasia me fosse util, ou agradavel. Duvido muito que isso aconteça, e de mais, creio que dentro em pouco

a sua roda deixará de existir. Posuo os tres bens mais serios para as mulheres—riqueza, mocidade e liberdade—é quanto basta! Terminada esta visita, a senhora só ouvira fallar de mim quando o deseje. Não lhe armei o menor laço e a senhora está aqui cercada, como vê, de seus amigos e parentes. Cumpre, não obstante, que saiba em casa de quem se acha; vou dizer-lhe o que mais ninguem teve a honra de ouvir-me. Cedo verá o motivo da minha confissão. Hão de ter-lhe contado a meu respeito historias de toda a especie. A verdade é esta: sou filha e neta de escravos. Meus avós foram provavelmente capturados e vendidos nos mercados da Luiziania ou da Carolina do Sul. Eis a minha genealogia. Minha mãe era mulata; o que quer dizer que minha avó desposára, ou amára um branco. Parece que minha mãe era linda e que seu senhor, opulento colono, casado e pai de dois filhos, dignou-se distingui-la. Fui eu o fructo dessa distincção. Vindo ao mundo, eu não era legalmente filha; mas era legalmente propriedade de meu pai. Tinha elle o direito de me imprimir nas espaldas ou na frente com um ferro em braza suas iniciaes e de vender-me, si de dinheiro precisasse. Conservo incolumes as espaldas e a frente; mas meu pai vendeu-me a mim e a minha mãe. (*Levanta-se e encosta-se à mesa*). Contava em 1862 nove ou dez annos, não sei bem ao certo; porque eu tinha tanto estado civil, como os cavallos, que puxaram até a que a sua carruagem (salvo si são, como os meus, de raça pura). Em 1862, repito, meu pai enviou-me, em companhia de minha mãe, para Charleston, onde deviamos ser vendidas em hasta publica. Conduziram-nos á uma sala, cheia do mesmo gado que nós, e fizeram-nos subir á um estrado. A senhora

está vendo d'aqui o quadro : D'um lado a mercadoria humana ; do outro os compradores, ao nosso lado o vendedor. Fazia-se isto por meio de pregões, como no mercado.

CATHARINA

E' horrivel !

MISTRESS CLARKSON

Não é ; não. Foi tudo imaginado pelos brancos, pela raça superior. Por mais alva, que fosse a minha côr, nem por isso deixaria de pertencer, no conceito geral, à raça de Cham, maldita por Noé. Isso sóbe longe, como a senhora vê ; mas era uma das razões d'elles ; até parece que era a melhor. Pensará a senhora que eu e minha mãe fomos vendidas em um um lote só, e quem comprou uma fosse obrigado a comprar a outra? Qual! Isto seria quasi humano! Não ; fomos vendidas separadamente e, apesar de nossos beijos, apesar de nossos gritos e de nossas lagrimas, fomos adjudicadas—ella á um—eu á outro senhor.

CATHARINA

Não houve alli um só homem de coração ?

MISTRESS CLARKSON

Nenhum. Para encurtar : permittiram-nos que nos abraçassemos pela vez derradeira e nesse ultimo abraço minha mãe murmurou-me ao ouvido : « Lembra-te eternamente o nome do homem, que nos manda vender e nos separa ; si viveres, vingá-nos. Não escolhas meios ; todos servem. »

CATHARINA.

Mas, como passou da escravidão á liberdade, da miseria á riqueza ?

## MISTRESS CLARKSON

Eu era bonita ; desculpe-me a presumpção. A natureza tem suas desforras. O homem, que me comprára, contava provavelmente, apóz alguns annos, fazer de mim, o que de minha mãe fizera aquelle, que nos vendêra. Não me ajoujaram ao trabalho grosseiro. Fui educada no lar da familia; deram-me certa instrucção ; cultivaram-me a belleza. Auxiliada, entretanto, por alguns negros, que se me affeioaram, consegui fugir antes de.... Depois de provocações de toda a ordem, de luctas e miserias, aluguei-me de creada n'uma hospedaria de Boston. Foi alli que encontrei o Sr. Clarkson ; voltava elle das minas com vinte mil dollars, pouco mais ou menos. Namorou-se de mim. Contava eu então já dezessete, ou dezoito annos. Que melher podia eu deparar para começo do plano, que tinha em mente ? Clarkson era grosseiro, como todos os exploradores de ouro ; mas honrado e bom. Casou-se comigo. Inda me soavam aos ouvidos as ultimas palavras de minha mãe. Tinha em minhas mãos todos os bens de meu marido. Casamo-ncs ao meio dia ; ás duas horas desse dia sahira eu sosinha de Boston. Levava comigo cinco mil dollars, os meus mais ricos vestidos e as joias, com que esse excellente moço me mimoseára. Parti para Charleston, onde se achavam os filhos de meu primeiro senhor. Infelizmente morrêra-lhes o pai ; mas elles — *meus irmãos* — viviam ainda. Contava um vinte e tres e o outro trinta e um annos. Bastou-me pássar por entre elles para convertel-os em mortaes inimigos. Tres mezes depois de minha chegada o mais velho matava com uma facada o mais moço. A victima, que me adorava até o delirio, instituiu-me por testamento herdeira de tudo, quanto

possuia — cem mil dollars approximadamente. Tal foi o começo de minha riqueza.

CATHARINA

E seu segundo irmão?

MISTRESS CLARKSON

Era-me conhecido o lugar, em que se havia homisiado, pois teve o arrojo de me convidar á ir ter com elle. E eu naturalmente fui denunciar o criminoso. E como o Norte triumphára na guerra, os brancos do Sul, não ficaram, como d'antes, impunes. Foi o assassino preso, julgado e enforcado. Deixei então a America, que perdêra para mim todo o interesse, e passei á Europa, derramando assombro em todas as capitães. E' tal facil coisa assombrar capitães! já me não chamavam pelo meu nome; appellidavam-me « a Estrangeira. » E tinham razão. Sim! estrangeira, sem amigos, sem lar, sem patria; estrangeira á todas as vossas tradições, á todas as vossas alegrias, mas tambem á todas as vossas servidões, só tendo por norma a minha phantasia e cheios o coração e o espirito de odio contra esse ente, chamado homem, ao qual não vira nunca approximar-se á mim senão como se approximára de minha mãe — para degradar e aviltar a mulher, em proveito de seu orgulho e do seu prazer. Ah! quão fundamentalmente detestava esse rei da criação, que se proclama — á nós mulheres — como absoluto senhor! Calculei o que poderiam render os vicios dos homens, sem eu lhes dar nada em troca. Não ha um homem, nem em cima, nem em baixo da terra, que obtivesse de mim aquillo, que na pudica e complacente linguagem de vossos salões se denomina-o — *menor favor*. — Um d'elles, algum tanto



mais espirituoso, que os outros, dava-me o nome de — *Virgem do mal!* — Logo que da tolice d'esses homens saccava tudo quanto podia alcançar ; entregava-os ao que tão justamente haviam merecido — à prisão, a loucura, á deshonra, ao assassinato, ou ao suicidio. Quando as outras mulheres tiverem, como eu, consciencia de sua força e de seu poder, bem insignificante coisa será o homem !

CATHARINA

Foi, sem duvida, em nome d'essa philosophia particular que a senhora arranjou o meu casamento ?

MISTRESS CLARKSON

Foi. Encontraram-se em minha casa a ambição do Sr. Mauriceau e a ruina do Sr. duque ; tudo isto valia bem um milhão; *inclusivè* o que o Sr. de Septmonts já me devia. Entretanto, para tudo regularisar d'uma vez e sem deixar duvidas, o Sr. de Septmonts me fizera a grande honra do offerecer-me a sua mão. Preferi deixar essa honraria a outrem. Prezava muito a minha riqueza e a minha liberdade. Respondi, pois, ao duque que era casada, o que já não era verdade. Depois do processo de Charleston, o Sr. Clarkson provára judicialmente a minha desaparição e obtivera sentença de divorcio. Tempos depois, encontramos-nos de novo. Estava elle pobre e eu encarreguei-o dos meus negocios. E' coisa, de que eu entendo muito. Já não somos esposos ; somos socios ; não é já o nome d'elle, que eu uso ; é o nome da casa Clarkson & C., uma das mais consideraveis dos Estados Novos.

CATHARINA

Tudo isto é muito curioso, minha senhora. Só

desejo saber para que fim se dignou fazer-me esta narração.

MISTRESS CLARKSON

Porque no fim d'esta historia, que lhe manifesta quaes os meus modos de combater gentes e coisas ha uma circumstancia, que só á nós ambas interessa. No meio de todos estes homunculos, de que me tenho servido, vingado, ou escarnecido, encontrei um, — verdadeiramente grande de cabeça e coração; não é preciso dizer que este homem é aquelle, que a ama e a quem ama. E' o unico, que se não vergou ao meu imperio. E eu senti *in continenti* que ia talvez vergar ao seu. Tres vezes lhe fugi; tres vezes tornei a encontral-o em meu caminho. Sou um tanto supersticiosa; é isso proprio de minha raça; enxerguei n'esses tres encontros um como decreto do destino. Foi por isso que na noite da festa, quando a senhora sahio para seus jardins, vendo o Sr. Gerard desaparecer tambem, assaltou-me não sei que sensação de ciume e quiz vêr si elle estava em sua casa. Eis ahi porque eu lá quiz ir. E, si desejei a sua visita, foi para podermos conversar mais á vontade. Nunca fiz mal a mulher nenhuma, lembrando-me de minha mãe. Todas nós temos, mais ou menos, direito de nos queixarmos; e si eu nunca recebi mulheres em minha casa, é para evitar contactos, que poderiam degenerar em conflictos. Quiz, pois, prevenil-a lealmente e não lhe declarar guerra, salvo si á isso me constrianger. Será realmente amor o sentimento, que Gerard me inspira? Não n'o sei ao certo, porque nunca ameí! Será capricho, que dure alguns dias? E' possivel! O certo é que sou dominada por curiosidade desconhecida, e quero saber o que devo pensar d'esta

paixão, que tantas vezes hei inspirado, por causa da qual tenho visto praticarem-se tantas infâmias, e que se apregôa capaz de tanto heroismo! Este homem, pois, ha de ser todo meu, ou não será de ninguem; ha de alguém morrer, - talvez elle, talvez a senhora, talvez eu. A morte infunde-me tão pouco terror, como tudo o mais. Ella é amiga ou inimiga, segundo as circunstancias e os aspectos; mas é um instrumento, como qualquer outro. Quero eu, portanto, aconselhar-lhe que parta com seu marido e não torne a ver Gerard. Concorda?

CATHARINA

Não.

MISTRESS CLARKSON

Sem mais explicações?

CATHARINA

Sem mais explicações.

MISTRESS CLARKSON

Falla com uma altivez!

CATHANINA

Fallo como entendo.

MISTRESS CLARKSON

Está bem.

CATHARINA

Quer ter a bondade de dizer-me por onde poderei ir ter com meu pai e despedir-me da senhora.

MISTRESS CLARKSON

Ahi vem o Sr. Mauriceau. (*Mauriceau e Rémonin tornam a entrar, seguidos de Septmonts*).

## SCENA VIII

Os mesmos, Mauriceau, Rémonin e Septmonts.

RÉMONIN (*olhando para as duas mulheres*).

Hum! Cheira aqui a polvora!

CATHARINA (*a Mauriceau*).

Faz-me o favor de acompanhar-me ao carro, meu pai?

MAURICEAU

Prompto.

CATHARINA (*saudando Mistress Clarkson*).

Adeus, minha senhora.

MISTRESS CLARKSON

Adeus, senhora duqueza.

MAURICEAU (*ao sair*).

Dize-me com sinceridade. Que tal a achaste?

CATHARINA

Encantadora.

MAURICEAU

Não é assim? (*Sahem*).

RÉMONIN (*a Mistress Clarkson*).

Não sei porque ; mas parece-me que a senhora está com vontade de causar alguma grande dôr á essa criança, que sahio agora d'aqui. Lembre-se, porém, do que diz um velho philosopho... « Será vencida, porque o bem é mais forte que o mal. »

MISTRESS CLARKSON

Então porque razão vemos o bem ceder tantas vezes o passo ao mal ?

RÉMONIN

E' o que parece ; porque se julga com precipitação.

MISTRESS CLARKSON

Eu verei. E si o senhor acertar, e eu perder a partida, prometto-lhe, ao menos, perdela como bom jogador !

RÉMONIN (*comprimentando-a*).

Adeus, minha senhora.

## SCENA IX

Septemonts, Mistress Clarkson.

SEPTMONTS (*entrando quando Rémonin sae*).

A duqueza já se foi ?

MISTRESS CLARKSON

Sim... Uma pergunta : conhece um tal Gerard ?

SEPTMONTS

Conheço.

MISTRESS CLARKSON

Vio-o em casa da duqueza?

SEPTMONTS

Vi-o.

MISTRESS CLARKSON

Hontem?

SEPTMONTS

Hontem ; porque pergunta ?

MISTRESS CLARKSON

Para saber.

SEPTMONTS

Conhece bem esse sujeito ?

MISTRESS CLARKSON

Perfeitamente.

SEPTMONTS

Elle era muito da casa da duqueza, em solteira.

MISTRESS CLARKSON

Quem lh'o disse ?

SEPTMONTS

Ella.

MISTRESS CLARKSON

Disse-lhe tambem que era filho da sua aia ; que se avistavam com facilidade e quasi todos os dias e que se amavam estremecidamente ?

SEPTMONTS

Não ; quem lhe contou tudo isso ?

MISTRES CLARKSON

Elle. Dahi resulta, meu caro que, em vez de fazer o papel de caçador em terras alheias, será melhor constituir-se guarda campestre nas proprias terras. Quando lhe dizia que não esperasse para muito tarde....

SEPTMONTS

Está bem. Obrigado.

MISTRES CLARSON

Não ha de que. Sempre janta comnosco ?

SEPTMONTS

Que duvida !

## SCENA X

Os mesmos e um criado.

CRIADO (*entrando*).

A senhora quer agora receber ?

MISTRES CLARKSON

Quero.

CRIADO (*á outro criado nos bastidores*).

Pódes annunciar.

CRIADO (*ao bastidor annunciando*).

O principe de Sant'Orso ; o barão de Sivonne ;  
o conde de Bernercourt ; Sua Excellencia...

(*Septmonts vai ao encontro dos recém-chegados. Cahe o panno antes de annunciado o ultimo nome*).

FIM DO TERCEIRO ACTO.



## ACTO IV

Scenário do Acto I

### SCENA I

Catharina e Guy.

CATHARINA (*à Guy, que entra*).

Seja bem vindo.

GUY

Recebi o seu bilhete e aqui estou.

CATHARINA

Desejava apertar-lhe a mão. Fui injusta. Rémonin disse-me o que o senhor fez. Momentos ha, em que faz bem ao coração sentir-se que se tem um amigo.

GUY

Não m'o agradeça. Em primeiro lugar, nada fiz, que qualquer pessoa dedicada não devesse praticar; em segundo, si assim procedi, foi mais por meu respeito.

CATHARINA

Como assim?

GUY

Não digo que lhe sacrifiquei o sentimento, que me inspirava; não ha sacrificio senão onde pôde

haver ou realidade, ou ao menos esperança. Quem não é amado, e pelo contrario sabe que a mulher, a quem ama, tem outra affeição, que direito tem de julgar que se sacrifica? Resigna-se á força. Todo o seu heroismo limita-se a isto, e só lhe resta, si tem generosidade d'alma, um extremo recurso,—é provar a sinceridade do sentimento, que o domina, não lhe ostentando mais que a expressão da amizade, dedicando-a até ao rival. Muito tempo ha que a senhora ama um homem, que nunca amou outra mulher. Desse homem quero ser amigo, como o sou da senhora.

CATHARINA

Obrigada. Queira esperar alguns instantes. Elle não pôde tardar. Escrevi-lhe ao mesmo tempo, que ao senhor, e admira-me que ainda aqui não esteja.

GUY

Seja prudente; por quem é não arrisque a reputação. Cautella em evitar que o seu nome, ligado a outro nome, corra de boca em boca. Lembre-se de que tem um marido, cujo orgulho jámais lhe perdoaria.

CATHARINA

Prudente? Porque? Nada tenho a occultar. Sou amada como devo... como quero.

O CRIADO (*annunciando*).

O Sr. Gerard. (*Guy levanta-se e passa a mão pela frente*).

CATHARINA

Que tem?

GUY

Nada.

## SCENA II

Os mesmos e Gerard.

CATHARINA (*apresentando um ao outro*)

O Sr. Gerard ; o Sr. de Halles—amigo verdadeiro, a quem pôde com toda a confiança estender a mão. (*Gerard estende a mão á Guy*).

GUY

Só posso confirmar, senhor, o que a duqueza se dignou dizer de mim ; não o conheço senão pelo que me disse ella a seu respeito ; mas isso basta para lhe assegurar, desde o nosso primeiro encontro, toda a minha estima e dedicação.

GERARD

Agradeço, senhor ; creia-me, d'ora avante, todo seu.

GUY (*á Catharina*).

Adeus, sra. duqueza. Não tive tempo de perguntar-lhe o que se passou com Mistress Clarkson, não obstante ter sido esse o intuito da minha visita.

CATHARINA

Melhor : será motivo para outra visita sua, que espero breve. Até logo. (*Sahe*).

## SCENA III

Catharina e Gerard.

CATHARINA

Porque não veio mais cedo?

GERARD

Estive hesitante em vir, ou não ; receiava que reparassem.

CATHARINA

Mas si na minha carta lhe pedia que viesse !

GERARD

Que carta ?

CATHARINA

A que lhe escrevi hontem, e que lhe deveria ter ido ás mãos, à hora em que o Sr. Des Haltes recebeu a que lhe escrevi na mesma occasião, isto é, ás nove da manhã.

GERARD

Não recebi. (*Catharina toca a campainha*). Venho de casa, onde estive sempre a trabalhar.

CATHARINA (*ao criado que entra*).

Entreguei-lhe hontem uma porção de cartas para o correio.

CRIADO

Sim, sra. duqueza.

CATHARINA

Que fez d'ellas ?

CRIADO

Devem ter sido expedidas.

CATHARINA

Uma d'essas não chegou a seu destino. Quem é aqui o encarregado d'este serviço ?

CRIADO

A creada de quarto entrega-me as cartas da sra. duqueza. Eu ponho-as na mesa do guarda-portão, que as leva ao correio. E' como se faz com as do sr. duque.

CATHARINA

Informe-se do guarda-portão. (*Sahe o criado*).

GERARD

Que dizia n'essa carta ?

CATHARINA

Pedia-lhe que viesse hoje cá e fallava-lhe da minha conferencia com Mistress Clarkson.

GERARD

Nada mais ?

CATHARINA

Mais nada. (*Fazendo com a cabeça um signal, que desmente o que acaba de dizer*). Não ; dizia-lhe mais outra cousa.

GERARD

Que ?...

CATHARINA

Quer obrigar-me a dizer-lh'o? Não basta havê-lo escripto? Pois bem... dizia... que o amo.

GERARD

Imprudente!

CATHARINA

Porque?

GERARD

Si essa carta se extraviar?

CATHARINA

Extravia-se !...

GERARD

Si fôr lida!

CATHARINA

Alguem ficará sabendo de nosso mutuo amor. Como estou prestes a confessal-o perante o mundo inteiro...

GERARD

E si fôr seu marido?

CATHARINA

Que me importa?... Si o duque tem de o saber!

GERARD

E si elle nos separar?

CATHARINA

Desafio-o á que seja capaz de tental-o! Pois quando a mulher ama deveras, pôde alguma cousa no mundo separal-a do amante? Aquella,

que não está resolvida a tudo sacrificar, calcula ;  
mas não ama.

GERARD

Então tudo isto é verdade? Não sonho ?

CATHARINA

Não sonha, oh ! não ! Não penso senão em  
Gerard. Si o perdesse agora, matava-me.

O CRIADO (*entrando*).

O guarda-portão deitou no correio todas as  
cartas, que achou na mesa.

CATHARINA

Bem. Retire-se. (*O criado sahe*).

GERARD

Talvez ficasse retardada no correio.

CATHARINA

Não ; foi outro o motivo ; mas que importa?...  
Fui visitar Mistress Clarkson, conforme o seu  
conselho. Pois bem, meu amigo, posto ella o  
ame... (*movimento de Gerard*) foi ella quem  
m'o disse aqui e em sua casa !... embora ella seja  
livre, não a temo, ou antes deixei de a temer.  
Essa mulher tem levado muita gente á ruina e  
á morte ; não póde agradar-lhe. Não ; Gerard  
não é talhado para mulher tal. Por isso, quando  
depois de sua longa narração de odio e de vin-  
gança, ella me intimou, por assim dizer, a ordem  
de partir com o duque e de não tornar a vê-lo  
( pois era essa a sua aspiração), respondi-lhe sim-  
plesmente : « Não. » E sahi logo de sua casa para

respirar á larga. Precisava afastar-me de tal ente, que não é de minha raça, da minha sociedade, nem do meu sexo. Mas mudemos de assumpto; a vida não é tão longa, que valha a pena estarmo-nos a occupar tanto tempo de cousas taes. Venha cá; disse que esteve trabalhando; e depois?

GERARD

Dormi toda a noite, o que não me acontece ha annos, e cantei esta manhã, como outr'ora, nas manhãs, em que vinha vê-la. Era tão extraordinaria a novidade, que minha mãe entrou no quarto e, vendo-me tão alegre, disse-me com essa intuição das mãis, que são duas vezes mulheres: « Tornaste a vê-la. » Contei-lhe tudo. Ouvio-me até ao fim e abraçou-me, exclamando: « Cautela! com um amor, como este, a sua honra e a tua vida correm perigo. »

CATHARINA

Receia por si? Não, de certo! Gerard não é daquelles, a quem qualquer coisa amedronta e eu, por mim, nada receio. Irei visital-a. Não foi ella tambem, por tanto tempo, minha mãe? Para que deixamos que a sorte nos separasse! Era tão natural termos sido toda vida felizes, como o somos agora! Porque Gerard é feliz; não é assim?

GERARD

Sim, completamente.

CATHARINA

E' isso, é isso; digamos a nós mesmos que somos venturosos; é tão bom ser-se feliz, e isso parece tão natural e tão justo, principalmente



quando na vespera nos suppunhamos a mais desditosa das creaturas humanas ! E olhe ; vou servir-me de uma phrase, talvez vulgar, mas é a que melhor pinta o meu pensamento. « Sinto-me à minha vontade comsigo. » Estou tão certa do meu Gerard, que me não occupo em certificar-me de mim. Aqueço-me ao seu amor ; apoio-me na sua honra ; descanso na sua consciencia. Não precisava Mistress Clarkson dizer tanto para explicar que o ama. Que o amem ! Isso é cousa que se adivinha. (*Mudando de tom*). A que horas trabalha ?

GERARD

Por que ?

CATHARINA

Quero sabel-o.

GERARD

Trabalho todo o dia.

CATHARINA

Sim ; quando vivia triste, quando o devorava a magoa ; quando não sabia si eu ainda o amava ; agora, porém, que está tranquillo e satisfeito ; agora, que dorme á noite... Não tem vergonha de confessar que dorme ? Quem ama tem licença para dormir ? Bem sei o que vai dizer ; dorme para sonhar comigo. Eu tambem tenho dormido, como si fosse uma criança. Agora que o seu coração já lhe não atormenta o espirito, poderá o senhor trabalhar o dobro em metade do tempo. E desse tempo, que vamos ganhar sobre o trabalho, farei eu monopolio e confisco, porque exijo

vel-o todos os dias, ainda que seja tres ou quatro horas só.

GERARD

Só? E onde nos veremos assim?

CATHARINA

Nos passeios, nas igrejas, nos theatros, nas ruas, em casa de sua mãe, aqui, em toda a parte.

GERARD

Parece uma noiva, dispondo de todas as horas, que antes do casamento póde conceder a seu noivo.

CATHARINA

Sim; noiva! Que linda palavra! E' isso. Gerard é o meu noivo... (*Rindo*) noivo perpetuamente! os papeis nunca chegam; andam retardados, sempre retardados; mas isso não impede que nos amemos... pelo contrario.

GERARD

E emquanto os papeis se demoram, casa a noiva com outro, e quando seu noivo volta, já ella pertence a esse outro. Não comprehende o que essa phrase envolve?

CATHARINA

Comprehendo; mas despreso-a. Pertencia; já não pertence. Não me dei; fui dada. Assim que disso me convenci voltei á mim. Acabou-se! Só uma cousa receio — é olvidar um juramento, que me forçaram a prestar, um compromisso, que me obrigaram a tomar n'um dia de ignorancia e de

duvida, e chamal-o « meu Gerard » na presença de todos, como si fosse meu esposo. Impetremos a Deuso futuro—unico meio de reparar o passado — e no emtanto... venha cá... diga-me que todo o seu pensamento, toda a sua alma, toda a sua vida me pertencem ! E quando m'o houver repetido torne a principiar, e todos os dias a mesma cousa ; e nunca será bastante e nunca me cansarei de ouvil-o.

GERARD (*que tornou a sentar-se, contemplando-a*).

E', sim... é toda minha alma, todo o meu pensamento, toda a minha vida.

CRIADO (*entrando*).

O sr. duque manda perguntar si a sra. duqueza pôde recebê-lo.

CATHARINA

Posso, (*O criado sahe. A' Gerard*). Não se retire logo, como fez o outro dia. Está em meus aposentos, em minha casa, n'uma casa, que é só minha, pois, como vê, o sr. de Septmonts não entra aqui senão depois de mandar-me perguntar si lhe posso fallar. Ah! o duque tem todas as exterioridades de um verdadeiro fidalgo; enganar-se-hia, comtudo, quem só olhasse para a superficie.

#### SCENA IV

Os mesmos e Septmonts.

SEPTMONTS, (*Entrando, comprimenta a Gerard, que lhe retribue. A' duqueza, beijando-lhe a mão*).

Como se sente hoje, querida amiga ?

CATHARINA

Bem, obrigada.

SEPTMONTS

Não venho incomodal-a.

CATHARINA

Em que póde o senhor incomodar-me ?

SEPTMONTS

O Sr. Gerard... (*A' Gerard, com desprezo*). E' mesmo Gerard seu nome, não é assim ?

GERARD

Sim, senhor ; é.

SEPTMONTS

Não estava bem certo si era isso. Mas vamos adiante. O Sr. Gerard retirou-se o outro dia assim que eu cheguei ; isso induzio-me a suppôr que eu viera interromper um colloquio, que só para ambos tinha interesse. Foi por isso que hoje mandei annunciar-me. (*A' Gerard, fazendo-lhe signal de assentar-se e assentando-se*). Disse-me a duqueza que o senhor é um dos amigos dos seus verdes annos ; que foi educado com ella ; e além disso, é filho de sua antiga aia, que deve ser pessoa muito distincta, a julgar pela educação, que ella deu á menina Mauriceau. E', portanto, muito natural que, depois de longa ausencia, tenham ambos a dizer uma infinidade de cousas, que só com embaraço se tractariam em presença de terceiro, embora esse terceiro seja marido... Ainda é viva a senhora sua mãe?

GERARD

Sim, senhor.

SEPTMONTS

Ainda tem o officio de educar meninas?

GERARD

Não, senhor.

SEPTMONTS

Aposentou-se?

GERARD

A educação da senhorita Mauriceau foi a unica, que ella dirigio.

SEPTMONTS

Sinto muito! Estava prompto para recomendar-a á algumas fidalgas que, para contarem com pessoas de confiança juncto de suas filhas, não olhariam á sacrificios pecuniarios.

GERARD (*levanta-se ; Catharina olha-o para lhe recomendar paciencia*).

Minha mãe não tem hoje precisão de nada. Nem por isso, sr. duque, deixo de agradecer-lhe as suas intenções.

SEPTMONTS

Por quem é, não me chame « sr. duque! » não é isso proprio das relações, em que estamos, e em em que espero ficaremos. Só os subalternos chamam os titulares pelos titulos. Não se achando já a senhora sua mãe ao serviço de minha mulher, não vejo distancia entre nós e com alguma boa

vontade creio que em muito pouco tempo desaparecerá de todo a differença. (*Catharina levanta-se, por sua vez*).

GERARD (*que mal se pôde conter*).

Que quer o senhor dizer?

SEPTIMONTS

Quero dizer que, visto ser um dos amigos da duqueza, não duvido que dentro em pouco seja também dos meus. E para immediatamente lhe mostrar que o tracto, como si já o fosse, ou ainda seja da casa, peço-lhe a permissão para conversar alguns instantes com minha mulher. Não o despeço; o senhor poderá voltar hoje mesmo, d'aqui a uma hora, para reatar, si quizer, o colloquio, que vim deste modo cortar. Bem comprehende que, o que vou dizer a duqueza deve ser muito grave e confidencial para que deixe de fallar em sua presença. Prometto-lhe, porém, que si fôr mister voltar ao assumpto, o Sr. Gerard será testemunha da nossa pratica.

GERARD

Como quizer, Sr. duque... retiro-me.

CATHARINA (*que a esse tempo estava sentada á mesa, escrevendo*).

Para lhe occupar o tempo até á volta, meu caro Sr. Gerard, (pois conto comsigo d'aqui a uma hora, para jantarmos juntos, si não tem a noite presa), faça-me o favor de entregar esta carta em casa de meu pai, que móra aqui ao lado. E' para que venha com o senhor jantar comigo. Affirmou-me elle que teria satisfação em vê-lo; si o achar agora em casa tenha a

bondade de entrar e dizer-lhe que o espero o mais cedo possível. Peço-lhe desculpa de o encarregar deste recadinho ; mas hontem (*olhando para o duque*), escrevi uma carta, que não chegou ao seu destino e receava que a esta, que é de pressa, acontecesse o mesmo. Até logo. (*Entrega-lhe a carta e estende-lhe a mão*).

GERARD (*apertando-lhe a mão*).

Até logo, minha senhora... Sr. duque. (*Comprimentando-o*).

## SCENA V

Catharina e Septmonts.

CATHARINA

Foi o senhor quem interceptou a carta, que hontem escrevi ao Sr. Gerard.

SEPTMONTS

Não interceptei; achei-a.

CATHARINA

Deixemo-nos de trocadilhos; e esse é tanto mais miseravel quanto o termo justo é o de que me servi. Quem acha uma carta fechada, que lhe não pertence, e se apodera d'ella, intercepta-a.

SEPTMONTS

Hontem, depois da nossa visita a Mistress Clarkson, futurei que a senhora ia escrever a esse homem. Achei a carta; li-a.

CATHARINA

Com que direito?

SEPTMONTS

Com o direito, que assiste ao marido de saber com quem se corresponde sua mulher, e qual o assumpto da correspondencia.

CATHARINA

Suppunha que o sinete das minhas cartas devia ser tão sagrado para o senhor como o das suas o foi sempre para mim.

SEPTMONTS

Devagar!... Ha muita differença.

CATHARINA

Pois seja! Que pretende fazer d'essa carta?

SEPTMONTS

Por ora, não sei.

CATHARINA

Queira responder.

SEPTMONTS

Tenha mais um pouco de paciencia. Bastante tive eu ha pouco com o Sr. Gerard. Não é porque me faltasse vontade de pôl-o pela porta fóra. Si o não fiz; se me contentei com tratá-lo, como se tracta ao filho de uma antiga criada da casa.....

CATHARINA

Senhor!

SEPTMONTS

..... Como se tracta o filho de uma antiga criada expulsa (pois seu pai a despedio porque



ella protegia seu namoro (*Movimento de Catharina*) em summa ; si o tractei tão brandamente, foi por querer primeiro ter uma explicação com a senhora.

CATHARINA, (*dirigindo-se para o seu quarto*)

Si é isso, sr. duque, tome sentido ; deixemo-nos de explicações.

SEPTMONTS

Porque ?.....

CATHARINA

Por que, si as tivermos, será o que se pôde imaginar de mais penoso e humilhante.

SEPTMONTS

Para quem ?

CATHARINA

Para o senhor.

SEPTMONTS

Corro-lhe o risco, porque sei como tudo acabará. Tenha, pois, a bondade de responder-me : a senhora é amante do Sr. Gerard ?

CATHARINA

Não.

SEPTMONTS

Mas ama-o ??

CATHARINA

Oh ! isso sim ; e com todas as forças de minha alma !

SEPTMONTS

E imagina que eu....acredito?

CATHARINA

Não imagino nada ; interroga-me ; respondo...

SEPTMONTS

Afinal de contas, pouco importa ! A sua carta está redigida em termos taes, que nenhuma differença estabelecem entre o verosimil e o verdadeiro. Bastaria ella para provar a sua culpabilidade, si chegassemos a um processo de divorcio.

CATHARINA

Para o qual estou prompta.

SEPTMONTS

Mas que eu não quero, ao menos por emquanto.

CATHARINA

Comprehendo ; mas esse processo, que o senhor não quer propôr, intental-o-hei eu !

SEPTMONTS

Não intental-o-hei, porque antes d'isso provocaria eu o Sr. Gerard e matal-o-hia.

CATHARINA

Si elle não o matasse. E eu, si elle morrer, morrerrei.

SEPTMONTS

E' facil de dizel-o.

CATHARINA

E de fazel-o, quando se é a mulher, que eu sou.

SEPTMONTS (*mudando o tom*).

Nesse caso resta-me um derradeiro meio, e confesso que era o unico, em que eu pensava ao entrar aqui.

CATHARINA

E esse meio ?

SEPTMONTS

Perdoar-lhe.

CATHARINA

O senhor?! porque ?

SEPTMONTS

Pelo amor, que lhe consagro.

CATHARINA

Nada de gracejos, senhor ; a hora é solemne.

SEPTMONTS

Por que razão não a amaria ?

CATHARINA

Porque nunca tal fez.

SEPTMONTS

Não a conhecia ; posso aprender a conhecê-la. Serei eu o primeiro marido, que se arrependa e repare as suas imprudencias ?

CATHARINA

Que intentos são os seus ?

SEPTMONTS

Foi franca ; imital-a-hei. Ao ler essa carta, que a outro homem endereçou, não sei descrever o que se passou em mim. No primeiro momento, com quanto aquellas expressões fossem as do mais terno amor e podessem prejudical-a aos olhos dos mais imparciaes juizes, senti instinctivamente que a minha Catharina estava tão innocente e pura, como no dia, em que de seu pai a recebi. Olhe o que é o coração humano ! Em vez de querer mal a esse homem, não o accusei ; invejei-o. Compreendi-a, e puz-me a imaginar com delicia que essa carta era dirigida a mim ! Entrei a relê-la e a dizer comigo mesmo : « Quanta eloquencia ! Quanta nobreza ! Cumpre que um dia eu receba da mesma pessoa uma carta, como esta... Foi em taes disposições, completamente novas para mim e para si, que me apresentei agora. É quer saber o que motivou a minha attitude de ha pouco em face do Sr. Gerard ? Foi um impulso de ciume, a que não pude resistir ; exultei de prazer por humilhar em sua presença esse homem, a quem a senhora ama, e que por causa do amor, que elle lhe consagra, não me respondeu como devia. Estou prompto, porém, á apertar-lhe a mão, quando elle voltar ; isso depende de si. Emquanto a senhora tão injustamente está ahi perscrutando

qual seja a combinação machiavelica, que neste momento me impelle, estou eu a imaginar qual o meio mais do seu agrado de lhe entregar esta carta. Estou prompto a trocal-a só pela esperança de vir um dia a receber outra igual. Já que seu marido foi, até hoje, um desastrado, que não soube apreciar-a, permitta-me que eu a dispute ao outro e que invide todos os esforços para fazer com que o esqueça. Com prazer me recordarei talvez d'essa colera de ainda agora, que tão bem lhe assentava; sentirei, porém, maior jubilo em acalmal-a. A indulgencia deve ficar-lhe igualmente bem, ou ainda melhor. Já não sou o mesmo depois de haver lido essa carta, provavelmente porque tambem não é a senhora a mesma depois que a escreveu. Uma palavra sua e entrego-lh'a. (*Apresenta-lhe a carta*).

CATHARINA

Guarde-a, senhor.

SEPTMONTS

E' cruel....e imprudente !

CATHARINA

E' provavel que o singular discurso, que o senhor acaba de me repetir, contenha pensamento reservado. Antes quero suppor isso do que admittir que seja maior ainda o insulto, e que, para cumulo de infamia, o senhor seja sincero. Nada quero aprofundar; nada quero saber. Como, porém, esta conversação é sem duvida a nossa ultima, succeda o que succeder; como foi o sr. duque quem a exigio, quero que seja clara e positiva. Ao tempo, que me forçaram à ser sua

esposa, não o amava ; mas acreditava firmemente que deixára de amar ao homem que, por dignidade, renunciára a minha mão. Na minha ignorancia das coisas só procurava esquecel-o. Si o sr. duque me houvesse fallado, de boa ou má fé, essa linguagem de ha pouco, é provavel, é mesmo certo que eu fosse esposa feliz e fiel. E' tão facil ao marido levar a convicção ao espirito de uma pobre moça, a quem, pelo orgão de Deus e dos homens, se proclama que a ella incumbem todos os deveres, ao passo que ao marido cabem todos os direitos ! Infelizmente o senhor só me desposára para pagar as loucuras, os desvarios, as desordens da sua vida e para poder continuar nella, á sua vontade. Os seus amigos principiavam já a corar do seu procedimento; a sua familia estava a ponto de renegal-o; a sociedade, á que pertencia, só aguardava ensejo para expedil-o por suas dividas de jogo. E foi n'essas circumstancias que as pagou por meio de uma combinação, que só agora começo a entrever. O senhor estava ao ponto de aspirar a Mistress Clarkson; ella quiz antes que fosse eu a victima; disse-m'ó ella ! E' incrivel tudo isto, quando se traz á lembrança o nome, que o senhor deshonra, ou antes, de que eu tambem uso, — por felicidade sua. Tudo isto ignorava eu. Ainda assim, sr. duque, perdão-lhe tudo isso, porque não foi culpa sua. Tinham-n'ó educado no luxo, no ocio e no prazer; não lhe ensinaram a trabalhar, e o senhor perdeu a noção do respeito, que a si mesmo devia. Mas o que lhe não perdão; o que me força a odial-o é o não ter sabido respeitar a pobre moça, que o restituiu á estima e ao respeito dos outros e o recollocou em sua sociedade, onde aliás, segundo as apparencias, era o senhor quem a fazia entrar; o que não lhe perdão é o ter

assemelhado essa moça, que se lhe entregava ingenua e sem desconfiança, às mais aviltadas de suas cortezãs; o que lhe não perdôo é ter-me obrigado a lançal-o com estas mãos fóra da minha camara nupcial, onde o senhor entrava a cambalear de embriaguez; o que não lhe perdôo é ter-me forçado a envergonhar-me do senhor e de mim, e a trazer gravadas estas terríveis recordações nos penetraes de minh'alma. Oh! nunca estas expressões se houveram exhalado de meus labios, nem mesmo em sua presença, si o senhor não tivesse a audacia de me offerecer novamente isso, a que chama o seu amor. Miseravel! (*Septmonts, que até então a escutára impassivel, e depois com impaciencia mal suffocada, levanta-se*). Em conclusão: sim; tornei a encontrar o amigo da minha infancia—generoso coração, alma leal e altiva. Restitui-lhe todo o meu affecto. Sim; sahindo da casa daquella mulher, que o senhor me obrigou a visitar e a receber em minha casa e que, apesar de tudo, vale muito mais que o senhor!... escrevi a esse amigo a carta, que o senhor me roubou, e na qual lhe fazia sentir que desprezava ao senhor, e que amava a elle. E si o senhor; pela segunda vez, lhe faltar ao respeito, esse moço hade esbofeteal-o; hade matal-o; então poderei ser toda d'elle, porque terão corrido lagrimas e sangue em copia sufficiente para apagarem de minhas faces os vestigios de seus abominaveis beijos.

SEPTMONTS (*no paroxismo da colera, levantando a mão para ella, e ugarrando-a pelos braços*).

Senhora!

CATHARINA

Bata; espanque; não falta mais nada. Bem

sabe que eu heide callar isso, como tenho callado o mais. (*Para Mauriceau, que entra*). Chegou, meu pai! Pedi-lhe que viesse porque previa o que se acaba de passar. Sinto que não chegasse mais cedo; poderia presenciar o desfecho, que tem uniões, formadas pela ambição do pai, ignorancia da filha e baixeza do consorte. Terminou-se isto por uma scena de optimo gosto, de que resultará, pelo menos, a vantagem, de tornar, de ora avante, impossivel qualquer conciliação, e até qualquer encontro entre mim e este senhor. Elle já sabe que amo outro homem. Achou, apanhou, furtou, rapinou, roubou uma carta; quer escandalo. Diligenceie que este seja o menor possivel, por sua causa, que por mim me é absolutamente indifferente; si elle quer dinheiro dê-lh'o; comtanto que eu não o torne mais a vêr; ouvio? (*Sahe*).

## SCENA VI

Mauriceau e Septmonts

SEPTMONTS (*que n'esse entrementes estivera escrevendo e tocara a campainha, ás ultimas palavras de Catharina, diz, entregando ao criado a carta*).

Immediatamente esta carta ao Sr. Clarkson. (*Sahe o criado*).

MAURICEAU

Que significa isto?

SEPTMONTS

Significa, senhor, que sua filha comportou-se de maneira tal, que são inevitaveis um duello e



um processo de separação, por mais que eu fizesse para evital-os.

MAURICEAU

Porque esse duello? Porque esse processo? Porque esse escandalo?

SEPTMONTS

Porque a senhorita Mauriceau tem um amante?

MAURICEAU

E' falso.

SEPTMONTS

Prova-o uma carta, que está em meu poder.

MAURICEAU

Dirigida a quem?

SEPTMONTS

Ao sr. Gérard.

MAURICEAU

Gérard nunca deixou de estimar e respeitar minha filha. Vi-o n'este instante. Respondo por elle. E' o homem mais honrado d'este mundo.

SEPTMONTS

Então devia dar-lhe a filha.

MAURICEAU

Ja me vou arrependendo de o não ter feito. Essa tal carta condemna Catharina?

SEPTMONTS

Acusa-a ; é quanto me basta por agora.

MAURICEAU

E de que modo lhe foi parar as mãos ?

SEPTMONTS

A sra. Mauriceau já lh'o disse : furtei-a.

MAURECIAU

Catharina estava irritada ; rogo-lhe se não esqueça que se tracta da reputação de sua esposa.

SEPTMONTS

Quem se esqueceu foi ella.

MAURICEAU

Gérard era um amigo de infancia. Essa carta não pode constituir uma culpa ; será, quando muito, creancice.

SEPTMONTS

Creancices tambem se pagam.

MAURICEAU

Seja assim. Porque preço ?

SEPTMONT

Oh ! agora mais caro do que o sr. Mauriceau pode pagar. (*Faz movimento para retirar-se*).

MAURICEAU (*embargando-lhe a passagem*).

Reflecta no que vai fazer

SEPTMONTS

Em tudo reflecti.

MAURICEAU

Semelhante duello, e semelhante processo são a deshonra de sua mulher.

SEPTMONTS

E o silencio, é a vergonha e o ridiculo para mim.

MAURICEAU

Mas eu não tolero que ninguem deshonre minha filha. Quer entregar-me a carta?

SEPTMONTS

Tornamos á mesma?

MAURICEAU (*poisando o chapéo n'uma cadeira*).

Asseguro-lhe que vai restituir-me a carta. (*Caminha para elle, a fim de lhe tomar a carta, á força*).

SEPTMONTS (*muito calmo*).

Inuteis ameaças! tudo previ. E' essa carta que eu acabo de remetter á minha testemunha.

MAURICEAU

Ao sr. Clarkson?

SEPTMONTS

Justamente; tenho cá minhas razões; é elle a melhor testemunha, que posso ter n'um duello d'esta natureza. (*Apparece Gérard*). Gérard! (*A' parte, com sorriso de satisfação*). Ah!

## SCENA VII

Os mesmos e Gérard.

SEPTMONTS (*muito tranquillo*).

Si é a duqueza que procura, não está n'esta salla. (*Mostra o quarto da duqueza*). Está n'aquella.

GÉRARD

Não é a sra. duqueza a quem procuro ; é ao sr. duque. E justamente o que tenho á declarar-lhe não poderia dizer-lhe em presença d'ella. Foi por isso que ha pouco me retirei.

SEPTMONTS

Póde fallar diante d'este cavalheiro?

GÉRARD

Perfeitamente. O senhor exprimio-se, ha pouco, relativamenie á minha mãe e em presença de uma senhora em termos, que não admitto.

SEPTMONTS

Na presença de uma senhora, que o ama !

GÉRARD

E a quem adoro.

SEPTMONTS

Não levava intenção de offendê-lo ; pelo contrario ; mas essa intenção o sr. Gérard manifesta-me agora, fazendo-me tal declaração, que eu tenho direito de tomar por uma offensa.

GÉRARD (*caminhando para elle*).

E... s̃ não basta essa offensa....

SEPTMONTS (*muito tranquillo*).

Oh! s̃ basta! d'aqui a uma hora, irão á sua casa dois amigos meus para ajustarem com o senhor o lugar e a hora do duello. Sou o offendido; cabe-me a escolha das armas.

GÉRARD

Era o que provavelmente desejava.

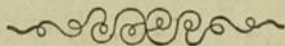
SEPTMONTS (*comprimentando-o*)

Tal e qual.

MAURICEAU (*indo a Gérard e apertando-lhe a mão*).

E serei eu, Gérard, a sua testemunha.

FIM DO 4º ACTO.





## ACTO V

A mesma vista.

### SCENA I

Mauriceau, Guy, Rémonin ; depois a sra. de Rumières.

MAURICEAU (*á Rémonin*).

Peço-te que vás também, pois, em caso de ferimentos perigosos, poderá a tua immediata intervenção impedir que se tornem mortaes.

RÉMONIN

Conta comigo.

GUY

Está sempre resolvido, sr. Mauriceau, a ser padrinho do sr. Gérard ?

MAURICEAU

Não me resta outro meio de publicamente ratificar a innocencia de Catharina. Hão de, a principio, taxar-me de pai immoral, que serve de capa aos amores da filha. Não se póde, entretanto, ser eloquente nos acontecimentos ordinarios da vida ; mas, quando se tracta de casos d'estes, prestam-nos coração, consciencia, estranhas palavras e gritos tão sinceros, que os homens

de bem se convencem. Quando no processo, que de certo se vai instaurar, fallar eu, em pleno tribunal, d'esse ruim homem; quando expuzer toda a sua vida ao lado da minha e da de minha filha; quando contar como se fez o casamento e quanto nos custou a honraria de semelhante ducado, talvez digam: « O sogro é um idiota; » mas com certeza ajuntarão: « O genro é um bargante. »

RÉMONIN

Esqueces-te de que assentámos em conservar occulto o verdadeiro motivo do duello, e que ostensivamente não se tracta de tua filha e sim da mãe de Gérard.

MAURICEAU

Ninguém acreditaria e prefiro franqueza. Bem basta o que até agora me tem custado o meu orgulho vaidoso e simpleirão; agora toca a reparar as asneiras e as desgraças, que as minhas fumaças e a minha estupidez têm causado. Si o duque morrer, acabou-se; aliás forçoso será o divorcio. Assaz conheço meu genro para affirmar que invidará todos os esforços afim de evitar a separação, ou pelo menos, fazê-la pagar caro. E', pois, inevitavel a minha intervenção como testemunha no duello.

GUY

Vou immediatamente á casa do sr. Gérard para elle poder sahir. Em vespera d'um duello sempre ha muito que fazer.

MAURICEAU

Mais uma vez obrigado, sr. des Haltes. Quan-



tos, no seu lugar e na sua classe, se limitariam a mofar de mim? Agradeço-lhe a honra, que me faz e a sympathia, que me demonstra. Até logo.

GUY

Até logo, e conte comigo.

CRIADO (*entrando*).

A sra. de Rumières pergunta si a sra. duqueza pôde recebêl-a.

MAURICEAU

Não.

RÉMONIN

Sim.... Diga á sra. de Rumières que a sra. duqueza terá muito gosto em recebêl-a. (*Sahe o criado*). Cumpre que tua filha — não é assim sr. des Haltes? — desempenhe até o fim seu papel de senhora de altos brios. Accresce que a sra. de Rumières é muito sagaz e, além d'isso, aparentada com o duque. No ponto, a que chegamos, qualquer incidente pôde servir-nos.

A SRA. DE RUMIÈRES (*entrando*).

Bom dia, presado sr. Mauriceau. (*Aperta a mão a des Haltes*). Não está aqui a duqueza? Disseram-me que podia vêl-a.

MAURICEAU

Fomos nós que respondemos por ella. Sei o prazer, que minha filha tem com as suas visitas; vou mandal-a chamar e, logo que ella termine certos negocios importantes, que a demoram apenas alguns minutos, virá abraçal-a. Dê-me

licença para dizer duas palavras ao sr. des Haltes. Já volto.

A SRA. DE RUMIÈRES

Em companhia do sr. Rémonin terei eu paciência de esperar pela resurreição. (*Sahem Mauriceau e Guy*).

## SCENA II

Rémonin e a Sra. de Rumières.

A SRA. DE RUMIÈRES

Grandes novidades, heim?

RÉMONIN (*com admiração*).

Novidades?

A SRA. DE RUMIÈRES

Ah! está bom; está bom; si quer fazer de discreto comigo, mudemos de conversa.

RÉMONIN

Quem lhe disse?...

A SRA. DE RUMIÈRES

Pois não se sabe tudo quanto se passa em nossas casas, meu caro? Pois nós não somos o espectáculo dos nossos famulos, que espreitam pelo buraco das fechaduras e pelas frestas das portas? Ora, o criado, que escutou e ouviu a scena entre Catharina e Maximiano, veio contar tudo *tintim por tintim*, á minha aia, que supponho ter lá não sei que commercios com elle; esta repetio-me tudo, interessando-se infinitamente pela duqueza. Mandeí pôr o carro e aqui estou para saber no-

ticias ; pois admitto que os meus criados m'as dêem, quando eu lh'as não peço ; mas a pedir-lhes é que eu não desço.

RÉMONIN

Pois então, minha fidalga, sabe tanto como nós ; e si eu fiz de discreto é porque em negocios destes é preciso discripção, salvo quando se é criado.

A SRA. DE RUMIÈRES

E' assim mesmo ; e desta vez fez *fiasco*, meu doutor !

RÉMONIN

Porque ?...

A SRA. DE RUMIÈRES

Porque a sua combinação chimica não prestou para nada ; ah ! ah ! ah ! o terceiro elemento—o reagente—foi um tanto violento demais ; o *vibrião* está-me com geito de triumphar e ameaça contaminar em breve as partes sãs. Os deoses, que deviam chegar, nem sequer telegrapháram que não podiam vir. Ah ! ah ! ah !

RÉMONIN

Diverte-a isso ?

A SRA. DE RUMIÈRES (*levanta-se*).

Não ; pelo contrario. Quero bem a esta menina ; já lh'o disse e repito. E demais, não fôra eu mulher para tomar partido pelo amor. Ponho-me, portanto, á disposição della ; creio até que nós outras — as mulheres — seremos todas a seu

favor, e que, si Maximiano morrer, diremos todas:  
« E' bem feito. »

RÉMONIN

Explendida oração funebre! E' de crer que  
lh'a recitem.

A SRA. DE RUMIÈRES

O sr. Gérard é dextro em armas?

RÉMONIN

Como um engenheiro.

A SRA. DE RUMIÈRES

Na escola polytechnica não ha curso d'armas?

RÉMONIN

Estudam-se de preferencia as mathematicas.  
Mas temos em nosso favor a consciencia.

A SRA. DE RUMIÈRES

Como nos Huguenotes : « No meu bom direito  
tenho confiança. » Gosto de ter por mim a consi-  
ciencia e esforço-me por obedecer-lhe sempre ;  
mas, em certos casos extremos, como o actual  
por exemplo, ou como o de um incendio, ou nau-  
fragio, não desprezarei tambem a coadjuvação  
de uma escada, ou de um escaler. O bom direito  
e a justiça, tão geralmente invocados, estão  
quasi sempre occupados algures ; no dia, em que  
delles precisamos, deixam de acudir ao nosso  
reclamo ; a consequencia é queimarmo-nos ou  
afogarmo-nos, o que não é das cousas mais con-  
fortativas. Sei bem que nos promettem segunda  
vida com a reparação das injustiças, de que

houvermos sido victimas, e dos martyrios, que nos cruciarem n'essa ; mas são justamente as promessas da segunda vida, que algum tanto me inquietam. Ha nellas excesso de prevenção das dôres deste valle de lagrimas ; seria preferivel a felicidade immediata neste mundo, embora fossemos julgados com alguma severidade mais no outro. Mas emfim, assim é que é, e não nos podemos oppôr. Em todo o caso, si me dissessem que o sr. Gérard é muito perito em armas, iria eu mais socegada.

RÉMONIN

Alguma cousa acontecerá talvez.

A SRA. DE RUMIÈRES

E' tenaz a sua confiança !

RÉMONIN

Tenacissima.

A SRA. DE RUMIÈRES

O acontecimento mais feliz, que podesse agora sobrevir, seria sempre uma desgraça. Si o sr. Gérard matar o duque, não poderá desposar a viuva.

RÉMONIN

Ella mudará de patria. A patria da mulher é o lugar, onde ama.

A SRA. DE RUMIÈRES

Pois, meu rico, presentemente descreio do senhor em tudo. Tinha-me promettido mostrar-me o tal sr. Gérard ; era tão facil ; e, ou eu morrerei, o u elle morrerá, sem eu o vêr.

RÉMONIN

Está enganada ; porque, si quizer demorar-se aqui alguns instantes, vêl-o-ha.

A SRA. DE RUMIÈRES

Vem ahi ?

RÉMONIN

Estamos à sua espera.

A SRA. DE RUMIÈRES

Na propria casa do marido ?

RÉMONIN

Casa, paga pelo sogro, que serve de testemunha contra o genro. No ponto, à que chegamos, não se attende mais às pequenas convenções da sociedade. Todas as tradições estão transtornadas. A situação tem a vantagem de ser clara e franca. De uma e outra parte ha odio e tinham promettido amar-se. O duque anhela matar Gérard e deshonnar a duqueza, de cuja innocencia está, aliás, convicto ; Gérard anhela matar o duque, cousa que lhe não será facil ; o sogro encarna-se contra o genro e a mulher contra o marido. E todos, ao verem tão esquipaticas situações, que só o casamento pôde crear, perguntam *una voce* si os solteiros avaliam bem a sua felicidade.

## SCENA III

Os mesmos e Catharina.

CATHARINA

Perdão, minha cara senhora.

A SRA. DE RUMIÈRES

Sou eu que devo desculpar-me por vir desaccommodal-a n'um dia, em que não costuma receber. Soube, porém, do que se passa; dir-lhe-ha Rémonin por que meio. E si não faz tenção de ficar aqui na occasião e depois do duello, venha para minha casa. A' vista d'este escandalo convém a abonação de uma senhora de alta sociedade e immaculada. Eu estou n'esse caso. Si a minha amiga estiver em minha casa ninguem lhe arremeçará pedras; são muito altas as minhas paredes. (*Mauriceau tem entrado e ouvido*).

CATHARINA

Obrigado, minha senhora! Tenciono ir para casa de meu pai.

A SRA. DE RUMIÈRES

E' natural; mas não basta. E' um pai, que toma o partido de sua filha; nada prova isso.

MAURICEAU

Tem razão, senhora marqueza, e estou sobremaneira penhorada pela honra, que me faz. Tu irás para sua casa, minha filha, e ella fará para contigo as vezes de tua mãe, a quem eu não soube substituir. (*Enternecendo-se um pouco*). Que autoridade teria eu em face da opinião publica? Não passo de um asneirão ridiculo e vulgar! Burguez basofio, rustico ambicioso, que acreditaste comprar por um sacco de escudos, como se compra uma courella, ou uma loja, a felicidade, a nobreza para teus filhos! Tiveste o que mereceste! minha filha amava um homem de bem; este homem tambem adorava-a. Era ca-

sal-os ; nada mais simples. Não n'ó entendi assim, nescio que fui ! E sou causa de que esse homem de bem vá talvez ser morto e de que minha filha morra ! E ainda ha gente, que de mim se compadeça ? Mas eu nenhum interesse mereço ; e todavia sou bem desgraçado ! (*Enxuga os olhos e cahe no sofá*).

CATHARINA

Meu pai !...

MAURICEAU

Deixa-me abraçar-te, minha pobre e adorada filha. Olha ; em presença da sra. de Rumières, tão boa para contigo ; em presença do nosso velho amigo Rémonin (e eu quizera que todos os pais de familia estivessem aqui para me verem) eu me prostro de joelhos, minha boa e querida filha, e peço-te perdão de todo o mal, que te hei feito, e de todo o mal, que te fizeram.

CATHARINA (*levantando-o e apertando-o nos braços*).

Meu pai ; meu pobre pai !

MAURICEAU

Não me perdões, não ; mas abraça-me assim mesmo. E demais tu sabes ; si não sobreviveres, após grandes angustias ; si quizeres morrer, eu irei sem demora ter contigo ; anda lá ; não ha de tardar !

A SRA. DE RUMIÈRES

Ora, vamos, sr. Mauriceau ! socegue.



MAURICEAU

Oh! estou socegado depois que ella me abraçou e eu chorei; precisava bem d'este allivio...

CRIADO (*anunciando*).

O Sr. Gérard.

MAURICEAU

Dê-me licença para lhe apresentar o Sr. Gérard. (*Apresenta*). A senhora marquez de Rumières.

A SRA. DE RUMIÈRES

Que sente muito gosto em conhecê-lo, senhor, pois consagra afeição e apreço á todos, a quem o Sr. Mauriceau estima e que o estimam. (*Para Catharina, abraçando-a*). Até á vista, minha filha; esta tarde a espero; é melhor que não passe a noite aqui. Rémonin e eu vamos agora para casa de seu pai tratar de tudo. (*Para Rémonin*). Galante rapaz! (*Para Mauriceau, que falla a Gérard*). Vamos, Sr. Mauriceau; preciso fallar-lhe. (*Sahem os tres*).

## SCENA IV

Catharina e Gérard.

CATHARINA

Ia dirigir-me á casa de sua mãe quando meu pai me disse que o senhor viria aqui.

GÉRARD

Assim o presumi; por isso vim. Não deve ir á casa de minha mãe, que móra comigo,

CATHARINA

Encontrou-se com o sr. des Haltes ?

GÉRARD

Encontrei-me.

CATHARINA

As testemunhas do duque ?

GÉRARD

O praso dado às minhas é esta noite.

CATHARINA

São...

GÉRARD

O sr. de Bernecourt e o Sr. Clarkson ; mas a este ainda o duque não tinha encontrado.

CATHARINA

E quando ?

GÉRARD

Sem duvida amanhã.

CATHARINA

Meu Deus !

GÉRARD

Não fallemos d'isso. Fallemos de nós. Que tenciona fazer ?

CATHARINA

Sahir d'esta casa.

GÉRARD

E depois ?

CATHARINA

Depois... conforme.

GÉRARD

Si eu sobreviver ?

CATHARINA

Casaremos.

GÉRARD

Ai ! impossível ! A separação é eterna, ainda que eu sobreviva.

CATHARINA

Por que ?

GÉRARD

Por que os homens tudo tem previsto na sua barbara moral, que não quiz indagar das causas e só tomou em linha de conta os effeitos. Prohibiram elles que o matador do marido esposasse a viuva, por não supporem senão o caso, em que o homicidio fosse um meio.

CATHARINA

Pois bem ; não serei sua mulher. Viva ; é o essencial. Quanto ás leis, que os homens estabeleceram, já me fizeram curtir tão crueis angustias, que nenhum caso mais faço d'ellas. Viuva, serei livre ; e como não tenho filhos, não devo contas de minha vida a ninguem.

GÉRARD

Mas, si eu succumbir ?

CATHARINA

Nem assim nos separaremos. Na vida, como na morte, sua sou. Si morrer, imital-o-hei para ficarmos immediata e eternamente juntos.

GÉRARD

Não.

CATHARINA

Quem m'ò hade impedir ?

GÉRARD

Eu.

CATHARINA

De que modo ?

GÉRARD

Ordenando-lhe que viva.

CATHARINA

Com que direito ?

GÉRARD

Com o direito, que se tem de dar uma ordem aos que nos amam na hora, em que se tem motivos de acreditar que se vai morrer. Si a morte separa, de que serve suicidar-se ? Si ella reune, para que apressar-se ? Quando se conta com a eternidade, que importam alguns dias de mais ou de menos, principalmente quando estes poucos

dias podem ser a consolação de outros entes, que vivem ?

CATHARINA

Que entes ?

GÉRARD

Seu pai.

CATHARINA

Meu pai !

GÉRARD

Seu pai, que se illudio, mas que a idolatra e soffre. Um erro não se expia com um delicto. Lembre-se de minha mãe que, nenhum erro commetteu, e a quem eu sacrifico. Quem ha de reparar o meu crime para com ella ? Si eu succumbir, si eu lhe arrebatár o filho, fique-lhe ao menos a filha.

CATHARINA (*atirando-se-lhe nos braços*).

Viverei.

GÉRARD

E agora, pobre e querida victima do erro humano, está bebido o calix até as fezes, e consumado o teu sacrificio. Si é vérdade que Deus, (como affirmam e eu creio), reúne em seu seio os que se amaram profunda e unicamente neste mundo, tu comparecerás ante seu conspecto com teu direito completo, por que terás aguardado a hora, que elle te houver fixado. Si amanhã, tentando matar outro homem, morrer eu de morte violenta, valer-me-ha a escusa de perder a vida

defendendo a honra e a liberdade daquella, a quem o proprio Deus tinha querido que eu me unisse, já que ella nutria por mim amor, igual ao meu. Eis ahi tudo, quanto n'este momento supremo devemos um ao outro dizer-nos ; eis ahi o que nos deve fortalecer as almas n'esta hora solemne, em que estamos em face do amor e da morte—esses dois pontos unicos por onde o homem toca o infinito. Quando, dois dias ha, tornei a ver-te ; quando eu acreditava ter ainda ante mim existencia longa, quiz que permanecesses pura, por que não eras livre. Bemdicto seja o Senhor ! Nada temos á increpar-nos. Poderemos — eu morrer, sem ter de que sintas remorsos,— tu viver, sem ter de que envergonhar-te. (*Beija-a na testa* ).

CATHARINA (*desprendendo-se-lhe dos braços*).

Parta. Gérard tem precisão de todos a sua força e coragem. Não quero que me veja chorar.

CRIADO (*entrando*).

O sr. Clarkson, a quem meu amo mandou chamar com pressa, pede para fallar-lhe.

CATHARINA

Previna ao sr. duque, que, bem vê, não está aqui.

CRIADO

O sr. duque não se acha nos seus aposentos, e o Sr. Clarkson, que se não póde demorar, pergunta si a sra. duqueza sabe de que se tracta ; e, no caso affirmativo, si quer fazer-lhe a honra de recebê-lo.

CATHARINA (*apòz um momento de reflexão*).

Mande-o entrar. (*Sahe o criado*).

GÉRARD

Para que o recebe ? E' uma das testemunhas do duque, e nas actuaes circumstancias.....

CATHARINA (*reflectindo*).

Elle pede para fallar-me..... O senhor vai ter com sua mãe ?

GÉRARD

Vou.

CATHARINA

Si eu tiver alguma cousa á communicar-lhe, poderão lá encontral-o ? (*Reflecte de novo*).

GÉRARD

Sim..... Em que está pensando ?

CATHARINA

Em nada. (*Aperta-lhe a mão*). Eternamente, não é assim ?

GÉRARD

Eternamente.

CATHARINA (*vendo Clarkson entrar*).

Vá !

CLARKSON (*á Gérard*)

Ah! estimo muito encontral-o, meu caro senhor. Dá licença, senhora duqueza que não deixe este

cavalheiro sahir sem lhe agradecer novamente o que elle me fez? Ia passar por sua casa. Já fiz, conforme as suas condições, a primeira experiencia, e sahi-me bem. Si formos bem succedido, será uma fortuna. E' muito natural que o senhor tenha tambem n'ella a sua parte.

GÉRARD

Parte, que recuso, senhor. Prestou-me outr'ora Mistress Clarkson um serviço de outra importancia; e isso, que eu faço agora, está longe de pagar o meu debito.

CLARKSON

Oh! Mistress Clarkson e eu somos duas pessoas distinctas. O senhor saldará suas contas com ella, como lhe aprouver; eu procederei como devo para com o senhor. Havemos ainda de nos encontrar antes de minha partida. (*Gérard comprimenta a Clarkson; depois aperta-lhe a mão e sahe*).

## SCENA V

Catharina e Clarkson.

CLARKSON

Peço-lhe perdão, senhora duqueza, de minha insistencia em vel-a; mas, ha pouco, ao entrar em casa, achei uma carta do sr. duque de Septmons, que, sem dizer de que se tracta, me pede, o mais breve possivel, uma conferencia. O sr. de Septmonts sahio. Dá-me a sra. duqueza licença para perguntar-lhe si sabe em que posso eu ser agradavel a seu marido?



CATHARINA

Suppunha que essa carta do sr. de Septmonts era explicita.

CLARKSON

Não.

CATHARINA

Enão incluía outra fechada, que elle depositára nas suas mãos ?

CLARKSON

Não.

CATHARINA

Isso é verdade, senhor ?

CLARKSON

Nunca minto, minha senhora ; sou um homem muito occupado, e isso me atrapalharia.

CATHARINA

A's vezes ha segredos, que é força guardar. Confiaria o duque essa carta a mistress Clarkson ?

CLARKSON

Si a houvesse confiado, ella m'ò diria quando lhe communiquei que recebêra uma carta do duque e que me dirigia para aqui.

CATHARINA

Quem sabe si ella lhe não diz tudo ?

CLARKSON

Não tem motivos para me occultar seja o que fôr.

CATHARINA

Sei que ella só nominalmente é sua mulher; disse-m'o hontem quando fui á sua casa.

CLARKSON

Deve ter-lhe muita afeição, porque a ninguem conta seus negocios.

CATHARINA

Engana-se; pois não me occultou que me detestava e me fazia todo o mal possivel.

CLARKSON

Mal á sra. duqueza! De que modo? O que é, que a senhora lhe fez!

CATHARINA

Nada. Ha dois dias ainda eu não a conhecia..... Nem sequer.....

CLARKSON

Sequer?

CATHARINA

Não é segredo meu, senhor; é d'ella, e só ella lh'o pode revelar. Quanto a essa carta, que o senhor duque affiançou a meu pai havel-a

remettido ao senhor, fui eu quem a escreveu. Saiba que me foi subtrahida, e que com ella me podem fazer todo o mal, com que mistress Clarkson me ameaçou.

CLARKSON

Urge saber já se ella está de posse d'essa carta. Vou pedir-lhe por escripto que venha immediatamente aqui para negocio importante. Quer a senhora recebê-la? (*Escreve, em quanto falla*).

CATHARINA

Porque não hei de querer?

CLARKSON

Explicar-nos-hemos todos. Fique na certeza, minha senhora, de que não contribuirei, da minha parte, para qualquer plano contra a senhora, nem contra pessoa de seu sexo, pois sou de uma terra, onde a mulher é alvo de todos os respeitos.

CATHARINA (*tangendo a campainha. E para o criado, que apparece*).

Mande levar esta carta..., Não n'a perca; não fui eu, foi aqui o sr. quem a escreveu. (*Sahe o criado*).

CLARKSON

E agora, minha senhora, sabe de que objecto me quer o sr. duque fallar?

CATHARINA

Esse objecto refere-se à minha pessoa; mas não me importa; são lá negocios do duque, e

elle lh'os dirá. Rogo-lhe apenas que exija minuciosas informações de tudo, e que tudo examine a fundo.

UM CRIADO

O sr. duque já voltou e pede ao sr. Clarkson que venha aos seus aposentos.

CLARKSON

Já vou. Adeus, minha senhora.

CATHARINA (*ao criado*). Espere. (*Para Clarkson*).

Si eu lhe pedisse um grande favor ?

CLARKSON

Falle, minha senhora.

CATHARINA

Si eu lhe supplicasse, para mandar dizer ao sr. duque de Septmonts que o senhor o espera n'este salão, e aqui mesmo conversassem ?

CLARKSON

Só isso ? Pois não ! (*Ao criado*). Diga ao sr. duque de Septmonts, que lhe rogo venha ter comigo a este salão. (*Sahe o criado*).

CATHARINA

E agora, vou doixal-o, senhor, pois, si não ignoro do que se vai tratar n'este colloquio, tambem sei que não posso nem devo a elle assistir. Aconteça o que acontecer, jamais esquecerei que o senhor fez tudo que pode para me obse-

quiar, e que é um perfeito cavalheiro. (*Comprimenta-o e sahe*).

CLARKSON (*só*).

E' interessantissima esta moça ; mas enforcado seja eu si entendo patavina destes mysterios.

## SCENA VI

Clarkson e Septmonts.

SEPTMONTS

Acabo de passar por sua casa, sr. Clarkson. Disse-me sua senhora que o senhor estava aqui. Vim prestes. Desculpe-me de o ter incommodado. Si, ao chegar, lhe pedi que fosse aos meus aposentos, no que sei que lhe augmentava o incommodo, foi por me terem dito que, não me havendo encontrado, estava á minha espera em companhia da duqueza, n'este salão, que é particular d'ella. E como o que temos a dizer só interesse a homens....

CLARKSON

Por isso a sra. duqueza, sabendo que o senhor voltára para a casa, se retirou.

SEPTMONTS

Foi ella quem disse ao criado que o senhor preferia fallar-me aqui?

CLARKSON

Não ; fui eu. (*Septmonts dirige-se á porta do quarto, pela qual sahira Catharina, e abaixa o reposteiro*).

CLARKSON (*à parte*).

Quantos mysterios e quantas precauções!

SEPTMONTS

Eis do que se tracta. Vou amanhã bater-me. O duello só terminará pela morte de um dos adversarios. Sou o offendido; cabe-me a escolha das armas; opto pela espada.

CLARKSON

Maneja-a bem?

SEPTMONTS

Creio não haver quem melhor esgrima em Pariz; mas um amigo, com quem conto para, com o senhor, servir-me de testemunha, é um grande discutidor de formulas; com elle os preliminares do duello pódem prolongar-se alguns dias e eu desejo tudo acabado logo.

CLARKSON

O certo é que os senhores dão em França a estas questiunculas importancia e solemnidade, que não comprehendemos—nós os Americanos—costumados a terminar taes negocios em cinco minutos na primeira esquina e diante de toda a gente.

SEPTMONTS

E' por isso que tomo a liberdade de convidal-o. Quer ser meu padrinho?

CLARKSON

Da melhor vontade. Mistress Clarkson, quando lhe communiquei a sua carta, recommendou-me

que tudo fizesse para lhe ser agradavel. Conhece-a ha muito tempo?

SEPTMONTS

Ha cerca de quatro annos, e moralmente devo-lhe muito; não o nego. Era solteira quando a vi pela primeira vez. Tinha eu certo dia perdido ao jogo consideravel quantia, uns 150 mil francos, que eu não possuia e que debalde procurei arranjar, pois já então estava arruinado. Mistress Clarkson emprestou-me generosamente aquella somma, que depois lhe paguei com juros, iguaes ao capital.

CLARKSON

Mas si o senhor estava arruinado, de que modo pôde pagar tão forte capital e tão avultados juros? Morreu-lhe pai ou mãe? Em França é grande recurso a morte dos parentes.

SEPTMONTS

Não; eu era orphão, e nada mais tinha que herdar. Casei-me.

CLARKSON

Ah! é verdade; os senhores têm mais em França esse recurso—o casamento de dinheiro! grande vantagem sobre nós, que só por amor nos casamos. Na America, em caso como o seu, emprehende-se seja lá o que fôr; vai-se ás minas, trabalha-se. Mas cada terra com seu uso... Peça-lhe desculpa de o haver interrompido. Afinal de contas, não tenho nada com essas historias. Voltemos ao nosso duello.

SEPTMONTS

Folgo muito, pelo contrario, de lhe fornecer todas as minuciosidades possiveis; á não ser

assim, poderia o senhor admirar-se, quando ao conferenciar com as testemunhas de meu adversario, visse que uma dellas é o sr. Mauriceau.

CLARKSON

Seu sogro ?

SEPTMONTS

Tal e qual.

CLARKSON

Testemunha de seu adversario? Contra o senhor? Esta é de se lhe tirar o chapéo!

SEPTMONTS

Sim; ha neste negocio circumstancias, que não se podem revelar a todos.

CLARKSON

Assim parece.

SEPTMONTS

A razão apparente do duello entre mim e o sr. Gérard...

CLARKSON

Como! é com o sr. Gerard que se vai bater?

SEPTMONTS

Conhece-o?

CLARKSON

Ha pouco tempo. E já antes mistress Clarkson, que tambem lhe prestára um grande serviço, me fallára d'elle. E' inaudito quantos serviços mistress Clarkson tem prestado nestas Europas. Ella salvou a vida do sr. Gérard.



SEPTMONTS

Pois não creio que esteja hoje nas mesmas disposições para com esse individuo.

CLARKSON

Quer-lhe mal? Porque?

SEPTMONTS

São tão caprichosas as mulheres!

CLARKSON

Dar-se-ha caso que Gérard esteja namorado della?

SEPTMONTS

As mulheres, em regra, não votam odio de morte aos que as requestam.

CLARKSON

Quando amam e não são correspondidas, é que mais se affeioam ao refractario. Não é por certo porque mistress Clarkson ame ao sr. Gérard, que o senhor quer bater-se com elle?

SEPTMONTS

Não; é porque elle teve o arrojo de amar outra pessoa, que me toca muito de perto.

CLARKSON

A duqueza talvez?

SEPTMONTS

Nada menos.

CLARKSON

E' uma senhora amabilissima, e eu comprehendendo isso.

SEPTMONTS

Tambem eu comprehendo ; mas não tolero.

CLARKSON

Si o sr. Gérard não gosa da ventura de ser correspondido, será puro amor platónico.

SEPTMONTS

Tenho em meu poder uma carta.

CLARKSON

Ah! tem uma carta ?

SEPTMONTS

Que prova ser elle amado.

CLARKSON

Isso agora é outro caso. Estou completamente às suas ordens. Sou dos que em taes materias não admittem contemplações.

SEPTMONTS

Mas ainda lhe não disse tudo, que tenho á pedir-lhe. Posso succumbir; cumpre tomar disposições. Si assim fôr, quero ser vingado.

CLARKSON

De que modo?

SEPTMONTS

Desejo que se publique esta carta.

CLARKSON

Ah! em que posso servil-o nisso?

SEPTMONTS

Confiar-lh'a-hei fechada. (*Tira a carta da algibeira*). Eil-a.

CLARKSON

Bem.

SEPTMONTS

Si sobreviver, o senhor m'a restituirá, tal qual. Si morrer, o senhor no processo, que se instaurar, ha de lêl-a no tribunal. Ficar-se-ha então sabendo que vinguei minha honra, sob um pretexto imaginario, ficando o sr. Gérard e a duqueza infamados, a ponto de nunca mais se poderem avistar.

CLARKSON

Ora, estando o senhor no outro mundo, que lhe aproveitará isso ?

SEPTMONTS

E' a minha vontade. Encarrega-se?

CLARKSON

Pois vá lá.

SEPTMONTS

Eis aqui a carta.

CLARKSON (*recebe-a, ficando com ella na mão*).

Mas agora reflecto que, ao tempo do tal processo é provavel, ou antes certo que eu já não esteja em França. Tencionava partir amanhã pela manhã, o mais tardar. Espaçarei a partida para amanhã á tarde, afim de lhe satisfazer a vontade e auxiliá-lo. Mas é tudo o que lhe posso fazer.

SEPTMONTS

Então terá a bondade de entregar essa carta a mistress Clarkson, com as recommendações, que lhe acabo de fazer. Passará assim à tão boas mãos, como as suas.

CLARKSON (*olhando para a carta*).

Muito bem. Involucro em branco. O que prova que esta carta seja endereçada ao sr. Gérard?

SEPTMONTS

O sobrescripto com o nome do sr. Gérard está ahí dentro.

CLARKSON

Achou esta carta?

SEPTMONTS

Achei-a....antes de ser deitada no correio.

CLARKSON

E, como estava desconfiado, abrio-a?

SEPTMONTS

Abri.

CLARKSON

Desculpe-me de interrogal-o assim; mas foi o senhor mesmo quem me fez a honra de declarar-me que desejava pôr-me ao facto de todo o negocio.....Sabia que as relações entre a duqueza e o sr. Gérard eram antigas?

SEPTMONTS

Anteriores ao meu casamento.

CLARKSON (*olhando para o lado do camarim de Catharina*).

Oh ! Oh ! o caso é grave.

SEPTMONTS

Amavam-se e queriam desposar-se; mas o pai não consentio.

CLARKSON

E o sr. Gérard almejava esse casamento ?

SEPTMONTS

Sim ; mas quando soube que a senhorita Mauriceau era millionaria, vendo que elle nada possuia, e que se chamava apenas Gérard, retirou-se.

CLARKSON

E' muito bonito o que esse moço fez. Não me admira.

SEPTMONTS

Sim ; mas voltou agora....

CLARKSON

E é amante de sua mulher ?

SEPTMONTS

Ah ! tanto não disse eu !

CLARKSON

Então o que é que diz ?

SEPTMONTS

Digo que para o processo é o mesmo que si fosse amante, pois da carta é facil induzir tal supposição.

CLARKSON

Oh ! Oh !

SEPTMONTS

Não é da minha opinião?

CLARKSON

Nem por isso. Compreendo que nos vingemos de quem nos faz mal : mas não de quem nol-o não faz. Não me soffre a paciencia que se tome vingança de mulher nenhuma, ainda que culpada seja, e muito menos sendo innocente e devendo-se-lhe muito, porque emfim o senhor duque deve muito á sua mulher; ( fique isto aqui entre nós ). Está explicado agora o porque o sr. Mauriceau tomou o partido da filha e até do sr. Gérard, convencido, como está da innocencia de ambos. O sr. Mauriceau sabe d'esta carta ?

SEPTMONTS

Sabe, e até quiz tirar-m'a á força.

CLARKSON

Porque não tirou ?

SEPTMONTS

Porque tive a presença do espirito de lhe dizer que a não possuia já, por havel-a remettido ao senhor.

CLARKSON

Engenhosa lembrança !

SEPTMONTS

Foi então que, tendo-me o sr. Gérard provocado, entendeu o sr. Mauriceau representar um

lance theatral, dizendo-lhe diante de mim. Serei sua testemunha.

CLARKSON

Acabou a historia ?

SEPTMONTS

Acabou.

CLARKSON

Pois então, meu caro senhor, para fallar-lhe franco, todas estas pessoas me parecem excellentes. Sua mulher parece-me victima de preconceitos, costumes, e ambições, de que nada entendemos nós, cá os selvagens da America. Em nossa sociedade, que não compararei á sua, porque datamos de hontem, si a menina Mauriceau se houvesse apaixonado por um bom rapaz, como Gérard, o pai a teria dado a elle e, em caso de recusa do pai, iria ella simplesmente casar-se em casa do juiz de paz do districto. Talvez o pai lhe negasse dote ; mas o marido trabalharia e os dois jovens seriam ditosos. O sr. Gérard é um homem de brio e de talento. Nós gostamos das pessoas, que trabalham ; e, sejam de que terra forem, consideramol-as logo compatriotas, provavelmente tambem por sermos selvagens. Comprehende, por tanto, o sr. duque o motivo por que eu não compartilho as suas idéas na questão, que ventilamos.

SEPTMONTS

Isso quer dizer ?...

CLARKSON

Que, si lhe dou esta explicação, é por que julgo comprehender que, fazendo-me a honra de me

escolher para sua testemunha, acreditou que a gente da minha terra era menos perspicaz, ou menos escrupulosa que a da sua. Em summa; imaginou que eu coadjuvava todas essas pequenas asquerosidades, que me acaba de referir com uma candura, que me assombra... Pois, meu caro senhor; enganou-se redondamente.

SEPTMONTS

E' a mim que está fallando?

CLARKSON

Pois a quem hade ser, si estamos aqui só dois? Mas si quer bastante gente manda-se chamar.

SEPTMONTS

Visto isso, diz-me em face?...

CLARKSON

Digo-lhe em face que esbanjar os bens que se herdaram; perder ao jogo dinheiro, que se não possui; receber sommas por emprestimo, de uma senhora, sem saber quando nem como lh'as pagará; casar para pagar as suas dividas e continuar as suas farças; vingar-se de uma innocente; roubar cartas; abusar da dextreza em armas para matar um homem; — digo-lhe em face que tudo isto é acção de um biltre; que consequentemente o senhor é um biltre, e o que me espanta é que antes de mim cincoenta pessoas lh'o não tinham já dito, e fosse preciso que eu andasse tres mil leguas para o esclarecer; porque o senhor nem tinha ar de comprehender nada disto, nem parece ficar ainda muito convencido.



SEPTMONTS (*contendo-se com grande difficuldade* ).

Bem sabe que eu não lhe posso exigir satisfação antes de terminar a minha contenda com o seu amigalhão Gérard. Está commettendo um vergonhoso abuso, senhor meu ; mas nós nos encontraremos. Para cá o meu papel.

CLARKSON

De vagar ! Si este papel é destinado ao sr. Gérard, a elle é que pertence, e a elle o entregarei. Agora, si elle quizer dar-lh'o, não porei obstaculo.

SEPTMONTS

O senhor hade bater-se; não ?

CLARKSON

Forte duvida ! quando quizer.

SEPTMONTS

Pois bem ; apenas eu tiver acabado com o outro, irei acabar com o senhor.

CLARKSON

Depois de amanhã então ?

SEPTMONTS

Depois de amanhã.

CLARKSON

Mas é que eu preciso seguir viagem amanhã de tarde, ao mais tardar.

SEPTMONTS

Pois espere, e para esperar ponha-se já d'aqui para fóra.

Que é lá isso? pois eu tenho ar de um farroupilha, a quem se enxota assim com um *passa fora*, e que vai sahindo.....Olhe bem para mim; não é difficil ver ao que eu estou decidido! Não quero que se meça com Gérard, antes de se ter batido comigo! Si Gérard o matasse privar-me-hia do gosto de cruzar ferro com um dos primeiros esgrimidores de Pariz, distracção aliás muito appetitosa, e si o senhor o matasse causaria irreparaveis desgraças. Si imagina que hei de deixar matar um homem, que me ensinou a economisar vinte e cinco por cento na lavagem do ouro, está enganado de meio a meio. Vamos lá; prove que é valentão e que se arrisca, sem certeza de superioridade. Vá-me buscar ao seu quarto um bom par de espadas, visto ser essa a sua arma predilecta (e a minha tambem), e siga-me por estes terrenos baldios, que servem de quintal a seu palacio.....Contemplando-os, ha pouco ao entrar n'esta casa, perguntava a mim mesmo porque razão os não aproveitariam. No coração da cidade valem chelpa grossa. Vamos agora fazel-os conhecidos. Servir-nos-hão de testemunhas e de arbitros do ponto de honra as pessoas, que passarem, si passarem.

SEPTMONTS (*dirige-se para a porta, estende a mão á campainha. Clarkson interpõe-se entre elle e a campainha*).

Ah! nada de campainha! Não façamos o papel dos fidalgos de Luiz XV, e nem tentemos mandar que a criadagem desanque o vilão, ou aliás, tão certo como eu chamar-me Clarkson, esbofeteal-o-hei diante de todos os seus lacaios.

## SEPTMONTS

Pois seja ; começarei pelo senhor.

CLARKSON.

Ora afinal! (*Consultando o relógio*). Poderei partir ainda esta tarde. (*Septmonts tem sahido; Clarkson desappareceu pelo fundo*).

## SCENA VII

Catharina só ; depois mistress Clarkson.

CATHARINA (*entre-abre o reposteiro ; olha para a porta, por onde os dois homens sahiram ; atravessa o salão, muito abalada, parando uma vez ; tange a campainha e faz um esforço para parecer tranquilla. Entra o criado. Com voz commovida*).

Diga a meu pai que eu lhe peço queira chegar immediatamente aqui. (*Olha para a janella e faz um movimento em direcção d'ella*). Não quero olhar ; não quero saber ; nada sei ; nada ouvi. Ninguem sabe o que me estão dizendo os minutos, que o ponteiro vai marcando n'aquelle relógio. Haverá entre elles um, que decidirá de minha vida ; eis-ahi tudo. Podia ter-me abtido de escutar, e então as coisas se succederiam, sem eu saber de nada, até me constar o exito. Debalde busco suffocar a voz da consciencia. O que estou fazendo é reprovado ; desde que sei, sou cumplice ; e si um d'estes dois homens fôr morto, sêl-o-ha com o meu consentimento. Não ; não devo ; não quero.... (*Corre para a porta ; apparece mistress Clarkson*). A senhora !

## SCENA VIII

Catharina e Mistress Clarkson.

MISTRESS CLARKSON

Não me esperava hoje, sra. duqueza? O sr. Clarkson communicou-me, ha pouco, por escripto que a senhora e elle precisavam fallar-me com urgencia.

CATHARINA

Mas depois que o sr. Clarkson lhe escreveu passou-se uma coisa, que nem pelo sr. Clarkson, nem por mim, nem mesmo pela senhora, que tudo prevê, poderia ter sido adivinhada.

MISTRESS CLARKSON

O que foi?

CATHARINA

Emquanto o duque explicava ao sr. Clarkson as razões, que elle julgava dever dar do duello, pela senhora provocado, o sr. Clarkson, que não achava essas razões nem sufficientes nem honrosas, tomou de subito a defeza de meu pai, de Gérard... do sr. Gérard e a minha e tomou-a tão violentamente, que á esta hora....

MISTRESS CLARKSON

Cruzam espadas?

CATHARINA

A poucos passos d'aqui.

MISTRESS CLARKSON

Ah! como isso é proprio de um Clarkson! (*Faz um movimento para a porta.*)

CATHARINA

E agora, senhora; cumpre obstar a esse duello.

MISTRESS CLARKSON

Para que?

CATHARINA

Não quero que, por minha causa, um d'esses dois homens seja morto.

MISTRESS CLARKSON

Tranquillise-se. Elles só fazem o que é do seu livre arbitrio. O jogo está feito (como dizem os banqueiros); deixem correr o marfim. Quantas vezes tem a senhora desejado a sua liberdade; não é assim? E tinha razão; não o dizia a ninguem, mas supplicava-o do amago do coração, á Aquelle, que tudo póde! Elle ouvia-a e, para salvá-la, serve-se de mim, que tentei perdê-la. E' justiça recta! Acaso me rebello eu, que sou vencida? Na partida, que jogo com o destino, cada vez que sinto Deus contra mim, curvo a cerviz, e largo o jogo. Não temo senão a Deus. Pronunciou-se elle a seu favor; não fallemos mais nisto. (*Vendo Clarkson entrar*). Olhe; está viuva!

## SCENA IX

Os mesmos e Clarkson.

CLARKSON

Sirva-se, minha cara Noemi, entregar este papel a sra. duqueza; ella sentirá talvez alguma confusão em recebê-lo directamente de mim. Força é, porém, que lhe seja restituído. Era, por certo, a derradeira vontade de seu marido; não

teve tempo de m'a declarar; mas creio ter lh'a adivinhado.

MISTRESS CLARKSON (*que se aproxima de Catharina, entregando-lhe a carta*).

Eu disse ao sr. Rémonin que, si perdesse a partida, perdê-a-hia com alma grande. Perdi; pago. Foi por mim que se fez seu casamento; por mim se desfaz. E agora, Clarkson, vamo-nos embora; és um excellente e bravo rapaz. Partirei contigo. Estou saciada da Europa; é tudo pequenino aqui. Has-de crer que estive em risco de apaixonar-me? Eia; partamos, aqui falta-me o ar.

CLARKSON

Vamos. (*No momento, em que se retiram, criados e policiaes, acompanhados de um commissario, apparecem apontando para Clarkson*).

## SCENA X

Os mesmos, Commissario, Criados, Policiaes, a sra. de Rumières, Rémonin, Mauriceau.

O COMMISSARIO (*á Clarkson*).

Perdão, senhor; houve aqui um homicidio.

CLARKSON

Homicidio não; duello.

COMMISSARIO

E foi o senhor.....

CLARKSON

Sim; fui eu. Vem prender-me?

COMMISSARIO

Sim, senhor.

CLARKSON

Que terra tão exquesita ! Estou prompto á  
acompanhal-o, sr. policial. Sou cidadão ameri-  
cano ; prestarei fiança ; mas antes de tudo a lei.

*Commissario*

MAURICEAU

Vou acompanhá-lo, senhor.

A SRA. DE RUMIÈRES

Que succedeu ?

RÉMONIN

Baixaram os Deoses.

A SRA. DE RUMIÈRES

Meu primo ?

RÉMONIN (*repetindo o que fez no 2º acto*).

Hu-u-u-u-u-u-u !

MISTRESS CLARKSON

Aqui estou eu, Clarkson, vou occupar-me de ti.

CLARKSON

De que modo ?

MISTRESS CLARKSON

Verás. (*Atravessa o theatro ; diz uma palavra  
ao ouvido do commissario, que a comprimenta  
respeitosamente e sahe*).

COMMISSARIO (*á Rémonin*).

O senhor é medico ?

RÉMONIN

Sim, sr. commissario.

COMMISSARIO

Quer ter a bondade de verificar e attestar o obito ?

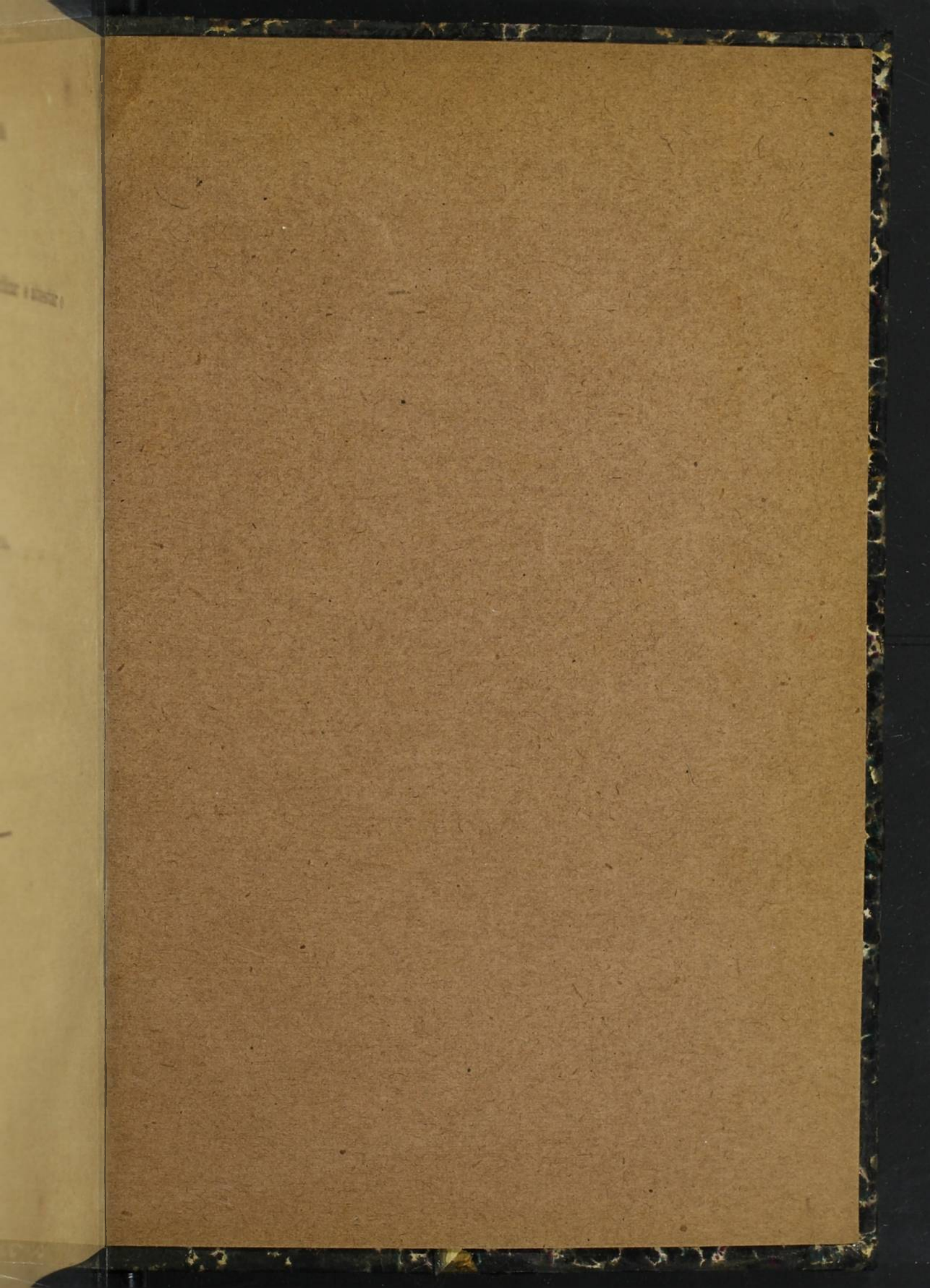
RÉMONIN

Estou á sua disposição.

FIM DA COMEDIA.







24002

